



Thaís dos Santos Souza

**EXPLORAÇÃO DO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NO BRASIL A
PARTIR DE UMA ABORDAGEM QUALITATIVA**

Mestrado em Criminologia

Trabalho realizado sob a orientação de
Professora Doutora Inês Maria Ermida de Sousa Guedes e Co-orientação de
Professora Doutora Carla Sofia de Freitas Lino Pinto Cardoso.

Porto
2018

RESUMO

Esta investigação procurou, através de um estudo de natureza qualitativa, explorar os significados atribuídos às experiências de (in)segurança. Concretamente, pretendeu-se compreender de que modo são construídos os significados de sentimento de insegurança e analisar a sua relação com os contextos físicos, temporais e sociais que o fazem emergir. Procurou-se ainda perceber o papel da vitimação indireta, focando, sobretudo a mídia no agravamento do sentimento de insegurança. A presente investigação teve como base o estudo português realizado por Guedes (2016), o qual adaptamos ao contexto brasileiro. Assim, realizaram-se entrevistas semiestruturadas a moradores de diferentes localidades do Brasil, por forma a compreender o que estes identificam como principais figuras sociais, contextos e situações da insegurança, além da forma como manifestam estas experiências. O estudo revelou que o significado atribuído às experiências de insegurança é moldado por respostas interpretativas a uma gama de contextos e outros elementos urbanos. De entre estes, destacam-se a ‘noite’ mas, também, alturas do dia em que não existe movimento de pessoas. Certas figuras de medo parecem ser também cruciais, tais como a do ‘motoqueiro’ e grupos de jovens que são identificados por características específicas como as suas vestimentas e atitudes. Por outro lado, foi possível identificar aspetos do ambiente social que são importantes para os indivíduos se sentirem seguros, tais como a coesão social, estar acompanhado e conhecer os espaços. Além disso, os resultados do estudo permitem desenhar o que é sentir medo para os sujeitos, sendo que aquele parece estar associado à ideia de perda de controlo, de falta de liberdade e a uma separação clara entre o certo e o errado. Estes e outros resultados serão discutidos ao longo da presente dissertação.

Palavra-Chave: sentimento de insegurança; medo do crime; contextos físicos, temporais e sociais; entrevistas qualitativas.

ABSTRACT

This research sought, through a study of a qualitative nature, to explore meanings attributed to insecurity experiences. Specifically, the intention was to understand how the insecurity feelings meanings are constructed and to analyze their relationship with the physical, temporal and social contexts that make them emerge. As a secondary goal, the study analyzed the role of the indirect victimization, especially the media as an aggravator agent for insecurity feeling. This research was based on Guedes (2016) study, in Portugal, and adapted to the Brazilian context. Therefore, semi-structured interviews were conducted in different locations in Brazil, in order to understand what individuals identify as main social figures, contexts, and situations of insecurity, as well as the way these experiences manifest. The present study reveals that the interpretive responses to a range of contexts and other urban elements have shaped the meaning of the insecurity experiences. Among these aspects, the fear of the 'night' and other periods of the day with a lower level of movements stand out. Other figures of fear were regularly mentioned such as the "motorcycle rider" and groups of young people who are identified by specific characteristics such as their attire and attitudes. On the other hand, it was possible to identify aspects of the social environment that are important to individuals feel secure, such as the social cohesion, walk in groups and the space knowledge. The insecurity feeling seems to be associated with the idea of loss of control, the lack of freedom and a clear distinction between which is right or wrong. These and other results will be discussed throughout this dissertation.

Key-words: feelings of insecurity; fear of crime; physical, temporal and social contexts, qualitative interviews.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa da minha vida. Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram de forma decisiva para a sua concretização.

Em princípio, agradeço a Deus, que colocou pessoas especiais no meu caminho, sem as quais certamente não teria dado conta.

Quero agradecer à minha orientadora, professora doutora Inês Guedes e à minha co-orientadora professora doutora Carla Cardoso pela disponibilidade, colaboração, apoio e conhecimentos transmitidos para a concretização deste trabalho. Ainda, gostaria de agradecer a mestre Josefina Castro que se mostrou sempre disponível para ajudar-me no processo de análise da grelha das entrevistas.

Em especial, quero agradecer as minha amigas, Camila e Mercedes pela amizade incondicional e pelo estímulo diário, mesmo quando o cansaço e a saudade pareciam nos abater estávamos sempre juntas ajudando, incentivando e reconfortando uma a outra nesta caminhada. A vocês expesso minha sincera gratidão. Ainda, quero agradecer, em especial, a minha amiga Erika, que mesmo longe sempre se mostrou presente nos momentos mais difíceis desta minha trajetória. Obrigada pela confiança e o carinho de sempre. Agradeço ainda ao meu amigo Erickson pela amizade e ajuda na redação do *abstract*.

Ao meu namorado, José Miguel, pelo carinho, amor, compreensão e apoio. Obrigada por estar ao meu lado na concretização deste sonho.

Aos meus irmãos e aos meus avós, Thiago, Matheus, Isabel e José (que não se encontra entre nós), meu agradecimento especial, por, a vosso modo, sempre me estimularam, confiaram e acreditaram no meu potencial de uma forma que eu não acreditava ser capaz de corresponder.

Por último, manifesto meu infinito e profunda gratidão aos meus pais, Aparecido e Maria Estela pela compreensão com a minha ausência e pelo apoio incondicional nos momentos difíceis que precisei enfrentar durante esta caminhada. A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento. Além disso, e acima de tudo, por me mostrar diariamente o meu potencial e força para ultrapassar qualquer obstáculo para conquistar meus sonhos. Muito Obrigada.

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	i
ABSTRACT	ii
AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE GERAL	iv
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Sentimento de insegurança: delimitação conceitual	3
1.2. Dimensões fundamentais que constitui o sentimento de insegurança	5
2. Fatores condicionantes do sentimento de insegurança	10
2.1. Fatores Sociodemográficos	10
2.2. Contextos Físicos	13
2.3. Contextos Sociais	21
3. Experiência de vitimação	25
4. Relação mídia e Experiência de Insegurança.....	28
Capítulo II – METODOLOGIA	30
1. Objetivos	30
2. Amostra (Participantes)	32
3. Método: Investigação Qualitativa.....	34
2.1. Estudos Empíricos no Sentimento de insegurança	36
4. Técnicas de Recolha de dados: Entrevista Semiestruturada	43

5.	Procedimentos e análise de recolha dos dados	46
Capítulo III – Resultados da análise de dados.....		48
1.	Manifestações de insegurança.....	48
2.	Fatores Germinadores da Insegurança: Contextos físicos, temporais e sociais	55
3.	Experiência de vitimação	77
4.	Mídia e sentimento de insegurança.....	81
Capítulo IV – Discussão dos resultados		86
Limitações		95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		96
ANEXOS		106
Anexo I: Guião		107
Anexo II: Consentimento Informado.....		109
Anexo III: Mapa 1- Localização da área da coleta da amostra		110

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, apresentada no âmbito do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, pretendeu explorar os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de (in)segurança. O presente estudo é uma adaptação de um estudo português (Guedes, 2016), que a partir deste realizou-se um estudo similar no contexto brasileiro.

O tema “segurança” tem ganhado grande relevo no cenário mundial devido a evolução do sentimento de insegurança que coloca em causa a segurança dos cidadãos. Diante deste cenário, surgiu a necessidade de se estudar este fenômeno, no entanto, os primeiros estudos acerca da insegurança e o medo do crime eram focados nos índices da criminalidade que se elevavam nos Estados Unidos da América (Gabriel e Greve, 2003). Todavia, o estudo deste sentimento focado somente nas taxas de criminalidade, embora relevante e plausível sob muitos aspectos, não é o suficiente para compreender e explicar o sentimento de insegurança. Nesse sentido, a literatura tem observado outros fatores, além da criminalidade, que conduzem este sentimento. Kuhn e Agra (2010), por exemplo, entendem que o sentimento de insegurança é um fenômeno bipartido, no qual se tem a insegurança objetiva e subjetiva, em que a primeira engloba o crime, a vitimação e os comportamentos desviantes e por outro lado, temos a insegurança subjetiva que consiste no sentimento de insegurança. Além desta definição, o sentimento de insegurança, embora havendo pouco consenso quanto à sua designação, é mais bem compreendido pela comunidade acadêmica como sendo um fenômeno que possui três dimensões: o medo do crime (dimensão emocional), a percepção de risco (dimensão cognitiva) e a reação do indivíduo frente à situações de perigo (dimensão comportamental). Assim, para explorar este sentimento, não basta somente uma leitura da realidade, mas sim, do modo como interpretam este fenômeno, a partir do sentimento que ele desperta, sejam eles as manifestações verbais, comportamentais, individuais ou coletivas. Portanto, o presente trabalho, explorou estas três dimensões do sentimento de insegurança a partir da relação entre os contextos físicos, temporais e sociais, além do papel da mídia no agravamento deste sentimento, para assim, compreender o significado atribuído ao sentimento de insegurança, que se mostra um fenômeno de fundamental relevância nos estudos atuais, sobretudo no que tange à segurança pública brasileira.

Assim, para compreender este fenômeno subjetivo, utilizamos o método qualitativo, através de entrevista semiestruturada, uma vez que esta metodologia permite captar a pluralidade de significados, as motivações, as aspirações, as crenças e as atitudes atribuídas às

experiências de insegurança dos indivíduos, através de um olhar panorâmico do investigador (Minayo, 2002). Além disso, este instrumento nos permitiu atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais associados às experiências de insegurança.

A estrutura do trabalho compõe-se por quatro capítulos principais, que se constitui por subcapítulos. O primeiro capítulo apresentará um enquadramento teórico sobre o tema em estudo. No segundo capítulo apresentaremos a metodologia utilizada na presente investigação, retratando os objetivos do estudo, o método utilizado, à constituição da amostra, o instrumento empregado e o procedimento e análise dos dados. No terceiro capítulo foram apresentados os principais resultados obtidos da análise para que no último capítulo apresentar a discussão dos resultados, retratando as limitações do presente estudo bem como as sugestões para investigações futuras. Após estas discussões apresentaremos as referências bibliografias utilizadas para a construção deste estudo.

Capítulo I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. SENTIMENTO DE INSEGURANÇA: DELIMITAÇÃO CONCEITUAL

Desde os anos 60, temos assistido a uma grande produção científica em torno da temática (in)segurança, isso porque, com o surgimento das grandes concentrações urbanas, impulsionou-se consigo o aumento dos índices de criminalidade, no qual acarretou mudanças substanciais do nível de insegurança nos indivíduos (Molero, 2002). Nesse sentido, com a instalação deste fenômeno dentro da cidade, houve uma crescente preocupação com os riscos e ameaças que a criminalidade e o medo do crime podem acarretar na vida dos cidadãos. Diante deste contexto, surgiu a necessidade de se investigar o medo do crime que se apresenta como um ‘agente influenciador’ (Castro, Matrak Filho e Monteiro, 2011) capaz de colocar em causa a garantia da qualidade de vida dos indivíduos. A literatura aponta que este sentimento implica nas mudanças de rotina, a aquisição de comportamentos de segurança, o enfraquecimento e a desorganização das estruturas sociais, excluindo determinados grupos sociais e até mesmo excluindo determinados locais (Garofalo, 1981; Hale, 1996; Skogan e Maxfield, 1981, Ferraro, 1995). Acarreta também na perda de confiança na eficácia da polícia em assegurar a segurança e a ordem social (Lourenço, 2010; Hale, 1996). Além destas mudanças negativas, Skogan e Maxfield (1981) pontuam que a manifestação física do medo envolve reações a nível fisiológicas que incluem batimento cardíaco, visão estreita, pressão alta e mudanças endócrinas. Já a nível psicológico, o medo do crime induz sentimentos de raiva, frustração e impotência (Warr, 2000; Ferraro e LaGrange, 1987). À vista disso, estudiosos da criminologia vêm buscando compreender como este sentimento evolui e que medidas podem ser feitas para combatê-lo (Roché, 1993; Leal, 2010; Lourenço, 2010; Lupton, 1999; Guedes, 2012). Mas para tanto, se faz necessário compreendermos e delimitarmos o conceito de (in)segurança.

Há que destacar que este sentimento é de difícil mensuração, uma vez que, por se tratar de um termo subjetivo, nos leva a caminhos abstratos da conduta humana, não podendo ser captada salvo através de imagens e representações construídas pelos indivíduos diante de uma situação de perigo real ou imaginário (Rico, 1992, p.41 cit. Castro, Matrak Filho e Monteiro, 2011, p. 94). Nesse sentido, a literatura acerca da temática em questão demonstra que não há um consenso claro entre os estudiosos sobre o que significa ‘sentimento de insegurança’ e qual a melhor forma de medi-lo. Alguns pesquisadores caracterizam este

fenômeno pelo medo e a preocupação com a ordem (e.g. Fustenberg, 1971; Roché, 1993; Lourenço, 2010). Roché (1993), por exemplo, ressalta que o sentimento de insegurança não é irreal ou imaginário, e sim um resultado da associação do aumento da criminalidade com o processo de construção social do crime como risco. Assim, o crime e o sentimento de insegurança andam de mãos dadas, uma vez que se julga que este sentimento quando associado às manifestações de angústia ou de ansiedade é fruto do crescimento exponencial do crime¹ (e.g. Roché, 1993; Lourenço, 2010). Nesta mesma perspectiva, J.-C. Chesnai (1981; 1992 cit. Lourenço, 2010, p. 8), ressalta que o sentimento de insegurança está associado a ansiedade cuja origem é dos processos de mudanças sociais que caracterizam a sociedade moderna e o alto índice de criminalidade é o reflexo mais visível destas mudanças.

Todavia, há quem entenda que o crime por si só não agrava o sentimento de insegurança e sim que este sentimento é uma resposta ao significado atribuído a alguns contextos sociais e físicos, isto é, é uma manifestação por meio de uma representação social e física do meio ligadas às práticas sociais (e.g. Brites, 2010; Dunstan *et. al.*, 2005; Guedes, 2016; Hunter, 1978; Lourenço, 2010). Molero (2002), por exemplo, ressalta que o sentimento de insegurança está intimamente relacionado à falta de comunicação e ao abandono dos espaços públicos, segundo a autora, a retirada dos indivíduos dos espaços públicos para espaços privados fruto desta insegurança, significa que o contato das pessoas com o meio ambiente é limitado e o controle sobre os espaços é perdido. Na perspectiva de Kuhn e Agra (2010) o sentimento de insegurança é um fenômeno bipartido, sendo composta por uma vertente objetiva e outra subjetiva. Em que a primeira constitui-se pelo próprio crime e por outros problemas sociais como desordens e delinquência juvenil e o segundo pela insegurança subjetiva que é o sentimento de insegurança. Já Gabriel e Greve (2003) compreendem que o afeto, a percepção cognitiva e alterações comportamentais, como a adoção de comportamento de autoproteção são reflexos do sentimento de insegurança. Nesta mesma linha conceitual, Skogan (2012) entende que, em parte, o sentimento de insegurança reflete componentes cognitivos e comportamentais, todavia, a designação deste sentimento é constituída por quatro pontos significativos. Três deles são de natureza cognitiva, em que tipifica a preocupação das pessoas com o crime, suas avaliações do risco de vitimização e a ameaça no seu ambiente. E a quarta se prende na linha comportamental, em que é marcada pela percepção da probabilidade de ser vítima de um delito e a sua resposta face ao crime.

¹ Roché (1993) e Lourenço (2010) entendem que esta manifestação de inquietação, angústia ou ansiedade é consequência da preocupação com a ordem e o medo cristalizado no crime, isto é, é reflexo da criminalidade.

Não obstante, há que destacar que diante destas divergências de perspectivas na construção sólida de um conceito do sentimento de insegurança, Guedes (2012) em seu estudo realizado em Portugal, nos chama a atenção à apreciação de três dimensões fundamentais, que constitui a designação do sentimento de insegurança. Segunda a autora, esta designação na qual adota em seu estudo, obtêm um consenso da comunidade científica e traduz-se em medo do crime, que representa uma componente emocional; a percepção do risco, que constitui uma componente cognitiva e a conduta do indivíduo face à situação de perigo (e.g. comportamento de evitamento, proteção ou autodefesa), que corresponde a componente comportamental. E para a constituição do objetivo deste trabalho, adotaremos esta mesma designação defendida por Guedes (2012).

1.1. Dimensões fundamentais que constitui o sentimento de insegurança

Como referido anteriormente, no presente trabalho iremos adotar a designação que a comunidade acadêmica tem defendido de forma consensual, que consiste na ideia de que a insegurança é constituída por três dimensões (medo do crime; percepção de risco e a reação do indivíduo frente à situação de perigo) (Guedes 2012; Santos Júnior, Dutra, Silva Filho, 2007, p.98). Mas no que consistem exatamente estas três dimensões? Vejamos a seguir os pormenores das caracterizações destas três dimensões.

Medo do Crime

Os estudiosos sobre a temática medo descrevem que todos os seres vivos ao enfrentar uma ameaça têm a reação de fuga ou de agressão (Bauman, 2008). No caso dos seres humanos, Bauman (2008) pontua que há

uma espécie de medo de ‘segundo grau’, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado” ou (como o chama Lagrange em seu fundamental estudo do medo) um medo “derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), que haja ou não uma ameaça imediatamente presente. O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade (p. 9).

Nesta ótica, compreendida pela literatura como multifacetado e dinâmico, o medo do crime, também conhecido no meio acadêmico como *fear of crime*, enquanto componente emocional é compreendido como uma junção de reações emocionais negativas condicionadas

pelo crime ou por símbolos associados à criminalidade (Ferraro, 1995; Ferraro e LaGrange, 1987). Não obstante, Feldman (1993, p. 78 cit. Machado, 2004, p. 20) ressalta que o medo do crime é uma resposta à possibilidade, ou à experiência real de vitimação, que consiste no aumento da criminalidade. No entanto, embora este sentimento esteja intimamente relacionado com as taxas de criminalidade, não pode ser bem compreendido como uma mera função destes atos desviantes (Zedner, 1997, p.587 cit. Machado, 2004, p. 37; Skogan e Maxfield, 1980). Na perspectiva de Vandervee (2011) o medo do crime pode ser designado como uma construção social, o que significa dizer que este sentimento é produto de circunstâncias culturais, sociais ou contextuais. Nesta mesma linha conceitual, para alguns estudiosos, o medo não está relacionado somente a emoções induzidas pelo crime, trata-se de uma resposta ao ambiente percebido, ou seja, é a sensação de alarme despertada através da interpretação que se tem dos elementos do ambiente e a ameaça que dele se faz (Brites, 2010; Guedes, 2016; Hunter, 1978; Warr, 2000; Jackson, 2006, Innes, 2004). Warr (2000), por exemplo, pontua que o medo não é uma percepção, mas sim uma reação ao ambiente percebido, ou seja, uma sensação de alarme despertada pela consciência ou expectativa de perigo. Jackson (2006) demonstra um modelo de inquietação com o crime, que se construiu através de uma perspectiva psicológica. Para o autor, essa inquietação com o crime compreende, ao mesmo tempo, em uma avaliação emocional de uma situação imediata, isto é, de elementos no ambiente que os indivíduos interpretam como possível ameaça.

Diante deste cenário, Hale (1996) em seu artigo “*Fear of crime: a review of the literature*”, nos chama à atenção para as consequências deste sentimento. Para o autor, o medo do crime vai além de um sentimento profundo de ansiedade, pois ao ser levado ao extremo, o medo possui um forte impacto em nível individual quanto em nível social, uma vez que pode estimular emoções adversas nas pessoas, como a indução ao sentimento de isolamento e vulnerabilidade, que por vezes produz uma perda significativa na qualidade de vida dos indivíduos. Ademais, além do impacto negativo na qualidade de vida dos indivíduos, entende-se que a insegurança e o medo podem conduzir a desconstituição da vigilância natural oriunda da comunidade, uma vez que com a aquisição de comportamentos de proteção e evitamento os sujeitos se isolam do meio social, rompendo os laços sociais, podendo levar ao declínio o que Sampson (2012) intitula de ‘coesão social’². Para o autor, a ruptura desta

² Segundo Sampson (2012) a coesão social ou eficácia coletiva é um atributo da comunidade, no qual é constituída a partir da percepção de confiança entre os moradores, construindo uma relação social sólida entre os moradores e o outro sobre o controle da comunidade face às condutas consideradas impróprias (resposta eficaz frente à incivilidade).

coesão social (ou eficácia coletiva), é uma importante variável para o aumento gradual dos números de criminalidade em espaço urbano.

Percepção do Risco (ou Risco percebido ou Risco subjetivo)

No campo da percepção do risco chamaremos à atenção para como os sujeitos julgam o que é perigoso. Para alguns estudiosos da área, a percepção é um fenômeno que é interpretado como uma consequência do medo que se tem de determinadas situações. Esta componente, enquanto elemento cognitivo é denominada na literatura como uma avaliação cognitiva, baseada em julgamento subjetivo do risco de ser vítima de um delito (Mesch, 2000; Rountree e Land, 1996, Slovic, 1987).

Há quem entenda que a percepção do risco é construída socialmente (Douglas, 1996; Lupton, 1999, Innes, 2004), isto é, através de influências direta e indireta de fatores sociais e culturais que contribuem na constituição da percepção do que é perigoso. O reconhecimento destes fatores no meio pode ser exemplificado pelo perfil das casas, lugares ermos, ruas sujas e escuras e bairros degradados que possuem um potencial de perigo na ocorrência de crimes (Mesch, 2000). Em outras palavras, a percepção individual e coletiva dos riscos refere-se às nossas expectativas de proteção que obtêm consequências significativas no cotidiano dos sujeitos (Crawford e Hutchinson, 2015).

A literatura aponta que esses fatores são caracterizados pelos julgamentos estéticos, contextos sociais e físicos, imagens semânticas, valores, crenças, impacto da comunidade (e.g. a mídia) e na confiança nos órgãos que gerenciam a segurança (Slovic, 1987). Ferraro (1995), ao procurar entender como as pessoas constroem julgamentos sobre os níveis de risco criminogênico, aplica um modelo de interpretação de risco. Este, ao fazê-lo, busca diferenciar o medo, cuja resposta é emocional ao perigo, e o risco, que se trata de uma resposta cognitiva a ameaças e perigos. A partir de seus estudos, o autor concluiu que para entender como e porque o medo surge é fundamental o processo de percepção de risco, uma vez que este é o mais forte preditor do medo do crime e dos comportamentos restritivos. Ademais, há que sublinhar que a percepção de risco na concepção interacionista é uma resposta àquilo que o indivíduo interpreta como perigo e ameaça, entretanto, para acioná-la depende de como os sujeitos interpretam e definem as pessoas, lugares, espaços, ator e encontros sociais experienciado em suas vidas cotidianas (Innes, 2004).

Reação do indivíduo face à situação de perigo (Adoção de Comportamento)

A comunidade acadêmica, após identificar os possíveis fatores que agravam o sentimento de insegurança, tem-se questionado na forma como é manifestado este sentimento. Para responder esta problemática, estudos tem examinado a relação entre o medo do crime, o risco percebido e o comportamento restritivo dos indivíduos (Ferraro, 1995).

Ao buscar compreender o fenômeno do medo do crime buscou-se identificar o processo de percepção do risco dos sujeitos, uma vez que se tem considerado um fator fundamental tanto para o aumento gradual do medo quanto da adoção dos comportamentos restritivos (Ferraro, 1995). Diante disto, a resposta dos indivíduos frente ao crime, reflete nos aspectos comportamentais e não somente cognitivos da atitude, isto porque, o medo é mais bem avaliado pela forma como se manifesta, por exemplo, se as pessoas saem depois de escurecer, se restringe sua rotina a áreas que consideram seguras, se adquire equipamentos que fortalecem suas residências contra possível invasão e até se evitam contato com estranhos (Skogan, 1999; Guedes, 2016; Crawford e Hutchinson, 2015).

Para a concretização do estudo desta componente comportamental do sentimento de insegurança, Crawford e Hutchinson (2015) nos chama à atenção a compreensão do ‘cotidiano’, isto é, para os autores, compreender bem a ideia de ‘cotidiano’, fornecerá um ponto crucial para expor diferenças nas vulnerabilidades e na própria insegurança, bem como explorar as escolhas e percepções que os sujeitos fazem para governar sua própria segurança, podendo por vezes, controlar os fluxos de insegurança e responder de forma adequada aos riscos. Assim, autores como Ferraro (1995), tem nos advertindo que o medo do crime é predeterminado pelo comportamento restritivo, risco e fatores ambientais. Este comportamento é traduzido pela combinação do comportamento de defesa (ou proteção) e evitamento, como evitar certos locais em certos horários, alterando diariamente rotinas para assim promoverem segurança para si e para outros enquanto se esforçam para viver com as suas inseguranças (Crawford e Hutchinson, 2015).

Não obstante, Furstenberg (1971) nos chama a atenção a um ponto interessante, que é a preocupação de residentes de áreas de alto índice de criminalidade. O autor observou que estes residentes para reduzir suas chances de vitimação, adotam comportamento tanto de proteção quanto de evitamento, em que a primeira é associada ao nível pessoal, que representa às instalações de sistemas de vigilância nas residências, pedir ao vizinho que olhe a casa enquanto estiver fora e outras aquisições e meios de se protegem e o segundo é associado ao nível social, que consiste em evitar locais, situações e até mesmo pessoas ligadas ao crime

(Crawford e Hutchinson, 2015; Guedes, 2016; Liska, Sanchirico e Reed, 1988 cit. Guedes, 2012, 2016; Perez, 2007 cit. Castro, Matrak filho e Monteiro, 2011). Na perspectiva de Brites (2010) a aquisição destes comportamentos está associada à procura de uma melhor qualidade de vida que às vezes é intimidada pelas concepções do que se entendem como incivildades. Nesta mesma linha, Crawford e Hutchinson (2015) entendem que, em parte as práticas de segurança diária são formas para controlar e gerenciar sua própria segurança. Todavia, sentir-se seguro não retrata somente ausência de danos diretos no momento de uma possível vitimação, mas também, garantias de que as condições que sustentam a nossa segurança persistirão no futuro.

Além disso, há que destacar que o processo de aquisição de comportamentos de segurança pode ter efeitos distintos quando relacionados a outros ambientes e outros espaços, isto é, as práticas segurança habitual sofrem alterações dependendo do espaço ou ambiente (Crawford e Hutchinson, 2015). Numa perspectiva brasileira, Caldeira (1996) em seu estudo sobre a segregação pontua que a cidade de São Paulo:

hoje é uma cidade feita de muros. Barreiras físicas são construídas por todo lado: ao redor das casas dos condomínios, dos parques, das raças, das escolas, dos escritórios. A nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância (1996, p. 303-28).

Além das respostas individuais (isto é, o comportamento de prevenção ou defensivo), Skogan (1999) pontua que uma das consequências mais importantes do medo do crime é aquela que resulta em respostas coletivas ao crime. Segundo o autor, no nível político, observa-se que as medidas de controle do crime são mais bem previstas pela ruptura do crime do que o crime real, por mais medido que seja. Nesta mesma linha, Guedes (2016) observou em seu estudo, que em parte as experiências de insegurança obtêm componentes comportamentais, que subdivide em comportamento de evitamento e de proteção, que são oriundos quando não há confronto com o possível agressor. Todavia, a pesquisadora observou que o sentimento de insegurança não é somente manifestado por estas duas reações, isto é, a componente comportamental não se restringe nos comportamentos no qual não há contato com o ofensor, pelo contrário, há também, a adoção de comportamentos quando há aproximação ou confronto com o possível ofensor. Deste modo, as experiências de insegurança são na verdade uma variável relevante para o emprego destes comportamentos, que são desenvolvidos através de estratégias tanto defensiva quanto de evitamento para os

sujeitos se sentirem um pouco mais seguros diante das desordens físicas e sociais do seu cotidiano.

2. FATORES CONDICIONANTES DO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

Após uma revisão na literatura em busca de estruturar um conceito sólido de sentimento de (in)segurança, importa debruçarmos nas possíveis componentes germinadoras deste sentimento. Como é sabido, a potencialização dessa insegurança pode originar-se de diversos fatores, tanto de forma isolada quanto em combinação (Guedes, 2016; Hale, 1996; Jackson, 2006; Koskela e Pain, 2000; Lupton, 1999; Machado, 2004; Pain *et al.*, 2000; Warr, 2000).

Estes fatores que desencadeiam o medo estão relacionados com a ideia de vulnerabilidade (física, psicológica ou econômica), fatores demográficos e sócio-psicológicos, tais como o sexo, a idade, posição social, etnicidade e a experiência de vitimação direta e indireta (Brites, 2010; Castro, Matrak Filho e Monteiro, 2011; Guedes, Cardoso e Agra, 2012; Rountree e Land, 1996). Todavia, a comunidade acadêmica, de forma consensual, entende que além dos fatores relatados acima há também relação dos contextos sociais e físicos no agravamento do sentimento de insegurança e esta relação está associada a situações criminogênicas e os seus contextos (Brites, 2010; Dunstan *et al.*, 2005; Guedes, 2016; Hunter, 1978; Leal, 2010; Lupton, 1999; Machado, 2004; Pain *et al.*, 1999; Taylor, 1996). Há que sublinhar que, à vista disso, o sentimento de insegurança tem sido compreendido como dinâmico e contextual, uma vez que o significado atribuído a estes contextos está em constante mudança, por se desenvolverem através de emoções, fatores temporais, familiaridade ou desconhecimento de uma área, movimento de pessoas em um determinado local e momento e experiências pretéritas (Crawford e Hutchinson, 2015; Manzo, 2005 cit. Brites, 2010; Day *et al.*, 2003; Guedes, 2016).

2.1. Fatores Sociodemográficos

Para explicar o fenômeno da insegurança alguns estudiosos relacionam este sentimento com as características sociodemográficas (idade, gênero e posição social) dos indivíduos (Brites, 2010; Guedes, Cardoso e Agra, 2012; Hale, 1996; Skogan, 1987; Rountree e Land, 1996). Vejamos a seguir os pormenores destes fatores.

Gênero

O gênero tem sido um indicador representativo na percepção do sentimento de insegurança, tendo a ideia de vulnerabilidade como seu melhor preditor. Muitas pesquisas têm observado que esta sensação é mais significativa no sexo feminino do que no sexo masculino, isto porque tem-se a percepção de que as mulheres são mais vulneráveis, sendo portando, consideradas vítimas ideais aos olhos de um criminoso (Madriz, 1997 cit. Rodrigues, 2017; Ferraro, 1996; Fernandes e Oliveira, 2012; Machado e Agra, 2002; Hale, 1996; Reid e Konrad, 2004). Diante disto, as mulheres demonstram serem mais cautelosas do que os homens, pois são mais propensas a sentirem medo por causa da sua vulnerabilidade física e social (Hale, 1996), isto é, são incapazes de se defenderem frente a um ofensor (Fattah, 1993; Ferraro, 1995; Warr, 1993), diferente dos sujeitos do sexo masculino, que se sentem capazes de lidar e assumirem o risco com potenciais conflitos (Day *et al.*, 2003; Walklate, 1998). Alguns pesquisadores (Walklate, 1998; Stanko e Hobdell, 1993), começaram a questionar a validade das informações de que as mulheres têm menos risco de serem vitimadas, entretanto, expressam mais medo do que os homens. Isto ocorre, pois, ao analisar as taxas de criminalidade e os inquéritos de vitimação, observa-se que as mulheres têm um risco de vitimação inferior em relação aos homens, porém, apresentam níveis elevados de medo quando comparado ao sexo oposto (Hale, 1996). Mas como explicaram este paradoxo? Como dito anteriormente, a primeira resposta a esta questão foi quanto à vulnerabilidade, no qual estudos retratam que as mulheres têm mais medo pela sua percepção elevada de vulnerabilidade física e pessoal (Hale, 1996; Skogan e Maxfield, 1981). Outra explicação que se deu foi o fato de que as mulheres têm mais medo porque são mais propensas a terem situações que ameaçam a sua segurança, principalmente no caso de alguns crimes que são tipicamente exclusivos das mulheres, como os crimes domésticos e crimes sexuais (Ferraro, 1995; Stanko, 1995 cit. Hale, 1996, p. 98; Reid e Konrad, 2004) e por fim, a ideia de que, para as mulheres, qualquer vitimação poderia resultar em estupro ou agressão sexual, assim, o medo de estupro, por exemplo, resulta em níveis mais elevados de medo em relação a todos os crimes. Esta última explicação foi explorada por alguns estudiosos (Warr, 1984, Hilinski, 2009, Ferraro, 1995, Fisher e Sloan, 2003). Ferraro (1995) foi o primeiro a formar a tese “*Shadow of Sexual Assault*”, cujo entendimento é de que o medo das mulheres de estupro e agressão sexual aumenta o medo de crimes não sexuais, pois entendem que qualquer tipo de vitimação (por exemplo, roubo ou assalto) pode se transformar em um estupro ou agressão sexual (Hilinski, 2008). Anos mais tarde, Hilinski (2009), através de uma análise de regressão

multivariada, examina a tese “*Shadow of Sexual Assault*” entre estudantes de faculdades e universidades que usam medidas de medo específico, considerando ambas as situações temporais (ou seja, o período do dia e à noite) e o relacionamento vítima-infrator (ou seja, estranho ou conhecido). O autor avalia o impacto do medo de pessoas estranhas e violação perpetrada por alguém conhecido e agressão sexual ao medo das mulheres de crimes não sexuais (exemplo, furto, roubo, agressão simples). Assim, os resultados de seu estudo indicam que o medo das mulheres de estupro e agressão sexual impacta seu medo de crimes não sexuais, especificamente roubo, agressão simples, assalto, através de situações temporais e relações vítima-agressor. Por fim, para a resolução deste paradoxo, tem-se, em parte, a indisposição dos homens em reportarem os seus medos e vulnerabilidade (Stanko e Hobdell, 1993; Walklate, 1998). Além disso, essa sensação de insegurança experienciada pelas mulheres tem sido mais acentuada frente ao crime de agressão sexual e violência doméstica, pois embora reportem menor taxa de violência, elas sofrem as mais altas taxas de agressão sexual (Sacco, 1990 cit. Hale, 1996; Warr, 1985 cit. Hale, 1996; Grabosky, 1995 cit. Guedes, Cardoso e Agra, 2012; Reid e Konrad, 2004). Além disto, esta variação entre os gêneros e o sentimento de insegurança é também fruto de uma ideia enraizada nos processos históricos atribuídos ao sexo feminino e masculino em diferentes domínios sociais (Sacco, 1990, p. 495 cit. Hale, 1996; Walklate, 1998).

Idade

Os estudos que associam o sentimento de insegurança e a idade constataram uma oscilação no sentimento de insegurança dos indivíduos com o passar do tempo, evidenciando que os sujeitos com idade mais avançada demonstram mais insegurança quando comparado com os mais novos, uma vez que se associam a suas vulnerabilidades devido às suas limitações físicas frente ao crime (Akers *et.al.*, 1987; Brites, 2010; Hale, 1996; LaGrange & Ferraro, 1989; Pain, 1995, 2001; Skogan & Maxfield, 1981; Skogan, 1987; Warr, 1993). Isto ocorre, pois a recuperação física dos sujeitos idosos comparado com o jovem é longa, retratando sua vulnerabilidade. Além disso, conforme dados oficiais, este grupo, assim como as mulheres, são menos vitimados, este paradoxo é explicado pelo ‘*paradoxo medo-vitimação*’ abordado na seção gênero (Ferraro, 1995; Guedes, Cardoso, Agra, 2012). Em contrapartida, alguns estudos fogem a esta ‘regra’, no qual pontuam que os sujeitos com idade mais avançada demonstram ter menos medo do que comparado com os mais jovens (Gomme, 1988 cit. Guedes, 2012; Lagrange e Ferraro, 1987; Rountree e Land, 1996). No entanto, há

que sublinhar que este medo que ora discutimos é referente aos crimes contra o patrimônio, assim de modo geral, o sentimento de medo experienciado pelos sujeitos mais velhos são menores quando o crime é contra o patrimônio (Fernandes e Oliveira, 2012).

Fatores Socioeconômicos

Com base em evidências empíricas, os fatores socioeconômicos, tais como as minorias étnicas, classe social e nível de escolaridade aparecem como sendo um fator significativo na explicação do medo do crime. Isto porque, constatou-se que os indivíduos com estas características demonstram altos níveis de medo do que os ricos, brancos e sujeitos mais instruídos (Hale, 1996). Autores como Clemente e Kleiman (1977) buscaram em seu estudo analisar a relação de cinco variáveis ao medo do crime, sendo elas o gênero, a raça, a idade, status socioeconômico e o tamanho da comunidade. O resultado deste estudo quantitativo indicou que o gênero e o tamanho da comunidade é um forte indicador do medo e a diferença de idade, renda e educação não são tão substanciais, mas são, no entanto, aparentes, ou seja, são fatores que demonstraram pouca importância no medo, porém estão presentes.

Entretanto, há que sublinhar que diferente do que foi constatado no estudo dos autores Clemente e Kleiman (1977), o nível de escolaridade e renda são fatores que alteram significativamente o nível de medo dos indivíduos. Isto é bem retratado por Hale (1996), no qual pontua que os altos níveis de medo dos sujeitos mais carentes, com renda baixa, se justificam por estes viverem em áreas urbanas mais pobres, onde as incivilidades são altas, bem como o risco de vitimação. Além disso, a vulnerabilidade material e social, segundo o autor, demonstra uma incapacidade de lidar com uma vitimação tanto individual quanto comunitária, potencializando o medo do crime dos indivíduos.

2.2. Contextos Físicos

No que tange a relação entre o contexto físico e o crime, observamos que seu estudo vai além da Criminologia Tradicional que consiste em compreender os elementos sociais e psicológicos que conduzem o indivíduo a se tornar um criminoso. Com a complexidade e extensão do tema, surgiu a necessidade de se investigar esta relação através de novos estudos vinculados a Criminologia Ambiental, que busca estudar as características do ambiente que podem conduzir a situações criminosas.

Mas o que tem esta área de estudo que supre as lacunas da Criminologia Tradicional para o estudo da relação do contexto físico e o crime? Para a resolução desta questão,

especificamente, importa-nos voltarmos no início do século XX, época em que houve um crescimento alarmante da cidade de Chicago. E diante a este crescimento, a Escola de Chicago se deparou com uma nova linha de estudos que usufrui de uma perspectiva ecológica, cujo fundamento se prende a ideia de que a ‘conduta humana é moldada pela organização ou *design* do espaço’ (Watts, Bessant e Hill, 2008, cit. Guedes, 2012, p. 25). A preocupação que se obteve diante deste contexto era além dos riscos criminais reais que este crescimento da cidade poderia trazer. Os estudiosos identificaram que a percepção de segurança não estava somente ligada aos altos índices de criminalidade, mas também ao ambiente em que era experienciado, pois apesar de partir de um medo fruto da criminalidade, o sentimento de insegurança gira em ‘*torno dos signos espaciais e sociais de desordem*’ (Rêgo & Fernandes, 2012). E para tanto, a Criminologia Ambiental era uma peça-chave para a compreensão desta relação, tendo em vista sua designação e ferramentas que oferecia. Portanto, esta área da criminologia por obter uma abordagem que não se prende apenas à exploração dos padrões criminais, pelo contrário, para além disso, ela propõe a estudar os elementos do ambiente que podem contribuir para a incidência de delito, ela se torna a ferramenta essencial para a reflexão empírica e crítica da relação contexto físico e crime no meio social. Isto porque, entende-se que o crime não ocorre do nada, eles estão intrinsecamente ligados à concepção e às características do espaço físico (Branstingham; Branstingham, 1981 cit. Guedes, Cardoso e Agra, 2012, p. 220).

Além disso, os significados atribuídos às características do ambiente físico pode ser uma grande agravante na sensação de insegurança (Brites, 2010; Dunstan, *et al*, 2005; Guedes, 2016; Hunter, 1978; Jackson, 2006; Taylor, 1999). Goffman (1971 cit. Guedes, Cardoso e Agra, 2012, p.221) chama-nos à atenção ao fato de os sujeitos estarem sempre à procura de sinais ou alarme de perigo no seu ambiente. Isto ocorre, pois a experiência que o indivíduo adquire em um espaço determinado, o capacita a detectar, interpretar e responder às pistas de perigo. Estas, segundo Fisher e Nasar (1995), funcionam como sinais prévios de aviso que podem desencadear o sentimento de medo no indivíduo, consequência de experiências pretéritas que o mesmo associa a aspectos que lhe provocam medo. Diante disto, Hale (1996), conclui que ‘*se o medo do crime é considerado uma medida de desconforto dos indivíduos com o seu ambiente local, isso sugere que a desorganização social terá um*

impacto sobre ele independente de qualquer efeito sobre os níveis de crimes reais' (Hale, 1996 – tradução nossa³).

Desordem ou Incivilidades

Partindo desse cenário de que as emoções e as experiências sociais moldam o significado que os indivíduos atribuem a um espaço específico, importa-nos perceber quais os elementos do ambiente que desencadeiam o sentimento de insegurança. Um elemento muito consistente defendido na literatura no que diz respeito à relação medo e o espaço são as incivilidades ou desordens.

Nos últimos anos, as características físicas e sociais do ambiente tem sido alvo de estudos de alguns pesquisadores (Brites, 2010; Covington e Taylor, 1991; Dunstan *et al*, 2005; Guedes, 2012; 2016; Hunter, 1978; Taylor, 1999; Perkins e Taylor, 1996), no qual revelaram que os sinais de desagregação ou ruptura de um bairro, assim como a deterioração dos controles sociais informais influenciam as percepções de risco em relação ao crime. Ademais, estas incivilidades dos bairros são entendidas como sendo as condições físicas e sociais de um espaço que simbolizam potenciais ameaças aos sujeitos (Taylor, 1999) e que, por vezes, são manifestações de desordens que amedrontam os indivíduos, mais do que o próprio crime (Franklin, Franklin e Fearn, 2008, cit. Guedes, 2016, p.65; Warr, 1990). Esses sinais de desordens incluem problemas de ordem como grupos de jovens desordeiros, embriaguez pública, uso ou venda de drogas, prostituição, mendigagem, *graffiti*, edifícios abandonados, lixo espalhado pelo chão, lotes cheios de lixo e abandonado, estes mesmo não sendo especificamente assustadores, acabam representando ameaça a muitos sujeitos (Brites, 2010; Dunstan *et al*, 2005; Guedes, 2016; Taylor, 1999).

Sob essa perspectiva, Garofalo (1981) nos chama à atenção a designação do medo do crime, no qual segundo ele, é uma reação emocional motivada por uma sensação de perigo e ansiedade, fruto das ameaças de danos físicos e sociais (desordens), sentida através de sinais existentes no meio, e que de alguma forma, se encontram associadas ao crime. Não obstante, LaGrange, Ferraro e Supanic (1992 cit. Guedes, Cardoso e Agra, 2012, p.227), defendem a ideia de que as incivilidades físicas e sociais são intimamente ligadas à componente cognitiva do sentimento de insegurança, isto é, a percepção do risco de ser vítima de um delito. A

³ Texto original: “*If fear of crime is considered as a measure of individuals' unease with their local environment, this suggests that social disorganization will have an impact upon it independent of any effect upon actual crime levels*” (Hale, 1996, p. 117).

incivilidade seria, portanto, uma indicação simbólica do aumento da possibilidade de vitimação criminal (Hunter, 1978).

Hunter (1978) reporta que o ambiente físico apresenta inúmeros sinais que se comunicam adequadamente a uma imagem de ‘desordem’ e, sobretudo, a perda de uma sociedade civil, isto é, a degradação de uma coesão social, no qual resulta em medo. Todavia, ele nos adverte que o fato de esses sinais estarem no espaço físico, isto não significa que estes sinais de desordem não estejam correlacionados com as variações nos crimes reais. Estas incidências são mais experienciadas por estarem presentes nas rotinas diárias do que no crime e, portanto, são mais significativos no medo e na insegurança entre os residentes urbanos. Diante disto, Hunter (1997) conclui que o medo no ambiente urbano é *‘resultado da experiência com a incivilidade do que com o crime em si, pois, embora a incivilidade e o crime estejam empiricamente correlacionados, a incivilidade é uma indicação simbólica do aumento da possibilidade de vitimação criminal’*⁴ (tradução nossa).

Não obstante, Skogan (1990) observou que a desordem ao nível de bairro estava associada ao controle social daquele espaço, isto é, da redução na confiança nos bairros, produto de um baixo nível de satisfação e ação coletiva da comunidade. Além disso, constatou que a desordem também estava ligada às manifestações da criminalidade e do próprio medo, de forma concreta, o autor afirma que os sinais de desordem estão associados ao risco de vitimação que implica na quebra do sistema de controle social da vizinhança. Nesta mesma linha, Perkins e Taylor (1996) constataram que o medo do crime surge de distúrbios comunitários, dentre eles a desordem agregada a nível de vizinhança. Os resultados deste estudo demonstra que as medidas de desordem surgem de forma significativa no sentimento de medo, isto é, os indivíduos mais temerosos percebiam mais desordem em sua vizinhança do que seus vizinhos, uma vez que residiam em propriedades com desordem físicas, tais como com *graffiti*.

Broken Windows Theory

Uma teoria que tem sido fundamental nesta área para explicar a relação entre o espaço e o medo é a Teoria das Janelas Partidas, também conhecida no meio acadêmico como *Broken Windows Theory*, desenvolvida por James Q. Wilson e George Kelling. No desenvolvimento

⁴ Texto original: “*I suggest that this fear results more from expending in-civility than from direct experience with crime itself. Within áreas of a city incivility and crime may in fact be empirically correlated. As such, incivility would then be a symbolic cue to the heightened possibility for more serious criminal victimization*” (Hunter, 1997, p. 9).

desta teoria, Wilson e Kelling tentam explicar como a desordem e a criminalidade poderia, pouco a pouco, penetrar na comunidade, causando o declínio da coesão social formal e informal.

Através de uma perspectiva temporal, Wilson e Kelling descrevem um processo de várias etapas observando a relação da persistência das incivildades físicas ou sociais com as taxas de criminalidade da vizinhança. Diante destas observações, os pesquisadores pontuam que um sinal de incivilidade como uma janela quebrada, não é importante por si só. O mais importante é quanto tempo estas janelas quebradas permanecem não reparadas. De uma forma mais concreta, esta teoria explica que se uma casa estiver com uma janela quebrada e não for reparada num curto espaço de tempo pode simbolizar o enfraquecimento do controle social informal daquela comunidade, isto é, o bairro onde está inserida esta casa está socialmente desorganizado e abandonado. O que significa que a desordem gera desordem, pois com uma casa com janelas quebradas aumenta a tendência de vândalos passarem a ocupa-la e destruí-la (Taylor, 1999), assim, a persistência física das incivildades simbolizam oportunidades de comportamentos antissociais (Taylor e Covington, 1991). Em contrapartida, Sampson critica essa proposição de duas maneiras, primeira a distinção entre desordem e crime é precária e deve, a princípio, considerar que as percepções de desordem são antes de tudo coletivo, compartilhada coletivamente e reproduzida socialmente. Assim, o autor defende o pressuposto de que tanto o crime como as desordens são variáveis dependentes, isto é, não há relação causal entre desordem e o crime.

Diante deste contexto, compreende-se que a extensão que o impacto do lugar de residência possui sobre o sentimento de (in)segurança está intimamente ligada ao enfraquecimento dos laços sociais. Skogan (1990) confirma esta ideia, no qual sublinha que tanto as desordens físicas quanto as sociais simbolizam uma quebra na ordem social. Diante disto, esta teoria realça a ideia de que a presença de lixo nas ruas, de *graffiti* nas paredes, conflitos na vizinhança, consumo de drogas e música alta são fatores que provocam mais desordem social ou incivildades, induzindo ao vandalismo e aos pequenos crimes (Hunter, 1985).

Teoria Signal Crimes

Para além da teoria *Broken Windows*, cujo intuito foi explicar a relação entre o espaço e o medo, foi desenvolvida, anos mais tarde, uma nova perspectiva no modo como a relação entre desordem e o crime poderiam explicar as percepções de risco criminogênicos das

pessoas. Para Innes e Fielding (2002), esta percepção de risco poderia, por vezes, ser explicada através da compreensão semiótica social dos sujeitos, isto é, na forma pelas quais os indivíduos interpretam e definem o que é ameaça à sua segurança. Neste sentido, com base nos ensinamentos interacionistas, os autores desenvolveram a tese intitulada por *Signal Crime*, no qual se investigou as várias maneiras que as pessoas interpretam e definem os incidentes criminosos e desordenados e como estes flexionam a construção de suas percepções de risco e a influencia desta percepção nas respostas e reações dos sujeitos ao comportamento desviante e desordenado.

De um modo mais concreto, os autores defendem a ideia de que as pessoas tendem a construir seus entendimentos de crime e desordem, e assim incorporar uma percepção dos riscos criminogênicos, em torno de certos sinais fornecidos pelo ambiente. Mas para tanto, importa-nos compreender de que sinais os autores estão se referindo. E para isto, debruçaremos no conceito apontado por Goffman (1972 cit. por Innes, 2004, p. 341), no qual ele ressalta que sinais são definidos como um ‘sinal convencional’, que anuncia que há alguma ameaça por perto que se deve alarmar. Assim, Innes e Fielding (2002), através de entrevistas qualitativas, desenvolvida na Inglaterra e país de Gales, concluem que os sinais de crime fornecem uma maneira de ver como o crime e a desordem é definida e tornados significativos para os sujeitos em seu cotidiano, bem como no caráter social do espaço físico. Diante deste contexto, observaram que todos os crimes e os distúrbios obtêm valores distintos em termos de como a percepção de risco coletivo é moldado, isto é, alguns crimes, como o homicídio é mais importante do que outros para moldar a percepção de risco da sociedade, assim como alguns crimes e atos desviantes (vandalismo e comportamento antissocial) são mais relevantes que outros. Todavia, há que destacar que esta importância que se dá aos fatores criminogênicos depende da visibilidade social que tal evento tem na vida das pessoas.

Além disso, observaram que a presença de sinais de desordem é sinalizada pelos sujeitos como um local ausente de ordem social, reforçando a ideia de enfraquecimento ou fragilidade na coesão social daquele ambiente. Assim, dentro dessa estrutura interacionista, os autores defendem a ideia de que a conduta criminosa e desordenada, os vestígios comportamentais destas condutas são elementos que reflete um sinal de alerta de possível presença de ameaça à segurança dos sujeitos, isto é, são elementos que estão conectados a um contexto que molda a construção do significado de ameaça.

Características ameaçadoras do espaço físico

Não obstante destas teorias abordadas até o presente momento, surgiram outras teses que demonstram que o medo do crime está ligado não somente a características sociais do espaço, pelo contrário, também está relacionado às características físicas do espaço. Vejamos alguns elementos presentes no ambiente físico que são sinalizados como ameaçadores.

Falta de Iluminação e aspecto temporal

Outro importante indicador referencial na literatura para explicar a relação do medo e o contexto físico é a Iluminação. A literatura tem demonstrado uma oscilação no sentimento de insegurança em certa altura do dia, principalmente no período da noite. Segundo estudos (Guedes, 2016, Machado e Manita, 2000; Lupton, 1999; Pain e Koskela, 2000), a sensação de insegurança é agravada à noite, principalmente nos locais escuros, com pouca iluminação, pois é um aspecto que sinaliza perigo e gera ansiedade nos indivíduos independentemente do risco real de vitimação (Dunstan *et al*, 2005; Evans, Fyfe e Herbert, 1992; Guedes, 2016; Painter, 1996; Warr, 1990). Esta oscilação ocorre para alguns estudiosos (Valentine, 1992, Guedes, 2016; Pain e Koskela, 2000) pelo fato das imagens semânticas do medo se desenvolver ao longo do tempo e espaço, caracterizando-se, portanto, em dinâmicas e contextuais. Nesse sentido, observa-se que a imagem que o sujeito tem de certa altura do dia, configura na alteração do sentimento de medo. Painter (1996) enfatiza que a falta de iluminação nas ruas induz o sentimento de insegurança, pois reduz a visibilidade e reconhecimento do espaço. É um aspecto que cria uma ilimitada fonte de *blindspots*, sombras e locais de potencial esconderijo de ofensores, além de implicar na ausência de pessoas na rua após o anoitecer, o que acarreta na diminuição da vigilância natural nestes locais (Painter, 1996). E como bem retrata Machado (2004) ‘*qualquer aspecto do meio que impeça a visibilidade se torna automaticamente ameaçador*’ (p.60).

Estudos como o de Guedes (2016), apontam que a noite é um dos elementos contextuais com maior relevo quando o assunto é insegurança. Por meio de seu estudo a autora verificou que a noite simboliza vários fatores que podem levar a situações criminogênicas, como por exemplo, a falta de movimento de pessoas nas ruas, o que por sua vez, facilita a possibilidade de vitimação, bem como dificulta o auxílio de socorro para as vítimas. Além do mais, verificou-se que a noite está associada às pessoas que tem intenções de fazer algum mal a alguém. Observou-se, que na percepção de muitos sujeitos, o período temporal noite está ligado à escuridão, que é caracterizadora do desencadeamento do

sentimento de insegurança, uma vez que é neste período do dia que ocorre o maior número de crime, segundo estatísticas oficiais. Diante de toda característica que este período temporal traz consigo, o faz um período ameaçador para os sujeitos.

Em um estudo realizado por Lupton (1999), ele pontua que a maioria dos participantes relata sentirem mais vulneráveis ao andar na rua à noite do que durante o dia, por causa da falta de certeza que a escuridão traz consigo e por ser neste período do dia que ocorre o maior número de crimes, comparado com a luz do dia. Segundo a autora, o meio do dia foi visto por várias pessoas como o ‘tempo mais seguro’ para sair em espaço público. Com efeito, esses estudos vem nos mostrar o quanto o contexto temporal condicional o sentimento de insegurança nos indivíduos. Com base na literatura sobre a temática, observa-se que o dia é considerado por muitos sujeitos um período de segurança. Em contrapartida, a noite é um período em que muitos têm receio, nos mostrando que este período temporal é constituído como um período do dia que mais gera elementos para germinar o sentimento de insegurança.

Diante deste contexto, alguns estudiosos da área defendem a hipótese de que uma boa iluminação poderia diminuir o sentimento de insegurança, tendo em vista que aumentaria o prestígio do ambiente construído, bem como o campo de visão dos sujeitos (e.g. Painter, 1996). Além disso, a segurança pessoal também seria beneficiada, uma vez que as pessoas sentem-se mais seguras em uma rua bem iluminada do que em uma rua escura, aumentando a vigilância natural e social da comunidade (Cohen e Ferson, 1979; Painter, 1996; Warr, 1990). Não obstante, alguns estudiosos têm demonstrado os efeitos que uma boa iluminação de rua pode ter no crime e no sentimento de insegurança. Evans, Fyfe e Herbert (1992), por exemplo, assentam na ideia de que a boa iluminação reduz o crime, bem como o risco de vitimação, tendo em vista que a má iluminação de uma rua, quando se está sozinho nela, aciona o sentimento de insegurança por duas razões: (1) dá a ideia de falta de assistência, por estar sozinho, não tem ninguém para ajudar em caso de um ataque criminoso, ou seja, ausência de guardião e (2) ao estar sozinho em um espaço mal iluminado faz da pessoa um alvo atrativo e fácil do que um indivíduo que esteja acompanhada (Painter, 1996).

Falta de perspectiva, ocultação e limitação de fuga no espaço físico

Além dos elementos abordados até ao momento, alguns investigadores apresentam outro tipo de características (de nível micro e macro) que podem agravar o sentimento de insegurança (e.g Cinar e Cubukcu, 2012). Dois pesquisadores em específico - Nasar e Fisher (1992; 1995) chamam à atenção para três características físicas que potencializam o

sentimento de insegurança. São elas a falta de perspectiva, que tange no campo de visão que o indivíduo tem do ambiente, tanto positiva (para uma vítima em potencial) ou negativa (para um infrator em potencial); a alta ocultação de possíveis ofensores para se esconderem e esperarem por uma possível vítima e, por último, a falta e limitação de fuga (caminhos estreitos, fechados e becos sem saída), que não oferece uma oportunidade de escape. Estas características designadas pelos presentes autores consubstanciam os *'hot spots'* do medo, que são pontos no ambiente que fornece limitação de perspectiva e nas vantagens para facilitar a fuga e oportunidades de limitação de ocultação (Cinar e Cubukcu, 2012).

Na perspectiva dos autores, estas características ofusca o campo de visão dos indivíduos e facilita que possíveis ofensores se escondam. Além disso, os locais caracterizados pela perspectiva limitada, alta ocultação e fuga bloqueada evoca o medo (Fisher e Nasar, 1992; 1995; Nasar e Jones, 1997). Em seu estudo, Nasar e Fisher (1995) observaram que o medo é agravado quando o indivíduo se encontra em locais que apresentam essas três características abordadas anteriormente e este medo experienciado estava associado à percepção de risco e a perda de controle dos indivíduos, pois se sentem mais expostos ao risco, acionando de imediato o seu sinal de alerta. De um modo mais concreto, os referido autores concluem que essas características fazem com que os indivíduos se sintam vulneráveis por causa do design da área e, tornando-as temerosas e medrosas. Anos mais tarde, Cinar e Cubukcu (2012) buscou testar esta abordagem defendida por Fisher e Nasar (1995) em uma cidade metropolitana de país em desenvolvimento para ver se as descobertas de estudos anteriores poderiam ser generalizadas para tais culturas. Os resultados mostraram que as ruas classificadas como seguras fornecem um campo de visão mais amplo, facilidade de fuga, melhor manutenção, menos oportunidade de ocultação e menos e mais baixos arbustos e paredes.

2.3. Contextos Sociais

Além dos aspectos físicos, a literatura tem chamado à atenção para os aspectos sociais para explicar o sentimento de insegurança (Guedes, 2016; Leal, 2010; Lupton, 1999; Machado, 2004; Machado e Manita, 2000, 2001; Villareal e Silva, 2006). Vejamos alguns contextos sociais apontados pela literatura como possíveis geradores da insegurança sentida.

O Desconhecido e o Familiar

Um elemento que importa desenvolver é a ideia do desconhecido versus familiar, que são elementos que tem assumido um papel importante no aumento deste sentimento, conforme constatado por alguns autores (Day *et al.*, 2003; Guedes, 2016; Maruthaveeran e Van den Bosh, 2015; Lupton, 1999; Warr, 1990). Alguns estudiosos têm verificado que a imagem de perigo dos locais é construída através de aspectos contextuais, como noite e dia; configuração dos espaços e a familiaridade com o ambiente (Lupton, 1999; Warr, 1990; Day *et al.*, 2003). Isto ocorre, pois o ambiente social e físico fornece pistas e sinais os quais levam as pessoas a interpretarem se estão em perigo ou não (Nasar e Fisher, 1992; 1995). Mas para compreender estas pistas e sinais, a comunidade acadêmica tem observado que o domínio e controle sobre o ambiente contribuem para o sentimento de segurança, o qual é caracterizado como a familiaridade com o local (Goffman, 1971 cit. por Guedes, 2012, p.34). Ocorre que, o contrário, isto é, o desconhecimento deste ambiente, quebra este controle e domínio, enfraquecendo a sensação de segurança sentida pelos sujeitos (Day *et al.*, 2003). Bauman (2009) nos adverte que o medo do desconhecido, a opacidade do ambiente é produto da não-familiaridade, da opacidade do ambiente em que se vive e a indeterminação dos perigos e das ameaças.

Brites (2010) pontua que ‘não é possível imaginar qualquer espaço sem o conhecer. E na esteira de Jézéquel (2004 cit. por Brites, 2010), o autor sublinha que com ‘*o espaço conhecido é possível determiná-lo como bom ou perigoso. Por constituir um potencial de perigo, o desconhecido é portador de ameaça*’(p.318). Diante desta percepção, compreendeu-se que o desconhecido quando relacionado ao sentimento de insegurança, contribui, por vezes, para o aumento gradual deste sentimento, isto porque os indivíduos interpretam que tudo o que é desconhecido é ameaçador e perigoso. Além disso, observou-se que lugares que não sejam familiares, bem como pessoas estranhas, são elementos que estão relacionados com o medo experienciado pelos sujeitos (e.g. Lupton, 1999; Guedes, 2016). Ademais, esta reflexão é defendida por alguns pesquisadores, que demonstraram que os sujeitos, na maioria das vezes, consideram que o seu bairro ou área de residência são ambientes seguros comparado com outros lugares da cidade (Skogan, 1999; Lupton, 1999), por exemplo, um indivíduo que reside em um ambiente no qual ele está exposto ao crime e as incivildades, a familiaridade com este cenário faz com que esses problemas pareçam mais previsível e menos ameaçador (Westover, 1985 cit. Maruthaveeran e Van den Bosh, 2015, p. 709). Ocorre que, o desconhecimento com o local tira os sujeitos da sua ‘zona de conforto’, uma vez que não se

têm uma percepção construída e nem experiência com aquele ambiente. Diante disto, os indivíduos evitam este desconhecido como uma estratégia defensiva (Machado e Manita, 2000).

Figuras do Medo

Além dos aspectos físicos, a literatura tem chamado à atenção para aquilo que intitularemos de ‘figuras do medo’, que consiste nos tipos de pessoas que, de acordo com a percepção dos indivíduos, estariam relacionadas de alguma forma com o crime, sendo, portanto, consideradas ameaçadoras, desencadeando o sentimento de insegurança. Estudos (e.g., Guedes, 2016; Leal, 2010; Lupton, 1999; Machado, 2004; Machado e Manita, 2000, 2001) têm revelado que os indivíduos identificam algumas características ligadas à criminalidade em algumas pessoas específicas. Estas características podem variar da vestimenta da pessoa à atitude e são moldadas através da interação social. Observou-se, portanto a relação que o significado atribuído a um tipo de figura (ou ator) social tem no agravamento do sentimento de insegurança. Este significado é construído por influencia de vários fatores (e.g. mídia), bem como as experiências pretéritas, que por vezes, acaba sendo estereotipado e rotulado um perfil específico (Machado, 2004; Lupton, 1999, Guedes, 2016). Nesta mesma perspectiva, Caldeira (1996) adverte que

A segregação urbana contemporânea é complementar à questão da violência urbana. Por um lado, o medo do crime é usado para legitimar medidas progressivas de segurança e vigilância. Por outro, a produção cada vez mais intensa de falas sobre o crime passa a ser o contexto no qual os habitantes geram e fazem circular estereótipos, classificando diferentes grupos sociais como perigosos e, portanto, como grupos a serem temidos e evitados (p. 174).

Mas quais figuras foram identificadas pela comunidade acadêmica como sendo os perfis que mais tem amedrontado os indivíduos? Após uma análise em alguns estudos sobre o tema, identificamos uma constante retratação da figura do toxicodependente ou ‘drogado’ como sendo uma figura que estimula o sentimento de insegurança nos indivíduos. Segundo alguns autores, eles estão associados à ideia de descontrolo e de imprevisibilidade, o que provoca níveis mais elevados de insegurança (Lupton, 1999; Guedes, 2016; Machado, 2004). Guedes (2016) ao buscar compreender que figuras estariam associadas às experiências de insegurança identificou em seu estudo que grupos de jovens, os toxicodependentes (consumidores de drogas), os mendigos (sem-abrigo), as pessoas alteradas, os habitantes de bairros sociais e pessoas com ‘mau aspecto’, eram constantemente considerados ameaçadoras

pela amostra de seu estudo. Além destas figuras, Lupton (1999) vem nos mostrar outras figuras do medo, além dessas referidas anteriormente. Em seu estudo, o autor revela que ‘gângues’, ‘homens alcoolizados’ e ‘homens estranhos nos espaços públicos’ são associados à insegurança por parte dos indivíduos entrevistados.

Efeito da vizinhança

Outro elemento constatado pela comunidade acadêmica para explicar a insegurança oriunda da alta taxa de criminalidade é o processo social da comunidade, isto é, a vizinhança. Alguns autores, através de estudos ecológicos, revelaram forte relação entre uma boa eficácia coletiva na vizinhança e a baixa taxa de criminalidade (Sampson, 2012; Sampson e Groves, 1989; Sampson *et al*, 1997; Villareal e Silva, 2006; Zaluar e Ribeiro, 2009).

Para melhor compreendermos esta reflexão, importa voltarmos ao século XX, na cidade de Chicago, onde o sociólogo Robert J. Sampson viu a necessidade de se explorar o quão importante é o contexto para compreender os fenômenos sociais e seus processos. Isto porque, a cidade de Chicago concentrava na época uma extensa diversidade racial, étnica e de classe social em sua população, representando, assim, a diversidade de bairros nos Estados Unidos. Em seu livro “*Great American City: Chicago and the enduring neighborhood effect (GAC)*”, Sampson retrata detalhadamente sua década de pesquisas sobre a cidade de Chicago. O autor reúne diferentes pesquisas, tendo um *survey* longitudinal, três *surveys* a nível comunitário, um *suvery* com líderes comunitários, informações sobre os eventos comunitários retratados nos jornais nos últimos 30 anos, dados coletados através de gravações georreferenciadas de ruas e dados experimentais. No entanto, Sampson se vale amplamente de dados censitários e registros criminais. Mas para o desenvolvimento de uma metodologia específica para medir e avaliar a dimensão ecológica da vida urbana, o sociólogo conta com a ajuda de outros autores, especialmente Raudenbush (Sampson, Raundenbush e Earls, 1997).

Diante destes contextos, para interpretar as diferenças entre as vizinhanças, Sampson utiliza a denominação de ‘eficácia coletiva’, como coesão social entre os vizinhos para efetivar seu estudo. De modo concreto, a eficácia coletiva é nomeadamente, a confiança mútua entre os residentes de uma comunidade, e a disponibilidade destes para resolver um problema no bairro. A noção de eficácia coletiva traz consigo elementos de coesão social, na qual se tem o pressuposto de que no controle social não é um atributo individual, mas antes é fruto da coletividade, que busca reduzir o crime e a violência, melhorando as condições de vida locais.

Diante disto, o pesquisador acredita que quando os residentes conhecem e confiam uns nos outros acabavam por criar uma estável rede informal de relacionamentos entre si, que poderia contribuir na baixa taxa de atos ilícitos na comunidade. Mas há que destacar que eles pontuam que o controle social não depende somente de laços sociais, mas também de um sentimento compartilhado de confiança e intervenção. Neste sentido, com o estudo, constataram que uma vizinhança, cujo ambiente e os residentes partilhavam valores comuns e, concomitantemente, controlam e intervêm nas atividades locais, sobretudo o de atos criminogênicos, atingiu baixo índice de delitos. Observaram ainda, que desta comunidade, o controle social informal ao nível da vizinhança está bem solidificado, de modo a ter maior interação e confiança entre seus residentes. Assim, concluíram que a boa relação entre os vizinhos é um fator primordial na formação do sentimento de segurança de um bairro, visto que se constataram que um bairro com alto grau de eficácia coletiva, obtêm laços estreitos entre os residentes, demonstrando, portanto, que os vizinhos irão intervir para impedir atos ilícitos, acarretando o baixo índice de criminalidade no bairro, diferente daqueles bairros cujo grau de eficácia é menor.

Anos mais tarde, Villareal e Silva (2006), buscaram sair do contexto dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, onde estão concentrados os estudos de teorias ecológicas que ligam as características da comunidade em nível do crime, explorando contextos da América do Sul, especificamente, o Brasil. Os autores buscaram examinar os efeitos da coesão social e da desordem de vizinhança no crime através de dados levantados em bairros no Brasil. Nesse sentido, ao contrário dos pressupostos da teoria da desorganização social, constaram que os bairros desfavorecidos no Brasil têm níveis mais altos de coesão social entre os moradores. Isto se justifica, pois, o processo social pelo qual as áreas de baixa renda foram estabelecidas e suas estratégias de sobrevivência econômica nos espaços carentes urbanos acabam por estabelecer uma integração social entre os residentes, embora haja nesses bairros altas taxas de vitimação. Ainda, constataram que o aumento da segregação, da transição de moradores de bairros não coesos para condomínios fechados, bem como do aumento de segurança privada é o medo do crime (e.g., Caldeira 2000; Villareal e Silva, 2006).

3. EXPERIÊNCIA DE VITIMAÇÃO

Outro fator que o sentimento de (in)segurança constitui-se é a experiência pessoal vivida pelos sujeitos ou por pessoas próximas. Segundo Bennett (1990 cit. Hale, 1996):

A perspectiva de vitimação é baseada no princípio de que o medo do crime dentro de uma comunidade é causado pelo nível de atividade criminosa ou por aquilo que as pessoas ouvem sobre estas atividades – quer a partir de conversas com os outros ou a partir da mídia em massa (p.14 cit. Hale, 1996, p. 103 - Tradução nossa)⁵.

Nessa esteira, buscaremos identificar o papel que o contato direto e/ou indireto com a violência acarreta na vida dos indivíduos. Em princípio ao pensar em experiência de vitimação, logo se tem o pressuposto de que as pessoas que já foram vítimas de um ou vários delitos têm mais receio do crime, por talvez se encontrarem mais vulneráveis. Skogan e Maxfield (1981) compreendem que o medo é produto da experiência de vitimação, por outro lado, os resultados da investigação de Machado e Manita (2000) demonstram que esta relação medo e vitimação é nula ou pouco relacionada. Já Skogan (1987) pontua que não há uma relação linear entre a experiência de vitimação e o medo, tendo em vista que para alguns indivíduos a experiência de vitimação potencializou o seu medo, já para outros esta experiência reduziu-o, principalmente para aqueles que tomaram mais precauções.

Peixoto (2012), nos chama à atenção ao fato de que o medo de um possível vitimação não é uma consequência direta da experiência de vitimação, pois grande parte dos sujeitos que têm este medo nunca foram vítimas. Todavia, a experiência de vitimação pode levar o indivíduo a refletir sobre seus hábitos, rotinas e as formas que se relacionam com as pessoas, além de clarear o que é risco e ameaça. (Peixoto, 2012; Skogan, 1999). No presente trabalho, citaremos somente duas formas de experiência de vitimação, sendo ela direta e indireta também conhecida por vicariante. A primeira consiste no processo de vitimação pessoal, isto é, é o indivíduo que foi vítima real de um ato criminoso. Por outro lado, temos a vitimação indireta (ou vicariante), que incorre por vários fatores, como conhecer alguém próximo que foi vítima, como amigos ou familiares que já foram vítimas de um crime (Gomme, 1988, cit. Guedes, 2016, p. 54; Hale, 1996).

Vitimação Direta

Este tipo de experiência traz consigo algumas divergências de opiniões sobre a relação com o sentimento de insegurança, especificamente o medo do crime. Para alguns estudiosos, a vitimação direta não influencia no sentimento de medo do crime, uma vez que há outros fatores pretéritos (Baker *et al*, 1983; Rader, 2004). Outros por sua vez, assentam na ideia de

⁵ Texto original: “‘The victimisation perspective’ is based on the principle that fear of crime within a community is caused by the level of criminal activity or by what people hear about activity- either from conversations with others or from the mass media” (p.14 cit. Hale, 1996, p. 103).

que há uma relação entre a vitimação direta e o medo do crime, contudo a relação é fraca, uma vez que pode haver vários fatores que interfere na diminuição desta relação, como o esquecimento, isto é, o impacto emocional causado pela vitimação é diminuído no decorrer do tempo (Garofalo, 1979; Skogan e Maxfield, 1981). Já outros defendem que há de fato uma relação entre o medo do crime e a vitimação anterior (Guedes, 2016; Skogan, 1986).

Autores como Lewis e Maxfield (1980) apontam que há alguns indicadores que confirmam que as atitudes dos sujeitos em relação ao crime, isto é, o medo sentido são agravadas para quem já tem um histórico de vitimação (Biderman *et. al.*, 1967 cit. Lewis e Maxfield, 1980). Ademais, há que destacar que há uma relação entre a vitimação e o medo do crime, todavia, esta depende do tipo de vitimação experienciada pelo sujeito, ou seja, o tipo de delito e a sua gravidade que irá determinar o elevado nível de medo do crime sentido. Os autores, ainda, nos chama à atenção que os sujeitos do seu estudo, que foram vítimas de crime contra a pessoa, não retrataram oscilação no nível de sentimento de medo do crime (Guedes, 2016; Smith e Hill, 1991 cit. Guedes, 2016). Nesta mesma perspectiva, Guedes (2012) nos adverte que embora estudos tenham afirmado que não há relação entre a vitimação e o medo do crime, isto não significa dizer que não haja uma relação entre a vitimação e a percepção de risco ou com a aquisição de comportamentos de segurança (duas das dimensões que constituem o sentimento de insegurança).

Vitimação Indireta

Já nesta vitimação, o processo é um pouco complexo, uma vez que envolve informações reais, que podem não ser firmadas através do meio que veio, isto é, trata-se de uma experiência no qual o sujeito está exposto diariamente e diante disto, faz dela um fator relevante no aumento gradual e o estímulo do sentimento de insegurança. Hale (1996) conclui que:

conhecer alguém, especialmente alguém local, que foi vítima, ou ficar sabendo sobre vitimizações na vizinhança, seja por meio de fofoca ou das notícias da mídia local parecem ter um impacto imediato muito maior do que ser vítima ou ouvir sobre crime em uma localização distante (Hale, 1996, p. 34 - tradução nossa)⁶.

Estudiosos como Covington e Taylor (1991) observam que a vitimação indireta tem mais impacto sobre o medo no bairro do que a nível individual, isto porque, os sujeitos estão

⁶ Tradução Original: 'Knowing someone, especially someone locally, who has been victimised, or learning of victimisations in the neighbourhood, either from gossip or local media reporting seems to have a much more immediate impact than either being a victim or hearing about crime in some distant location' (p.112).

expostos diariamente com a informação da criminalidade. De modo mais concreto o autor verificou que os bairros onde os residentes ouvem falar de muitos assaltos nos locais são mais temerosos. Este tipo de vitimação, além de influenciar no nível de medo dos sujeitos, influencia o enfraquecimento dos laços sociais de uma comunidade, uma vez que esta experiência indireta pode propagar-se nas relações com a comunidade. Nessa mesma linha, Villareal e Silva (2006) constataram que seu estudo que a percepção de risco dos moradores estava associada a um maior nível de comunicação sobre incidentes de crime ocorrendo em bairros mais coesos onde os moradores interagem mais frequentemente uns com os outros. Todavia estas percepções de risco podem não estar em taxas reais de vitimização, tendo consequências importantes.

4. RELAÇÃO MÍDIA E A EXPERIÊNCIA DE INSEGURANÇA

Além dos fatores abordados até ao momento, a literatura tem chamado à atenção para a mídia e a sua relação com o sentimento de insegurança. Isto porque, além de estarem presentes diariamente nas vidas dos sujeitos, os meios de comunicação social trazem consigo um fator chave na construção da percepção da insegurança e do próprio crime, que é o uso dos discursos e da linguagem social em torno do crime, dois elementos chave na difusão do pânico social (Cohen, 2002; Wacquant, 2008 cit. Rodrigues, 2017, p.31). Diante destas características, alguns estudiosos apontam que o sentimento de insegurança é um dos principais frutos da exposição das notícias de criminalidade reportadas pela mídia (Heath e Gilbert, 1996; Tyler, 1984, Cohen, 2002; Rogers, 2005). Isto se justifica, pois a sensação de insegurança não é somente uma consequência das experiências de vitimação ou da probabilidade de ser vítima, é também da dinâmica informativa e mediática transmitida pelos meios de comunicação (Leal, 2010).

Autores como Roché (1993), também partilham desta reflexão, uma vez que, segundo ele, o indivíduo calcula o risco de ser vitimado através do conjunto de vários mecanismos sociais, como a comunicação, a confiança na informação veiculada e a própria manutenção do controle social. Além disso, este processo de incorporação do que seja a causa do desvio é determinado pelas informações retratadas pela mídia, pela função que lhe é exercida. Para melhor compreensão desta relação que ora se pretende abordar, importa perceber o que a mídia. De um modo mais concreto e sintético, a mídia consiste no conjunto de meios de comunicação em massa (televisão, jornais, rádio, internet), que consistem em divulgar mensagens relevantes ou extraordinárias de interesse social (Gregório, 2014; Simões, 2011;

Caiado, 2013). Além disso, obtêm um forte poder social na formação da opinião pública, podendo de várias formas interferir na coesão social (Gomes, 2011).

A mídia apresenta um papel fundamental quando o assunto é sentimento de insegurança, principalmente medo do crime, uma vez que o sentimento dos receptores, quando colocado frente a uma notícia reportada, parece estar ligado na forma como essas notícias são apresentadas (Rosário, 2008, p. 30 cit. Caiado, 2013, p. 57). O que os indivíduos leem nas redes sociais, jornais e veem nos noticiários de televisão sobre a criminalidade e segurança podem ter impactos diretos sobre suas experiências de inseguranças, sobre suas respostas e sentimentos frente à sua segurança diária, isto é, obtêm um impacto na forma como interpretam para proteger a si e seus entes queridos (Crawford e Hutchinson, 2015).

Com efeito, as notícias, especialmente as relacionadas com o crime e a violência, buscam, por vezes, não somente informar, mas emocionar seus telespectadores, seduzindo-os, de modo a despertar o interesse e a preocupação sobre a temática. Esta atração se deve, geralmente, às características peculiares do próprio crime reportado e à forma como é exposto, fazendo o receptor se conformar somente com o que é retratado nas notícias (Bernardes, n.d. cit. Rodrigues, 2017, p. 19; Sacco, 1995 cit. Machado, 2004, p. 108). Diante disto, a forma como a mídia, normalmente, reportam as notícias sobre o crime tem gerado preocupação a pesquisadores de diversas áreas, uma vez que o modo como os fatos são veiculados e as imagens transmitidas podem acarretar uma percepção equivocada sobre o real índice de criminalidade e do próprio crime, podendo propagar o pânico social em relação à segurança.

Diante deste cenário, Rogers (2005) ao analisar a relação do medo do crime com as reportagens da mídia impressa, observou que há uma série de fatores a serem consideradas em uma notícia impressa para verificar se pode causar ou não medo ao leitor. Estes fatores são a credibilidade da fonte, a maneira que a notícia é apresentada e a localidade do crime reportado. Para o autor estes fatores não precisa, necessariamente, estar todos presentes em uma notícia para causar medo do crime, apenas um ou mais pode ser o suficiente para trazer o sentimento de medo aos leitores, o que significa compreender que quanto mais desses fatores estiverem presente em uma notícia, maior o medo do crime dos leitores.

Estudiosos como Rodrigues (2017), em seu estudo realizado na cidade do Porto, identificou que o medo do crime é explicado através das notícias de criminalidade, isto é, trata-se de uma variável que contribui para o desencadeamento do sentimento de insegurança. Isto ocorre, pois, a mídia criminogênicos traz consigo um valor dramático que atrai o público,

estimulando este interesse por notícias sobre a criminalidade (Dowler, Fleming e Muzzatti, 2006; Garland, 2008; Machado, 2004; Rodrigues, 2017; Romer, Jamieson e Aday, 2003). Diante deste contexto, alguns estudiosos observaram que o agravamento do sentimento de insegurança é acompanhado pela alta exposição das notícias sobre a criminalidade e a forma intitulada sensacionalista. O que significa dizer que o sensacionalismo pode interferir diretamente na percepção tanto sobre o crime quanto de um potencial risco de vitimação (Caiado, 2013; Machado 2004; Romer, Jamieson e Aday, 2003).

Ademais, o medo induzido pela mídia, às vezes, podem ser intensos e duradouros interferindo na qualidade de vida dos indivíduos, uma vez que os danos causados de conteúdo reportado não são fáceis de prever, pois é preciso distinguir os tipos de conteúdo que chama mais atenção aos sujeitos, como ameaça física ou psicológica. Todavia, o medo causado pela mídia não são totalmente direto e universal, pois este sentimento ao ser solidificado traz consigo um conjunto de componentes pretéritas que estimula no sentimento de insegurança (e.g. sexo feminino, vitimação pretérita, nível prévio de medo) (McQuail, 2013; Machado, 2004).

Em contrapartida, Tyler (1984) nos adverte que não há influência da mídia no medo experienciado pelos sujeitos. Com base em estudos de vitimação direta e indireta, o autor observou que a exposição a histórias sobre o crime reportado na mídia aumenta a preocupação das pessoas com o crime, no entanto, descobriu que isso não afetava a percepção das pessoas sobre sua vizinhança, isto é, se sua vizinhança era insegurança ou que sua segurança pessoal estava em risco. Não obstante, alguns autores (Kohm *et. al.*, 2012; Rodrigues, 2017; Leal, 2010), identificam que há uma possível relação entre a mídia e o agravamento do sentimento de insegurança. Assim, compreender se de fato a exposição da mídia agrava ou não o sentimento de insegurança atrai controvérsias, tendo em vista as experiências pretéritas dos sujeitos.

Capítulo II – METODOLOGIA

1. Objetivos

O objetivo geral do presente estudo é explorar os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de (in)segurança. Importa-nos, seguidamente, fortalecer os estudos sobre a temática (in)segurança e expor os diversos impactos destas experiências de insegurança no cotidiano dos indivíduos.

Especificamente, procura-se explorar que contextos físicos, sociais e temporais estão associados ao aumento da (in)segurança, compreender o impacto das experiências de vitimação no sentimento de (in)segurança, identificar a forma como manifestam este sentimento e o papel da mídia no agravamento da sensação de (in)segurança. Com os recursos da investigação qualitativa, especificamente, através de entrevistas semiestruturadas, busca-se identificar e explorar, a partir de situações concretas, a forma como os sujeitos constroem o significado de insegurança, dos contextos (físicos, temporais e sociais), bem como às suas experiências de vitimação e a relação da mídia com este sentimento. Ademais, o presente estudo é uma adaptação de um estudo português (Guedes, 2016), e que procura a partir deste realizar um estudo similar no contexto brasileiro.

Deste modo, colocamos, inicialmente, as seguintes questões de investigação:

1. Que contextos físicos, sociais e temporais estão relacionados à experiência de (in)segurança?
 - 1.1. Que aspecto social e físico são vistos como potencial ameaça?
 - 1.2. Que período do dia e quais as características deste período os sujeitos identificam como perigoso?
2. Quais figuras do medo estão associadas à experiência de insegurança, designando:
 - 2.1. Que tipo de pessoas ou grupos eles identificam como ameaçadores?
 - 2.2. Quais as características específicas destas pessoas ou grupos que identificam como ameaça?
3. Como se posicionam os sujeitos face à possibilidade de vitimação e que sentimentos, pensamentos e emoções são expressados diante desta possibilidade?
4. Será que existem diferenças na forma como a insegurança é sentida e reportada consoante o gênero?
5. Qual o impacto das experiências de vitimação no sentimento de insegurança dos indivíduos?
6. Que relação há entre as notícias de crime com o aumento do sentimento de (in)segurança?
7. Que impacto a mídia (local, nacional e internacional) tem no sentimento de (in)segurança?
8. Como é que os sujeitos manifestam as suas experiências de insegurança no seu cotidiano?

2. Amostra (Participantes)

Os sujeitos participantes desta pesquisa se constituem de cidadãos brasileiros, designadamente moradores das cidades de Uberlândia-MG, Ouro Preto-MG, Campo Grande-MS e Castilho-SP (Anexo III – Mapa 1). Os indivíduos foram selecionados a partir do critério da heterogeneidade, ou seja, considerando a diversidade dos sujeitos que estamos a estudar, isto porque, de acordo com Guerra (2006) *“na pesquisa qualitativa, procura-se a diversidade e não a homogeneidade, e, para garantir que a investigação aborde a realidade considerando as variações necessárias, é preciso assegurar a presença da diversidade dos sujeitos ou das situações em estudo”* (p.41). Neste caso, por exemplo, a característica que une os sujeitos da amostra é o tema do presente estudo, que é explorar os significados associados às experiências de insegurança, através de opiniões heterogêneas, com um leque variado de situações e percepções das experiências de insegurança.

A finalidade de se estabelecer um grupo heterogêneo (especificamente na experiência de vitimação) de indivíduos está no fato de se procurar compreender os discursos que permeiam as diferentes categorias de entrevistados acerca do significado associado às experiências de insegurança, de modo a conhecer, a partir disso, as semelhanças e diferenças no modo de entender as circunstâncias que envolvem o sentimento de (in)segurança, sobretudo o medo do crime. Santos (2012), na esteira de Turato (2003), sustenta que em *“uma pesquisa cujo alvo de estudo é o ser humano é impossível abordar todos os indivíduos que compõem o grupo de interesse do pesquisador”* (p.148). Por esta razão, buscou-se constituir a amostra com o mesmo número de sujeitos do sexo feminino e masculino ou no mínimo um número aproximado. Além disso, as idades são variáveis, porém, atribuindo um mínimo de 18 a 60 anos de idade.

Para a constituição da amostra foi utilizada a amostragem por conveniência, em que o pesquisador seleciona os indivíduos por causa da conveniência, isto é, escolhe os entrevistados mais acessíveis e de fácil acesso. E em combinação com a amostragem por conveniência utilizou-se a técnica de snowball (“Bola de Neve”) em que o investigador inicia com uma categoria de amostragem, isto é, uma pessoa e pedi-lhe para colocá-lo em contato com outros sujeitos de um tipo singular ou conhecido que se enquadram na temática abordada (Mason, 2002).

Neste estudo foram entrevistados vinte e um moradores das cidades supracitadas. O maior número de participantes são os que habitam em Uberlândia-MG, constituindo-se por oito homens e treze mulheres com idades a partir de dezoito anos (tabela 01). Quanto ao perfil

sociodemográfico da amostra, treze indivíduos apresentam idades entre os dezoito e os trinta anos, cinco sujeitos entre os trinta e os cinquenta anos e por fim, três indivíduos entre os cinquenta e sessenta anos. Ao nível de escolaridade, verifica-se que três sujeitos são estudantes universitários, catorze possuem ensino superior, sendo um deles aposentado e dois possuem somente o ensino médio. Ainda, quanto à vitimação direta, verificou-se que onze indivíduos da amostra já sofreram um tipo de vitimação direta. Destes, quatro são homens e sete mulheres. Dez indivíduos da amostra reportam não terem sido vítimas de crime.

Tabela 1 – Características pessoais da amostra

Número	Sexo e Idade	Profissão	Local de Residência	Experiência de Vitimação Direta
Entrevista 01	Masculino 22 anos	Estudante Universitário	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 02	Feminino 48 anos	Dona de Casa	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 03	Feminino 24 anos	Advogada	Castilho	Não Vítima
Entrevista 04	Masculino 26 anos	Professor	Castilho	Não vítima
Entrevista 05	Masculino 24 anos	Estudante Universitário	Ouro Preto	Vítima
Entrevista 06	Masculino 23 anos	Engenheiro de Produção	Castilho	Vítima
Entrevista 07	Feminino 25 anos	Professora	Campo Grande	Vítima
Entrevista 08	Feminino 23 anos	Pedagoga	Uberlândia	Vítima
Entrevista 09	Feminino 50 anos	Auxiliar administrativo	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 10	Feminino 55 anos	Aposentada	Uberlândia	Vítima
Entrevista 11	Feminino 19 anos	Estudante Universitário	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 12	Feminino 48 anos	Empregada de Fábrica	Uberlândia	Vítima

Entrevista 13	Feminino 30 anos	Fisioterapeuta	Uberlândia	Vítima
Entrevista 14	Feminino 54 anos	Dona de Casa	Uberlândia	Vítima
Entrevista 15	Masculino 26 anos	Engenheiro Civil	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 16	Masculino 54 anos	Meteorologista	Uberlândia	Vítima
Entrevista 17	Feminino 39 anos	Pedagoga	Uberlândia	Vítima
Entrevista 18	Feminino 24 anos	Professora	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 19	Masculino 24 anos	Engenheiro Civil	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 20	Feminino 29 anos	Professora	Uberlândia	Não Vítima
Entrevista 21	Masculino 28 anos	Agrônomo	Uberlândia	Vítima

3. Método: Investigação Qualitativa

Durante as últimas décadas, a comunidade científica tem presenciado um elevado número de utilização dos recursos qualitativos nas produções científicas em ciências sociais, tendo como uma das razões para esta ampla utilização o seu contributo para descrever e explicar fenômenos sociais, a partir de seus significados e contextos (Godoy, 1995; Neves, 1996). Além disso, uma característica peculiar da pesquisa qualitativa é o “olhar atento e o pensar aberto” do pesquisador que vasculha lugares muitas vezes já visitados em busca do novo, contribuindo com conhecimentos significativos sobre um mundo social constituído (Duarte, 2004; Kvale, 2006).

Assim, este tipo de metodologia parte de questões de interesse geral, no qual envolve o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental (Godoy, 1995; Neves, 1996). Na pesquisa qualitativa o investigador é uma parte fundamental no processo de investigação, pois tem o papel de captar a concepção dos sujeitos em estudo, com o intuito de compreender e interpretar fenômenos empíricos em seu ambiente natural (Godoy, 1995; Rodríguez, Gil e Garcia, 1996). Deste modo, a investigação qualitativa possibilita ao investigador “colocar-se no papel do outro”, assistindo o mundo através do

ponto de vista dos sujeitos em estudo (Carrera, 2014; Godoy, 1995; Kvale e Brinkmann, 2008).

Um traço fundamental que caracteriza a pesquisa qualitativa é o fato dos conceitos e hipóteses serem formulados ao longo da própria investigação (Carrera, 2014). Outra característica é que os métodos qualitativos levam à comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte da produção do conhecimento (Flick, 2012). De um modo mais concreto, Denzin e Lincoln (2012) acentuam que o processo de investigação qualitativa é definido por cinco fases conectadas entre si: A primeira põe-se em foco o investigador, pois é ele que irá se aproximar do objeto de estudo, a segunda é que o modo como o investigador afronta o objetivo de estudo depende de um paradigma e perspectiva teórica, isto é, está condicionada por um macro interpretativo, que é construído por uma teia que contém premissas epistemológicas, ontológicas e metodológicas fundada no objeto que será estudado, a terceira é a estratégia de investigação, que inicia com seu desenho. Segundo os autores este desenho contém uma série de preceitos flexíveis que ligam os paradigmas teóricos, tendo de um lado as estratégias e de outro os métodos para obter o material empírico a ser interpretado. A seguir, temos os métodos de recolha e a análise dos dados empíricos obtidos para o estudo. E por fim, é a interpretação desse material empírico colhido. Além disso, há que se considerar o caráter descritivo, no qual o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida é analisada minuciosamente pelo pesquisador e o aspecto indutivo vai se definindo no decorrer da investigação a partir dos dados das experiências vivida pelos indivíduos (Godoy, 1995; Neves, 1996).

Sobre as entrevistas

Na ótica de Kvale e Brinkmann (2008) se se pretende entender o mundo dos indivíduos e suas vidas, por que não conversar com eles? Então,

A conversa é o modo básico de interação humana. Os seres humanos falam uns com os outros; interagem entre si, fazem perguntas e respondem as perguntas. Por meio de conversas, conhecemos outras pessoas, aprendemos sobre suas experiências, sentimentos, atitudes e o mundo em que vivem (Kvale e Brinkmann, 2008, pág. XVII) (tradução nossa)⁷.

⁷ Texto Original: “Conversation is a basic mode of human interaction. Human beings talk with each other; they interact, pose questions, and answer questions. Through conversations we get to know other people, learn about their experiences, feelings, attitudes, and the world they live in” (Kvale e Brinkmann, 2008, pág. XVII).

A partir das entrevistas qualitativas é possível obter dados subjetivos, uma vez que ela “*trabalha com o universo de significados, motivações, valores, aspirações, crenças e atitudes*” (Minayo, 2002) dos sujeitos entrevistados por meio de um olhar panorâmico. Além disso, o conhecimento obtido nas entrevistas é construído a partir da interação entre o entrevistador e o entrevistado (Carrera, 2014; Haguette, 1992; Kvale, 2006). Outra característica é que o entrevistador reconstrói vivências e experiências pretéritas dos indivíduos para entender e desdobrar o significado do mundo na ótica dos entrevistados (Carrera, 2014). Kvale (2006) diz que as “*entrevistas dão voz para as pessoas comuns, permitindo-lhes apresentar livremente suas situações de vida em suas próprias palavras, e abrir para uma interação entre o pesquisador e seus pesquisados e seus assuntos*” (p. 481, tradução nossa)⁸. É importante ressaltar que a entrevista qualitativa não se constitui somente em ligar um gravador de voz e solicitar que o indivíduo entrevistado fale sobre algum assunto ou conte sua história de vida (Kvale, 2006), pelo contrário, a entrevista é um instrumento árduo de realizar, pois é uma ferramenta que colhe informações através do ponto de vista do sujeito, mas para sua concretização, é necessário um cultivo de habilidades de conversação (Carrera, 2014, Kvale, 2006).

3.1. Estudos Empíricos no Sentimento de Insegurança

O sentimento de insegurança tem sido uma temática recorrente no contexto das grandes cidades, tornando-se alvo de diversas investigações científicas. Muitos estudiosos apontam o medo do crime como fenômeno amplamente difundido em todos os países, tal como vem sendo manifestado nos comportamentos e discursos das pessoas. Nos últimos anos tem-se observado um aumento de estudos desenvolvidos com métodos qualitativos na área do medo do crime (e.g., Koskela & Pain, 2000; Pain *et al.*, 2000; Day *et al.* 2003; Machado, 2004; Farral *et. al.*, 2009, Dammert e Malone, 2006; Caldeira, 2000, Guedes, 2016; Lupton, 1999; Machado e Manita, 2000). Este consenso advém do fato deste método estar enriquecendo o conhecimento adquirido com as investigações quantitativas, através das histórias de vida, estudos etnográficos e entrevistas tanto individuais quanto em grupo (Hale, 1996).

A opção por uma abordagem qualitativa no medo do crime deve-se ao fato de nos permitir entender as particularidades e circunstâncias que envolvem o medo do crime e a

⁸ Texto Original: “*The interviews give voice to common people, allowing them to freely presente their life situations in their own words, and open for a close personal interaction between the researchers and their subjects*” (Kvale, 2006, p.481).

forma como este é experienciado pelos indivíduos. Um dos objetivos centrais da investigação qualitativa nesta área é explorar a pluralidade de significados e nuances na experiência do medo, tais como o significado atribuído às experiências de vitimação (direta ou indireta) dos sujeitos, a natureza das suas reações e a forma como as suas preocupações estão situadas no tempo e no espaço (Pain, 2000). Há que se sublinhar que a maior parte dos estudos iguala o medo a uma variedade de estados emocionais, atitudes ou percepções que incluem a desconfiança do outro, a ansiedade, percepção de risco, medo do desconhecido ou mudanças de comportamento (Filho e Caminhas, 2009).

Vejam os a seguir um conjunto de estudos desenvolvidos cujo objetivo foi explorar os significados atribuídos ao sentimento de insegurança.

Um dos estudos foi efetuado por Machado (2004), que procurou explorar a forma como as “figuras do crime” eram compreendidas pelos indivíduos. A autora distingue grupos ‘com medo’ e ‘grupos sem medo’ com o propósito de entender que figuras ou atores sociais fazem parte do imaginário dos sujeitos quando associados a suas experiências de insegurança. Por meio das entrevistas, a autora observou que nos grupos ‘com medo’ a figura do “drogado”, por exemplo, foi a que mais estava presente nos discursos dos entrevistados, isto porque, os associavam, principalmente, ao crime patrimonial, que poderia conduzir à violência. Outras figuras que surgiram foram às minorias étnicas que estão concentradas nos bairros sociais, pois é compreendida pelos entrevistados como uma imagem de perigo, que faz parte de um estereótipo preexistente em torno da desigualdade social, reforçando a representação do bem e do mal. Já no ‘grupo sem medo’ a autora identificou um desaparecimento da figura dos toxicodependentes como o agente principal, isto ocorre, pois, os entrevistados compreendem que estes atores sociais são ‘pessoas pacíficas’ que não mexem com ninguém.

Lupton (1999), por sua vez, buscou identificar a forma e a maneira pelas quais as pessoas constroem seus entendimentos de medo e perigo e os significados que eles dão as suas experiências e entendimentos. Com o estudo, a autora observou que a ideia de perigosidade era construída através das experiências de vitimação vivenciada, a presença ou ausência de indivíduos em um determinado local e momento, ainda, era construída pela configuração dos espaços e a familiaridade com a área, os aspectos contextuais, como a falta de iluminação, sobretudo à noite. Além disso, observou que o medo dos participantes estava constantemente relacionado à figura de um ‘estranho imprevisível’. Este consistia na figura de uma pessoa que encontravam em espaços públicos, que não faz parte do círculo de amigos,

familiares e vizinhos dos sujeitos. Identificou ainda que esta figura era invariavelmente identificada como um sujeito do sexo masculino, no entanto com algumas diferenças de subculturas, por exemplo, para os participantes jovens do sexo masculino, estes tendiam a serem membros de gangues, já para as mulheres jovens era todo homem estranho em um espaço público. Para os homens adultos, estes eram homens embriagados. Diante disto, a autora observou que esta concepção de perigosidade para muito dos participantes foi construída com base em experiências de vitimação direta ou indireta e nas incertezas que um ‘estranho imprevisível’ trazia, pois por não conhecer este indivíduo, portanto, não podiam avaliar como ele pode responder ou agir.

Outro estudo que utilizou entrevistas qualitativas na área do medo do crime foi o de Koskela e Pain (2000), que buscaram examinar a natureza da relação do medo do crime das mulheres e o ambiente construído. Através das entrevistas realizadas, verificaram que o medo reportado pelas entrevistadas estava intimamente ligado a reputação dos lugares. Além disso, observaram que possíveis alterações do ambiente, isto é, melhorias na configuração do ambiente, por exemplo, não reduzia o medo sentido pelas mulheres, uma vez que este medo já estava difundido no meio social. Diante disto, concluíram que os locais podem ter alguma influência no medo experienciado pelos indivíduos, mas a maneira como o medo molda o entendimento, percepção e uso do espaço e do lugar são mais significativos na constituição do medo do crime das mulheres. De modo mais concreto, concluem que o medo influencia as experiências com o lugar, tanto quanto os lugares influenciam na experiência do medo.

Outro estudo que importa referir foi realizado por Leal (2010), cujo intuito foi analisar se a construção dos significados do sentimento de insegurança era moldada pelos indivíduos da mesma forma, independentemente do local onde residia, área rural ou urbana. O autor constatou que os residentes da zona urbana relacionavam o sentimento de insegurança ao fenômeno do crime, isto por que o crime era mais frequente e a taxa de vitimação era mais elevada nos locais urbanos. Enquanto os residentes da zona rural anexaram a insegurança aos perigos da circulação rodoviária. Outro ponto pertinente do estudo foi à importância da rede de vizinhança e dos laços de solidariedade para a formação do sistema informal do controle social. Ademais, o autor verificou que nos ambientes rurais há maior possibilidade de vigilância natural e controle dos comportamentos, pois os laços criados na comunidade são mais fortes comparados com as áreas urbanas, que possuem um laço de solidariedade fraco, pois a estranheza e indiferença social fazem parte das áreas urbanas, contribuindo assim no aumento gradual do sentimento de insegurança. Outro ponto identificado no estudo advém do

papel da mídia na influência do sentimento nos diferentes locais. Observou, portanto que a mídia tinha mais influencia significativa aos residentes na área urbana do que dos da área rural.

No que tange ao cenário brasileiro, os estudos qualitativos acerca da presente temática concentra-se na ideia do medo do crime ser um sentimento presente nos ‘processos de representação social’ (Filho e Caminhas, 2009) dos sujeitos, isto é, o medo do crime é manifestado pelos brasileiros através de medidas de inclusão e controle, buscando quebrar barreiras tanto simbólica (e.g. preconceitos e estereótipos de alguns grupos e lugares), quanto material (e.g. muros, cercas e equipamentos eletrônicos de segurança) (Campos, 2008; Caldeira, 2000; Dammert e Malone, 2006; Filho e Caminhas, 2009; Plassa e Cunha, 2016; Villarreal e Silva, 2006). Todavia, ainda são poucos os trabalhos nacionais que buscam explorar os fatores ou contextos que produzem efeito no sentimento de insegurança, sobretudo, no medo do crime. Os poucos estudos significativos que se tem nessa linha de estudo são pesquisas direcionadas frequentemente à percepção de risco (e.g. Villarreal e Silva, 2006; Rodrigues, 2006). Neste sentido, vejamos alguns estudos que buscaram explorar os significados atribuídos ao sentimento de insegurança no Brasil.

Pesquisadores como Dammert e Malone (2006) buscaram avaliar, tendo em conta o nível micro e macro, a ligação entre o medo do crime e as características sociais, fatores contextuais, a mídia, a participação comunitária e a insegurança econômica em comunidades de três países da América Latina, Argentina, Brasil e Chile. Isto porque, para elas o medo do crime não pode ser isolado de outros medos que os sujeitos enfrentam diariamente. Assim, como ponto de interesse do presente estudo, focaremos somente nos resultados observados no Brasil. Com o estudo quantitativo, as autoras observaram que o medo experienciado pelos sujeitos não era subproduto somente das taxas de criminalidade objetiva, pelo contrário, este medo do crime sentimento refletia outras categorias de nível individual (*status* socioeconômico, experiência de vitimação, confiança na polícia, exposição à mídia e laços comunitários). Ademais, verificou-se que no Brasil e na Argentina as forças policiais ainda tinham registros negativos sobre a proteção de direitos da população. Diante disto, as autoras concluíram que com o envolvimento da comunidade haveria diminuição de violação dos direitos humanos, incentivando possíveis mudanças das práticas de policiamento. Ainda, identificaram o vínculo entre o medo do crime e fatores societários mais amplos. Para elas, os sentimentos relacionados à economia, políticas e insegurança social aparecem com destaque no medo do crime dos indivíduos.

Já Campos (2008) utilizou dados da pesquisa sobre sentimento de insegurança no Estado do Rio de Janeiro, bem como entrevistas em profundidade para analisar as características do sentimento de insegurança no que se refere às mudanças do comportamento cotidiano dos moradores na cidade do Rio de Janeiro. O estudo evidenciou diversas mudanças na rotina dos cidadãos fruto do sentimento de insegurança. De um modo mais concreto, a pesquisadora observou que o sentimento de insegurança reforça a mudança de rotina dos sujeitos, como por exemplo, a diminuição das saídas noturnas ou voltar tarde para a casa, evitam locais que antes frequentavam, evitam sair sozinhos, evitam o uso de transporte público ou ainda restringe a circulação dos filhos nas ruas. Ainda, alguns entrevistados relataram ter limitado as idas ao banco e outros contratam seguranças particulares. Verificou-se, ainda, que a vulnerabilidade sentida face ao crime não era somente produto das reais taxas de criminalidade, mas também através do processo de como os sujeitos interpretam o mundo. Com efeito, este sentimento de vulnerabilidade frente ao crime, acarreta no distanciamento do indivíduo em relação ao outro, isto é, uma cooperatividade superficial em que os laços de amizade e confiança são regularmente afrouxados. Ademais, observou que a mudança de rotina está relacionada à necessidade de deixar de realizar atividades de que antes desfrutavam ou na necessidade de investir tempo e dinheiro para sua própria proteção. Com as entrevistas, verificou-se que o sentimento de insegurança reforça uma das formas de violência urbana que é a criminalização da pobreza, contribuindo para a exclusão social, uma vez que o sentimento de insegurança é despertado ao localizar determinadas pessoas como possíveis ofensores (e.g. mendigos, crianças e adolescentes em situação de rua, os favelados, os negros e pardos).

Plassa e Cunha (2016) realizaram um estudo utilizando-se de base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), cujas variáveis dependentes têm características qualitativas, em que o indivíduo responde se tem ou não insegurança, procuraram avaliar as condicionantes (grupos sociais, vulnerabilidade física e socioeconômica, área geográfica e vitimação) da insegurança pública brasileira e traçar um perfil dos indivíduos mais inseguros no país. Quando analisaram por municípios, as autoras verificaram que a insegurança atinge quase metade da população brasileira. Além disso, observaram que a vitimização direta experienciada pelos respondentes apresenta efeitos significativos sobre a sensação de insegurança, sobretudo quando o delito era o roubo que se configura um crime provável de ocorrer e que pode existir até com violência física. Já os demais crimes abordados apresentam uma influência sobre a insegurança dos indivíduos, porém com uma menor intensidade. Todavia, os que não tiveram nenhuma experiência de

vitimação também relataram se sentirem inseguros em seus municípios. Ademais, verificaram os mais velhos, as mulheres, os não brancos e os mais pobres são os que se apresentam como sendo os mais inseguros, por se considerarem mais vulneráveis. No que tange a vulnerabilidade física, especificamente, os que têm problemas de saúde, apresentam menor sentimento de insegurança no seu domicílio e no bairro devido aos auxílios recebidos pelos seus cuidadores e/ou parentes. Entretanto, o mesmo já não se observou quando analisaram em nível de município, onde esse grupo é caracterizado por ter um nível elevado de insegurança.

Santos e Ramires (2009) realizam um estudo na cidade de Uberlândia, cujo objetivo foi analisar a percepção espacial que os moradores de dois bairros distintos tinham da violência e do medo. Através de entrevistas os investigadores constataram que os moradores especificaram alguns crimes do qual tem medo, observaram, portanto que o homicídio, o tráfico de drogas e os roubos são os delitos que os entrevistados temem mais. Ademais, verificaram que muito dos entrevistados alegam não trafegar por ruas mal iluminadas ou que não tenham movimento de pessoas. Para além disso, observaram que a falta de segurança pública no bairro faz desenvolver uma ansiedade maior do que a própria criminalidade violenta, uma vez que justificam que a falta de policiamento no bairro propicia a presença de criminosos no local. Ainda, no que tange aos aspectos contextuais, os sujeitos retrataram uma preocupação com os espaços vazios, uma vez que interpretam como um espaço fácil para a atuação de infratores. Por fim, foi constatado que muitos moradores temem andar no bairro à noite, isto porque, relatam ser o período do dia que mais os criminosos atuam.

Caldeira (2000), em seu livro *‘City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo’*, retrata seu estudo pioneiro sobre o medo, o crime e a segregação na cidade de São Paulo a partir de entrevistas qualitativas, no qual buscou perceber as alterações (ameaça a alguns grupos que compõem a população) marcantes na qualidade do espaço público e no significado da noção de público que caracterizou a emergência da vida moderna. Através das narrativas dos respondentes, a autora verificou que o medo da violência fez com que grupos sociais que se julgam possíveis alvos de atentados criminosos busquem ou tenham a ilusão de ocupar uma situação segura, afastando das possibilidades de encontro com aqueles que consideram diferentes e, por conta disso, perigosos. Observou que os ‘enclaves fortificados’, espaços privatizados, fechados e monitorados, constituem o principal instrumento do novo padrão de segregação, justificado pelo medo do crime e da violência. De um modo mais concreto, a autora verificou que a reação dos sujeitos que foram vítimas de crime violento era cercar a casa, mudar de endereço, controlar as atividades das crianças, contratar seguranças,

não sair à noite e evitar certas áreas da cidade. Um fato curioso foi que a maioria dos entrevistados identificaram os novos moradores, nordestinos, principalmente, tidos como mais pobres, como criminosos. Com o estudo observou-se que as experiências de violência são distintas em cada classe social. A maioria das pessoas entrevistadas relatou já ter sofrido algum tipo de violência, direta ou indiretamente (um amigo, um parente ou alguém próximo a ela já tinha sido vítima). Entretanto, as suas experiências e medos variam bastante, como no caso dos crimes contra a propriedade, sobretudo arrombamento e furto de residências e roubo, são os mais frequentes. Os entrevistados da elite demonstraram preocupação com sequestro. Na periferia, os crimes contra pessoas, inclusive assassinato, são frequentes. Ademais, a maioria dos entrevistados que não tinham sido vítima direta de um crime violento, tinham testemunhado uma grande violência nos seus bairros ou entre pessoas que conheciam. Com efeito, cada um desses acontecimentos foi sempre seguido por novas medidas de segurança. Diante disto, a partir das perspectivas dos entrevistados, a autora constatou que uma das imagens comuns para descrever o sentimento de insegurança e formas de lidar com ele foi à das “portas fechadas”.

Após demonstrarmos alguns estudos empíricos que utilizaram metodologia qualitativa e alguns quantitativos, importa retratarmos o estudo que tomamos como base para adaptação no cenário brasileiro para realização do presente estudo. Vejamos a seguir este estudo.

Em seu estudo realizado em Portugal, Guedes (2016) a partir de entrevistas semiestruturada buscou aprofundar o estudo do sentimento de insegurança, especificamente, do medo do crime. Através das entrevistas, a pesquisadora observou que o medo era manifestado intensamente quando o indivíduo se via em uma situação de perigo. Nesta situação, identificou algumas alterações fisiológicas, como o aceleração do ritmo cardíaco e o bloqueio de pensamento e da reação. Além disso, verificou que a experiência de vitimação, embora acarretasse impactos negativos, para alguns dos entrevistados esta experiência foi fundamental para ‘aprenderem a reagir’ em uma possível situação semelhante. Além disso, para alguns sujeitos a vitimação aumentou o medo em sair à noite, alterou a percepção que tinha do espaço, especificamente da cidade onde habitavam, ainda, esta experiência fez com que adotassem a comportamentos de segurança, como evitamento de determinados locais. Em contrapartida, vários entrevistados reportaram adotar comportamentos de segurança, seja eles de evitamento ou de proteção por hábito ou rotina, não dependendo de um estímulo de perigo. Outro ponto referenciado foi à importância de estarem sozinhos ou acompanhados e a familiaridade com o local e com as pessoas que ali

habitam é fundamental, pois não os deixam impotentes. A autora observou que na perspectiva dos entrevistados conhecer o local e as pessoas aumenta a capacidade de ação e controle da situação. Já no que tange aos aspectos físicos, Guedes (2016) constatou a introdução do ‘social’ ao contexto físico, por exemplo, a noite, para os indivíduos torna-se ‘noite social’, isto porque, associam seu medo à falta de movimento de pessoas neste período temporal e também o contrário, com a presença de determinados tipos de pessoas. Além disso, a escuridão por limitar o campo de visão e, com efeito, aumenta a probabilidade de uma possível vitimação também é um fator que os indivíduos associaram ao seu sentimento de medo. Além destes aspectos, observou que a vegetação e lugares abandonados são pontos identificados como ameaça, pois são vistos como possíveis esconderijos de ofensores. Outro ponto abordado foi a ideia que se tem dos bairros sociais. A autora observou que a concepção que os entrevistados têm do bairro social está associado às pessoas que ali residem, como traficantes, delinquentes, pessoas que não têm objetivos e o grande nível de pobreza do local.

4. Técnicas de Recolha de dados: Entrevista Semiestruturada

Para alcançar os objetivos desta investigação irá utilizar-se a entrevista qualitativa semiestruturada. Kvale (1996) define a entrevista semiestruturada como:

Uma conversa que se desenvolve a partir de uma sequência de tópicos a serem cobertos, o que pode ser orientado por questões, que não é necessariamente corrigida, mas irão variando dependendo do entrevistado e da situação. Há uma abertura para modificar a sequência e as formas das questões levando em consideração as respostas do entrevistado, bem como a sua história (p.124, tradução nossa)⁹.

Este tipo de entrevista caracteriza-se por haver um guião contendo os tópicos ou dimensões com os quais o entrevistador deseja conversar com o entrevistado (Patton, 2002; p. 343 cit. Navarro, 2009). Assim, o entrevistador, tendo como ponto de partida a diretriz estabelecida previamente, conduz a entrevista com um discurso livre e flexível, isto é, não respeitando totalmente as questões que tinham sido preparadas, podendo alterar a sua ordem ou modificar a forma como estão construídas (Kvale, 1996).

As principais características das entrevistas semiestruturadas consistem em combinar perguntas abertas e fechadas, podendo o entrevistador improvisar e reconduzir a entrevista aos

⁹ Texto Original: “it has a sequence of themes to be covered, as well as some suggested questions. Yet at the same time there is openness to changes of sequence and forms of questions in order to follow up the answers given and the stories told by the subjects” (Kvale e Brinkmann, 2008, pág. 124).

pontos de interesse (Kvale, 1996). As questões do guião predefinidas são seguidas, entretanto sob a forma de uma conversa informal. Segundo Hochschild (1981, cit. Machado, 2004):

A entrevista semiestruturada é bastante utilizada por obter duas vantagens essenciais. A primeira equivale a sua flexibilidade, pois mesmo havendo um guião de tópicos a abordar, o modo e o momento em que são formuladas as questões dependem do fluxo conversacional. Este evita a redução do campo de conhecimento a categorias predeterminadas e mantém aberta a possibilidade de descoberta. Em segundo lugar, a natureza aprofundada, pois permite ao entrevistador a compreender o fenómeno em estudo através da perspectiva dos participantes (p.187).

Na ótica de Manzini (2004) a entrevista semiestruturada permite aos pesquisadores atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenómenos sociais. Assim, segundo o autor, com o carácter descritivo, permite descrever os significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais, isto é, compreender os significados subjetivos das experiências de vida e das práticas cotidianas dos entrevistados.

No presente estudo, as entrevistas tiveram como base um guião previamente estruturado constituído em função dos objetivos que queremos explorar, de modo a impulsionar e dinamizar as conversas. O guião (Anexo I) se divide em três partes fundamentais: i) categoria geral, ii) dimensões específicas e iii) exemplos de questões. Importa realçar que optamos por nos focar na pluralidade de significados na experiência do sentimento de insegurança em detrimento do medo do crime, pois não se pretendeu estudar apenas o medo do crime como emoção básica, mas também como algo que deriva de uma construção social (Jorge, 2014).

Desta forma, as categorias gerais exploradas através das questões foram: i) os contextos físicos, sociais e temporais do sentimento de insegurança; ii) as experiências de vitimação direta e indireta; iii) adoção de comportamentos face à insegurança e iv) relação da mídia e a experiência de insegurança. Em relação a cada uma destas categorias foram identificados um conjunto de tópicos ou dimensões específicas a explorar, que ocasionariam a sensação de insegurança entre os indivíduos, bem como de questões-exemplo.

A primeira categoria incluída no guião foi ‘contextos físicos, temporais e sociais do sentimento de insegurança’. Várias são as investigações (Brites, 2010; Dunstan *et al.*, 2005; Guedes, 2016; Machado, 2004; Lupton, 1999; Leal, 2010; Pain *et al.*, 1999) que revelam que os elevados níveis de insegurança é desencadeado por um conjunto de fatores: as desordens urbanas, a noite, ausência de iluminação nas ruas (e.g., *graffiti*, lixo na rua, carros e casas abandonadas) e sociais (e.g., vandalismo, toxicodependência, gangues, prostituição,

mendigos). No âmbito desta categoria pretendeu-se perceber os significados atribuídos a estes aspectos ambientais e a forma como estes influenciam para a construção e o aumento da insegurança dos indivíduos. Como ponto de partida, podemos fornecer uma série de questões desta categoria, tais como: *“Poderia descrever-me um pouco da sua zona de residência”*, com o intuito de explorar como o indivíduo retrata sua zona de residência, de modo a visualizar os principais pontos apreciados e os principais problemas na zona de residência do sujeito, para em seguida, explorar os atores ou as figuras que os indivíduos identificam como ameaça e perigo, desencadeando sentimentos de insegurança. Estes foram um dos grandes pontos abordados por autores como Guedes (2016), Machado (2004), Leal (2010) e Lupton (1999). Os autores exploraram a forma como os indivíduos percebem as ‘figuras do medo’. Observaram, por exemplo, que a figura do “drogado” é a que mais ocupou o imaginário dos entrevistados, visto que encaram a toxicodependência como a principal causadora da criminalidade. Outras figuras que surgiram foram ‘gângues’, ‘homens alcoolizados’ e ‘homens estranhos nos espaços públicos’(Lupton, 1999). Nesta ótica, busca-se perceber a que figuras ou autores sociais os indivíduos associam à insegurança. Caso este problema não fosse abordado espontaneamente pelos entrevistados, podia questionar-se: *“Poderia falar-me os tipos de pessoas ou grupos de jovens e as características que o faz se sentir mais inseguro?”*.

A segunda grande categoria é a experiência de vitimação direta e indireta. A literatura científica tem identificado a vitimação como um originador do sentimento de insegurança. Ou seja, na investigação qualitativa, o que se procura é explorar a relação entre experiências de vitimação anteriores e o nível de sentimento de insegurança nas suas diferentes componentes (Guedes, 2016). Neste tópico, propúnhamo-nos a explorar os significados atribuídos às experiências de vitimação, buscando perceber a forma como é descrito o processo de vitimação e os sentimentos experienciados antes, durante e após o evento criminal. Caso tal fato não fosse abordado de forma espontânea pelo entrevistado, poderíamos questioná-lo da seguinte forma: *“Poderia falar-me um pouco de alguma situação em que se sentiu ameaçado a ponto de achar que seria vítima de uma conduta criminosa? Fala-me dessa experiência”*.

Outra categoria que também faz parte do guião é ‘adoção de comportamentos face à insegurança’, no qual propúnhamo-nos a explorar os comportamentos de segurança que os indivíduos adotam no seu quotidiano. Este foi um ponto abordado por Brites (2010); Dunstan *et al* (2005) e Leal (2010), no qual pontuam que o sentimento de insegurança funciona como estímulo externo que tende a provocar comportamentos de evitação ou fuga,

levando a pessoa a tomar determinadas medidas preventivas, influenciando no bem-estar subjetivo dos indivíduos. Para tanto, poderíamos questionar: *“Por vezes as pessoas adotam alguns comportamentos para se sentirem mais seguras. Falar-me o que acha dessa adoção de comportamento?”*. Seguidamente, *“Poderia contar-me que comportamento adota no seu dia a dia para se sentir mais segura?”*.

A última categoria, ‘relação da mídia e a experiência de insegurança’ é, na verdade um ponto tão importante quanto todas as categorias anteriores. Na ótica de Leal (2010), *“o sentimento de insegurança não resulta somente das experiências de vitimação ou da probabilidade de serem vítimas de um ato delinquente, mas também da dinâmica informativa e mediática transmitida ao vivo e em direto pelos media”* (p.404). Este é um ponto abordado por autores como Roché (1993), no qual ressalta que o indivíduo calcula o risco objetivo de vitimação através da conjugação de diversos mecanismos sociais, como a comunicação, a confiança na informação veiculada, e a manutenção do controlo social exercido por algumas instituições. O que se procura com a inclusão desta categoria é, por um lado, perceber a influência que a mídia tem na atribuição de significados e na amplificação do sentimento de insegurança nos indivíduos e o impacto das notícias de crime face aos níveis (internacional, nacional e local) tem no sentimento de insegurança dos entrevistados. Para isto, poderíamos questionar: *‘Poderia contar-me a sua opinião da forma como a mídia tem tratado o crime e a criminalidade em nosso país? O que sente em concreto ao ver essas notícias?’* e *‘Quanto às notícias de crime que acontece em outros países ou em outras cidades, acha que tais notícias de criminalidade têm a ver com a sua realidade? Que impacto essas notícias tem em si?’*

Cabe ressaltar, que embora estas categorias tenham sido orientadoras da entrevista qualitativa, novas questões podem ser colocadas por seu caráter ser semiestruturado. Ainda, apesar do caráter aberto e flexível da entrevista, buscaremos conduzi-la em uma mesma linha orientadora, abordando-se temas considerados como relevantes.

5. Procedimentos e Análise de recolha dos dados

As entrevistas decorreram entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2018. Os indivíduos da amostra foram contactados por mensagem de texto pelo celular e por telefone, no qual eram questionados sobre sua vontade e disponibilidade para fazerem parte da pesquisa. Neste primeiro contato, buscamos explicar, de forma genérica, em que consiste o estudo, não se utilizando em nenhum momento de termos que pudessem induzir as respostas dos sujeitos que resolvessem participar do estudo. Após este esclarecimento, procuramos

selecionar o local, dia e hora para a realização das entrevistas. Diante disto, todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos indivíduos, sendo todas elas feitas individualmente, para que não houvesse qualquer tipo de influencia nas respostas.

Antes de iniciar de fato as entrevistas, buscamos explicar novamente de modo geral o objetivo do estudo e, em seguida, pedimos autorização dos sujeitos para gravar o áudio das entrevistas, através do consentimento informado (Anexo II). Vale ressaltar que todos os sujeitos que concederam a entrevista autorizaram a sua gravação. Logo após a realização das entrevistas, foi realizada a transcrição das mesmas.

Processo de Análise dos dados

A análise das entrevistas fundamentou-se na análise temática a partir dos ensinamentos de Braun e Clarke (2013) que a caracterizam como sendo a identificação e interpretação de padrões. Este tipo de análise permite responder a várias questões de investigação, permitindo a análise de diversos tipos de dados, tanto de fontes primárias, quanto de fontes secundárias. De acordo com os pesquisadores supracitados, a análise temática é como um conjunto de dados que podem ser aplicada, tanto com base em dados quanto em base teórica na própria análise. Para a aplicabilidade deste método, teve uma organização como ponto de partida. A análise temática do presente estudo organizou-se em diferentes fases: transcrição das entrevistas, apontando às pausas e os silêncios. Depois de encerrada a transcrição procedeu-se o processo de análise das entrevistas, que ocorreu por meio de codificação dos dados, que consiste em um processo em que os dados brutos do texto são transformados sistematicamente, agregados e enumerados em unidades que permitem uma descrição exata do conteúdo, capaz de ilustrar as categorias das entrevistas (Bardin, 1991). Esta etapa ocorreu em três momentos: 1) recorte, que é a escolha das unidades de registro e de contexto; 2) A enumeração, que é a escolha das regras de contagem; 3) a classificação e agregação, que consiste nas escolhas das categorias – que é a classificação dos elementos. Após este processo de codificação, associamos os excertos aos códigos extraídos manualmente da análise. Neste processo, há que sublinhar que alguns fragmentos dos discursos foram incorporados em mais de um código, pois também se enquadrava em outros códigos, além disso, primeiramente, os códigos foram classificados em temas mais gerais e depois divididos em subtemas (Braun e Clarke, 2013). Além disso, é importante ressaltar que no decorrer deste processo de análise teve a colaboração de três pesquisadores para discutirmos a grelha de análise. Depois de encerrada este processo, iniciou-se a análise

interpretativa dos dados procedentes das transcrições das entrevistas conforme se descreve no item a seguir.

Capítulo III – RESULTADOS DA ANÁLISE DE DADOS

Nesta secção serão apresentados como os indivíduos sentem e vivenciam a insegurança, por meio dos significados atribuídos às experiências de insegurança, bem como os aspectos que contribuem para estas experiências. Cabe sinalizar que irão ser analisados de acordo com as dimensões do gênero e experiências de vitimações prévias. Organizaremos, portanto, em quatro categorias: 1) Manifestações de insegurança, 2) Fatores Germinadores da Insegurança: Contextos físicos, temporais e sociais, 3) Experiência de vitimação e 4) Mídia e Sentimento de Insegurança.

1. MANIFESTAÇÕES DE INSEGURANÇA

Neste primeiro momento, iremos descrever as expressões de insegurança reportadas pelos sujeitos, de modo a observarmos como manifestam as suas experiências de medo, percepções de risco, bem como seus comportamentos de segurança. Ao realizar as entrevistas procurou-se não introduzir nenhum termo ou expressão que remetesse à insegurança para não induzir a percepção e a resposta dos indivíduos. Assim, as expressões que serão apresentadas foram utilizadas pelos entrevistados de forma espontânea. Todavia, houve momentos em que foi necessário direcionar os sujeitos, utilizando-se a expressão “medo” para introduzir a questão do sentimento de insegurança, assim como a construção de seu significado.

Construção do significado de medo

Destacaremos a seguir como os sujeitos expressam as suas inseguranças face ao crime e a possibilidade de serem vítimas de um ato criminoso. Por se tratar da exploração da forma como os sujeitos constroem a identidade de medo, através das suas experiências de insegurança questionamos o que é para eles sentirem medo.

Foram diversas expressões, algumas que se referem a alterações fisiológicas, utilizadas para reportarem o que significa sentir medo para eles. Estas expressões, no geral, foram reportadas com base em suas experiências de inseguranças, tais como: “angústia”; “ansiedade”; “sensação horrível”; “falta de liberdade”; “terrível”; “muito ruim”; “sensação de

impotência”; “vulnerabilidade”; “pânico”; “sentir inseguro”. Já as expressões fisiológicas, são: “coração acelerado”; “tensão”; “nervoso”, “suando mais frio”; “ansioso”; “palpitação”;

Ao serem questionados o que é sentir medo, oito (38%), dos vinte e um sujeitos da amostra, sendo seis mulheres, três delas vítimas de delito e dois homens, sendo um deles vítima de crime, apontam sentirem-se **impotentes**, por “*não conseguir fazer algo pra garantir a sua segurança*”. De uma forma mais concreta, vejamos o que diz um indivíduo que nunca foi vítima direta de um ato delinquente e um sujeito que já sofreu um tipo de vitimação.

“sensação de impotência. De você não puder fazer nada, não tem como você reagir, isso que é o medo”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

“não consigo dar um nome. É uma sensação de impotência mesmo, que está fora do seu controle, é muito ruim”.

(Mulher, 39 anos, vítima, Uberlândia)

Reparem que a designação de medo como sendo uma sensação de impotência é compartilhada por sujeitos que já foram vítimas de um ato criminoso e outros que não, e mais, de sexos oposto. Compreende-se que esse significado dado ao medo é fruto da ideia de que não podemos fazer nada diante de um problema ou algum conflito, é como se a solução estivesse fora do alcance do sujeito.

Outro fator observado nos discursos dos entrevistados foi **a falta de liberdade**, também expressada como sendo ‘*uma prisão*’; ‘*sentir preso*’, em que para quatro (19%) dos vinte e um entrevistados, sendo duas mulheres, uma vítima de crime e dois homens, ambos vítimas de delito, o medo é: “*um sentimento muito ruim...acaba que a gente fica preso nos nossos medos, por não nos permitir nem sair de casa as vezes*”. Essa mesma ideia é compartilhada por um sujeito do sexo feminino que nunca foi vítima direta de um crime.

“sentir medo é você realmente sentir preso, é você precisar fazer tal coisa e você não vai fazer porque isso te prende... pra mim medo é eu me sentir presa em prol da minha segurança. Quase que refém desse aprisionamento e não ter a minha liberdade, que é o meu direito de ir e vir, isso eu não tenho por medo”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

Nota-se que a descrição de medo como sendo uma sensação de falta de liberdade é compartilhada por sujeitos que já foram vítimas de um ato criminoso, especificamente, três deles, sendo mais reportado por sujeitos do sexo masculino. Compreende-se que esse significado dado ao medo é construído por meio do sentimento de prisão, sentir-se *‘preso nos nossos medos’*.

Outro fator abordado por quatro (19%) sujeitos, sendo duas mulheres vítimas de crime e dois homens, sendo um vítima de delito, é a **‘ansiedade’**. Para estes sujeitos o medo é *“uma sensação horrível, uma ansiedade muito grande, uma palpitação” / “é um sentimento de ansiedade”*.

Observa-se que a denotação de medo como uma sensação de ansiedade é dividida por sujeitos que já foram vítimas de um ato criminoso sendo somente um deles que não sofreu vitimação. Além disso, esta percepção não varia entre os gêneros, uma vez que os que compartilham desta designação são de ambos o sexo. Compreende-se, portanto, que esse significado dado ao medo é um mal-estar físico e psíquico manifestado face a uma vitimação e até mesmo a uma possibilidade de ser vitimado.

Observamos que muitas emoções podem surgir quando se pensa em medo, principalmente emoções que é manifestado através de **alterações fisiológicas**. Vejamos que expressões são essas ao definirem o que é para eles sentirem medo: *“sensação de impotência... você fica mais nervoso, suando mais frio, ansioso. O medo é mais uma preocupação, uma sensação de impotência mesmo” / “É uma sensação horrível, uma ansiedade muito grande, uma palpitação, um medo terrível” / “Sinto o coração acelerado, uma tensão, não é um sentimento bom”*.

Verifica-se, portanto, que essas alterações fisiológicas estão associadas à experiência de insegurança dos sujeitos, quando estão frente a uma situação de vitimação ou de ameaça. Ademais, há que destacar que estas expressões são descritas por quem já sofreram uma vitimação, especificamente, três mulheres, no entanto, estas mesmas expressões também é reportada por sujeitos que nunca foram vítimas de um delito, nomeadamente, dois sujeitos (um homem e uma mulher).

Estado de Alerta

Outra expressão pontuada pelos sujeitos para reportarem suas experiências de insegurança é o **estado de alerta** quando estão frente a uma situação de perigo ou acham que estão na iminência dele. Dos vinte e um sujeitos da amostra, doze (57%), nomeadamente, oito

mulheres, sendo cinco delas vítimas de crime e quatro homens, sendo dois deles já vitimados, reportam ‘estar em alerta’ em situações de ameaça e perigo.

Quando expressam este estado de alerta, significa dizer que estão sob um estado de atenção face a uma situação de ameaça. Trata-se de uma antecipação e até mesmo vigilância a esta possível ameaça, uma vez que compreendem que estão em uma situação ou contexto que os remetem a um perigo, como retratado no excerto a seguir:

“Aqui no Brasil você consegue ver o inimigo chegando de longe. Não estou generalizando, não é toda pessoa de boné aba reta, de bermuda, camisa larga e chinelo que vai ser bandido. Mas todo o bandido que chega em você tem essas características. Então até pra você se preservar você acaba ligando seu sinal de alerta quando você vê essa pessoa. Não enxotamos, não pedimos pra sair nem nada. se a pessoa sentar do meu lado no banco do ônibus continuo sentado, mas meu sinal de alerta vai estar ligado”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Reparem que o estado de alerta é reportado quando associado a um contexto, especificamente no contexto social (e.g. estar sozinho, locais e pessoas desconhecidas, figuras do medo) e contextos físicos (e.g. bairros, espaços abandonados, noite): *“depende da região. Mas geralmente não me sinto bem não andando a noite. À noite meu cuidado é redobrado a noite, minha atenção, meu ouvido, é tudo redobrado a noite”.*

Outro ponto identificado foi à associação do medo à **ideia de certo e errado** que os sujeitos têm. Para quatro (19%) sujeitos, sendo três homens, um vítima de crime e uma mulher não vítima, medo é sentir que algo está fora do que ele considera certo, em palavras simples, *“medo é tudo o que foge do padrão que eu acho que está certo”*, por exemplo: *“Acho que medo é quando você começa a prevê que algo ruim vai acontecer que algo não está certo. Um alerta de que algo não está certo”*. Observe que neste último excerto, o indivíduo aponta o medo como um alerta de que algo não está correto. Percebe-se que para este sujeito, o processo das experiências de insegurança é um ciclo, no qual muitos se põem em alerta para sentirem medo, mas neste caso, é ao contrário, ele sente medo para se por em alerta, uma vez que entende que o medo é um sinal para se pôr em vigilância.

Em suma, compreende-se que o estado de alerta é uma antecipação a uma possibilidade ou risco de uma vitimação. É uma forma de talvez evitar que algo criminogênico aconteça.

Comportamentos de segurança

No decorrer das entrevistas, constatou-se que as experiências de insegurança fazem com que os indivíduos adotem diversos comportamentos com o intuito de se protegerem e até evitarem uma possível vitimação. Todos (os 21 sujeitos) os entrevistados em algum momento da entrevista apontam um comportamento que adotam para se sentirem mais seguros. Assim, verificou-se que estes comportamentos podem ser divididos em duas categorias: comportamentos de evitamento e comportamentos de proteção ou defesa.

Dos vinte e um entrevistados, dez (47,6%), sete mulheres, sendo quatro vítimas de crime e três homens, um deles já vitimado, ressaltam adotar os **comportamentos de evitamento** em determinados locais cuja reputação não seja fiável, como o alto índice de criminalidade nos locais; o desconhecimento dos locais; e pelas pessoas que frequentam ou habitam esses locais. Todavia, não é apenas o evitamento de certos locais que é identificado nas narrativas dos sujeitos, determinados contextos e tipos de pessoas, também, são evitadas pelo significado constituído pelos sujeitos aos mesmos.

Os discursos a seguir são alguns exemplos de comportamentos de evitamento reportado pelos entrevistados, no qual apontam evitar passar por lugares que acham perigosos, isto é, que consideram que há um grande risco de vitimação: *“A gente para pra pensar e evita de andar sozinha nesses lugares que eu já sei que já aconteceu ou que acontece roubo e assalto”* / *“evitar certos lugares que sabemos que acontece algo”*.

Além disso, mais a frente este mesmo sujeito aponta evitar não somente lugares que sabe que ocorrem crimes, mas que há grande possibilidade de ocorrer um crime pelo contexto que se encontra o local. *“Evito ao máximo passar por lugares que tenha um terreno baldio ou prédios em construção, porque pode ter alguém escondido nesses lugares né, só esperando alguém passar pra fazer alguma coisa”*. Como dito anteriormente, não é somente determinados locais que são evitados, mas alguns tipos de pessoas também são evitados, por obter um perfil considerado suspeito pelos sujeitos da amostra: *“se tiver uma pessoa estranha, que fica te encarando, sair de perto. Evitar ficar perto dessas pessoas”*.

Além desses comportamentos de evitamento, é preciso dar uma atenção aos outros comportamentos identificados nos discursos dos sujeitos, que é os **comportamentos de proteção**, cujo intuito é se proteger a uma possível vitimação. As ações são diversas, vão desde aquisição de equipamentos de segurança até pedir aos vizinhos para vigiarem a casa quando não estão. Verificou-se nos discursos que a adoção destes comportamentos aumenta a sensação de segurança dos sujeitos: *“o que me traz segurança ali é o fato da casa ter*

câmaras, o dono da casa mora em cima e há vizinhos ao redor”. Outro sujeito retrata algumas adoções de comportamento de proteção para evitar e até mesmo impedir que um crime seja executado: *“na minha casa, por exemplo, eu adotei o método de segurança usando as chaves tetra na porta, porque lá ainda não tem câmara... eu pus uma em cima e uma embaixo”*.

“dentro de casa eu tenho muros altos, tem um interfone, para que quando alguém estiver no portão eu atendo pelo interfone, não vou direto abrindo o portão, porque não sei quem está do outro lado... então assim, eu sempre deixo a porta fechada. Fecho tudo. Evito deixar a minha casa sozinha, quando viajo sempre peço para alguém, algum amigo ou vizinho ficar olhando a casa, pra se acaso ver alguma movimentação estranha chamar a polícia”.

(Mulher, 48 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro sujeito ressalta sentir-se seguro em sua casa pelos equipamentos de proteção que há ali, mesmo tendo ao lado um terreno baldio, que é designado como sendo uma desordem física, considerado para muitos uma ameaça, tendo em vista o risco que pode trazer aquele terreno: *“Minha casa tem muro alto, de quase quatro metros de altura, tem cerca elétrica em volta. É um lugar bem seguro, por conta disso não tenho medo por ter um terreno baldio aqui do lado não”*.

Além dos equipamentos de segurança adotados dentro de casa, os entrevistados reportam alguns comportamentos, principalmente quando estão fora de casa:

“quando viajo de ônibus, eu divido o dinheiro no bolso, nunca deixo dinheiro, documento na carteira, deixo os documentos no bolso também. Porque se acontecer algo eles levam a carteira e não os documentos e dinheiro. Se levar dinheiro, pelo menos não levam tudo”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

No decorrer das entrevistas, foi constatado que 57% (12 sujeitos, oito mulheres, na qual cinco já foram vítimas e quatro homens, sendo um deles vítima de crime) de todos os entrevistados retratam não andar com o celular à vista quando estão na rua.

“evito sair com o celular, quase não saí com o celular, deixo em casa. Mas quando eu saí, dependendo do lugar onde eu vou, se é longe, se eu vou demorar eu guardo dentro da minha calça (aponta onde na calça que guarda), no cóis da calça e sempre com uma blusinha mais larga pra não marcar”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Uma das entrevistadas, que já foi vítima de furto, ressalta a necessidade de se precaver para evitar certas ocorrências criminosas, ao ser questionado o que achava das adoções de comportamento de segurança.

“eu acho necessário para privar a gente de determinados acontecimentos, por exemplo, se eu sei que tem a probabilidade de ser assaltada porque eu tô com o celular na mão, porque não guardo o celular ao em vez de ficar vulnerável a isso. Então, eu algumas coisas eu acho que é necessário que deve ser feito. Por exemplo, a instalação de câmaras em casa, a cerca elétrica, então, tudo que a gente consegue fazer pra evitar eu acho que é necessário”.

(Mulher, 23 anos, vítima, Uberlândia)

Outra entrevistada que também já foi vítima de crime, destaca em sua fala algumas orientações de segurança dadas pela polícia militar, no qual segundo ela, procura respeitar e adotar.

“as polícias nas reuniões sempre ensinam pra gente de noite nunca andar em calçadas, porque na calçada qualquer um pode esconder numa ‘muretinha’ do portão e te abordar, mas se você tiver no meio fio é mais fácil de escapar e até de outras pessoas vê. Eu sempre procuro fazer o que a polícia fala. Andar com a bolsa na frente, eu ando, não fica mexendo no celular na rua, eu não mecho”.

(Mulher, 48 anos, vítima, Uberlândia)

Reparem que segundo esta entrevistada, a polícia dá um destaque a noite, que é outro elemento reportado por nove (42,8%) dos entrevistados, sendo oito mulheres, quatro delas vítimas de crime e um homem não vítima de crime. Compreende-se que eles dão muita atenção à adoção de comportamento de segurança, principalmente neste período temporal: *“às vezes eu quero fazer algo que é a noite e não vou por medo”.*

“por exemplo, minha mãe sempre fala quando eu saí, principalmente a noite, pra eu sempre ficar olhando quem está a minha volta, se tem alguém me seguindo, trocar de rua, por exemplo, quando desço do ônibus, para eu não vir pela mesma rua sempre, buscar sempre alternar as ruas, pra caso alguém esteja observando e vê que estou sempre sozinha e tentar algo. Ai por causa disso sempre alterno de rua, um dia vou numa rua ou noutra vou em outra rua”.

(Mulher, 19 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro ponto importante observado nas falas de quatro sujeitos, sendo três dessas vítimas de crime (duas mulheres e um homem) é a mudança de rotina, isto é, alguns sujeitos deixam de fazer algo, como sair à noite para não se arriscarem. Uma entrevistada em especial, que já foi vítima de furto neste período temporal, rejeita oportunidade de trabalho no período

da noite, como medida de segurança para não estar vulnerável a um ato criminoso: *“tem uma conhecida que pega aula a noite, eu já não pego porque sei que minha rua é um pouco escura, então para voltar da escola estarei em risco, então não faço isso entende”*. Outro sujeito adota este comportamento, “abrindo mão” de algo em prol da sua segurança, como aponta o excerto abaixo:

“eu às vezes abro mão de fazer algo, igual, eu tenho grande receio de ir em jogo de futebol, porque é a questão da oportunidade não só de cometer crimes de furto e até de violência, essas coisas me repele um pouco. Então se tiver um grande jogo, tipo Flamengo e Corinthians eu não vou lá. Mesmo se eu fosse torcedor eu não iria, porque eu sei que é onde os ânimos estão a flor da pele”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Há que destacar um adjetivo bastante presente nos discursos ao referirem à adoção de comportamento de segurança, que é o adjetivo ‘atento’. Nove (42,8%) dos entrevistados (quatro mulheres e cinco homens) reportam ficar ‘sempre atento’, sendo que três destes já foram vítimas de um delito (um homem e duas mulheres).

“Às vezes o celular está no bolso, na bolsa, mas estou sempre atento, pode ser que não consiga prevenir o roubo, mas ando sempre atento... Fico mais atento na rua, sempre olho nas esquinas, sempre olho pra trás se tem alguém”.

(Homem, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Portanto, verificou-se que os entrevistados manifestam seu sentimento de insegurança através de uma mudança no comportamento. Eles desenvolvem estratégias tanto de proteção quanto de evitamento para se sentirem um pouco mais seguros diante das desordens físicas e sociais do seu cotidiano. Observou-se, portanto, que os comportamentos de segurança são mecanismos fundamentais para atenuar o sentimento de insegurança dos sujeitos da amostra, sobretudo para os que foram vítimas de um ato criminoso. Os demais comportamentos de proteção são adoções adquiridas tanto para quem já foi vítima quanto para quem nunca sofreu uma vitimação. Ainda, verificou-se que a adoção de comportamentos de segurança é igual tanto para os homens quanto para as mulheres, ambos manifestam comportamento de segurança semelhante.

2. FATORES GERMINADORES DA INSEGURANÇA: CONTEXTOS FÍSICOS, TEMPORAIS E SOCIAIS.

Neste segmento debruçaremos nas possíveis componentes que causam o sentimento de insegurança. Estes fatores serão apresentados e analisados de tanto de forma individual

quanto em conjunto. No primeiro momento, iremos retratar o que tem os contextos físicos, conjuntamente com os aspectos temporais que fomenta o sentimento de insegurança nos entrevistados. A princípio retrataremos o aspecto temporal ‘noite’ e as percepções que se têm deste contexto. Após esta análise, retrataremos um elemento do espaço físico reportado pelos sujeitos que é a ‘vegetação e os lugares abandonados’. Vejamos o que cada um destes contextos significa aos sujeitos da amostra.

Contextos físicos e temporais: Noite

Após o anoitecer, o ambiente que no período do dia, na maioria das vezes, é designado por ser um lugar agradável, acaba por constituir elementos que o faz ser caracterizado por ser ameaçador à segurança dos sujeitos. Vejamos a seguir quais são estes elementos que tem amedrontado os sujeitos da amostra.

No decorrer das entrevistas foram constatadas diversas expressões abordadas pelos sujeitos para reportarem as suas experiências com a noite: “perigoso”, “medo”, “sinto mais receio”, “sinto mais medo”, “estamos mais vulneráveis”, “é mais perigoso”, “me sinto inseguro”, “me deixa assustada”, “sinto insegurança”, “apreensivo”, “ligo o sinal de alerta”, “me retrai um pouco”, “fico mais atento”. Estas expressões referem-se a sinais contextuais, tanto físicos, sociais e temporais, a figuras do medo, à preocupação em não ser vitimado e a experiência de vitimação.

Os significados atribuídos à noite podem agrupar-se em cinco categorias: Falta de Iluminação/Escuridão; pouca movimentação de pessoas; associação a pessoas diferentes e a contextos; a probabilidade de ocorrência de vitimação e maiores adoções de comportamento de segurança.

A partir dos discursos dos entrevistados compreende-se que a **iluminação/escuridão** tem assumido um papel fundamental no aumento do medo do crime. No total, dezoito sujeitos (85,7%, sendo onze mulheres e sete homens), dos vinte e um entrevistados, referiram este fator para caracterizarem o aumento do medo à noite. Destes dezoito indivíduos, nove nunca haviam sido vítimas de crime, sendo seis destes do sexo feminino.

Mas questiona-se o que tem a escuridão que faz com que os sujeitos tenham mais medo à noite? Para responder a esta problemática, encontramos nas narrativas dos entrevistados que a escuridão diminui o campo de visão das pessoas, a vigilância natural torna-se limitada, pela obstrução do que se vê e de não poder antecipar acontecimentos

criminogênico (uma possível vitimação, por exemplo). Veja-se o que alguns entrevistados reportaram ao serem questionados se a sensação de medo modifica por ser noite.

“Sim, pela visibilidade, se acontecesse algo a noite eu não estaria preparado, por não conseguir ver quem está a minha volta. Não tem iluminação, tá escuro”.
(Homem, 23 anos, vítima)

“Mas sim, o fato de ser noite, sinto mais medo. Acho que é por estar escuro, não conseguir ver direito”.
(Mulher, 50 anos, não vítima)

Repare-se que a visibilidade é um ponto importante para estes sujeitos, e a falta de iluminação, especificamente após o anoitecer, diminui seu campo de visão, obstruindo sua vigilância natural, tornando-se o espaço escuro, sem iluminação, um espaço ameaçador.

Alguns entrevistados ao serem questionados que característica do espaço o faz sentir inseguro, responderam que a falta de iluminação é uma característica que aumenta seu “medo”, “receio”, que “liga seu sinal de alerta”, como é retratado nas narrativas abaixo:

“normalmente lugares que tem pouca iluminação, que você não consegue ver o que está a sua volta, esses me dão medo”.
(Homem, 26 anos, não vítima)

“regiões escuras, mal iluminadas, essa é o principal cenário... é aquela questão do desconhecido e acho que a escuridão passa isso, não tenho visibilidade”.
(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Como se observa, a falta de iluminação potencializa o aumento da sensação de insegurança, ativando o sinal de alerta. Além disso, alguns dos entrevistados apontam que a má iluminação traz algo desconhecido por obter seu campo de visão obstruída, o que significa dizer, que facilita a possibilidade que algo inesperado aconteça (falaremos mais a frente essa ideia do desconhecido pontuado pelos entrevistados).

“já pisando o pé fora do portão de casa já acho um lugar desconhecido pra mim. Já tenho alguns cuidados, pois já acho meio escuro... a noite é mais perigoso ainda... por estar escuro você não tem visão”.
(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

“Acho que a falta de luz é um fator que aumenta o medo... então realmente o escuro dá mais medo, por não ver quem está a minha volta, por ser mais fácil de alguém te pegar desprevenido”.
(Homem, 24 anos, não vítima)

Ainda, três (16,6%) dos entrevistados apontam ter mais cuidado à noite, pela pouca visibilidade que tem, por estar escuro. Destes três sujeitos, duas são do sexo feminino, sendo ambas vítimas de crime e um homem não vítima de um ato criminoso, como verem nos excertos a seguir:

“Por essa questão de estar escuro. Tomo cuidado no meu dia-a-dia, mas a noite tenho mais cuidado. Por não ver o que está a minha volta”.

(Mulher, 55 anos, vítima, Uberlândia)

“Na avenida é iluminada, já nas ruas paralelas não são iluminadas, tanto que quando eu voltava à noite da rua, eu evitava voltar por elas por serem escuras, aí vinha por outra rua que era mais iluminada”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

Diante do exposto, percebe-se o quanto a noite sinaliza a adoção de alguns comportamentos de segurança. Isto se tem justificado, para além da falta iluminação por ser o período do dia que mais há ocorrência de crime: *“acredito que seja porque as coisas acontecem mais a noite. Acho que é o período que ficamos mais vulneráveis”*. Já outro sujeito aponta *“que não dá pra ficar andando a noite desacompanhada... porque aqui tem lugares que realmente não dá pra ir em determinado horário que até a policiais falam para não ir, porque eles não se responsabiliza pelo que pode acontecer”*.

Diante disto, ao serem questionados se pudessem fazer alguma coisa para intervir no espaço para melhorar sua segurança, uma das grandes intervenções que alguns entrevistados reportaram foi à melhoria da iluminação pública, como retratado nos fragmentos abaixo:

“aumentar o policiamento, melhorar a iluminação pública... acho que isso melhoraria muito a segurança aqui na cidade”.

(Homem, 26 anos, Não vítima)

“Acho que precisa melhorar a iluminação, por que tem muitos bairros que você tem receio de entrar porque está escuro, então assim, qualquer coisa pode acontecer você não está vendo”

(Mulher, 23 anos, vítima)

Além disso, verificou-se que alguns indivíduos partilham da ideia de que a escuridão da noite facilita que ofensores se escondam nos lugares escuros. Como bem retrata o excerto a seguir:

“Ahh, por exemplo, se está escuro, você não tem visão. Na minha rua, tem um espaço bem pequeno, tipo um beco, então durante a noite fica muito escuro, tipo

19hrs por aí, mas vai que tem alguém lá. Ninguém passa lá, sempre desvia. Por estar escuro, alguém pode se esconder atrás da árvore, de dia não, a gente consegue ver a sombra da pessoa. Diferente da noite. Mas por não conseguirmos ver mesmo”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

“Lugares com pouca gente, escuro e abandonados estamos mais vulneráveis né. Pode ter alguém escondido em algum lugar que eu não consigo ver por estar escuro”.

(Mulher, 24 anos, Não vítima, Castilho)

As narrativas demonstram, portanto, que a falta de iluminação e a escuridão da noite é um fator primordial para o aumento do sentimento de insegurança para grande maioria dos indivíduos da amostra, sobretudo para as mulheres vítimas e não vítimas.

Não obstante, dos vinte e um entrevistados, seis (28,5%) destes, sendo eles quatro mulheres, três vítimas de crime e dois homens, um que já foi vítima de crime), a falta de iluminação à noite além de obstruir sua visibilidade faz com que facilite a **possibilidade de vitimação**. Vejamos alguns fragmentos em que os sujeitos fazem essa associação.

“À noite dificulta a visualização né. Não consigo ver quem está a minha volta. Acho mais fácil de acontecer algo”.

(Homem, 54 anos, vítima, Uberlândia)

“à noite a gente não tem uma visão de tudo, então se uma pessoa vir de um lado te atacar, a noite é mais fácil por ser escuro e não consegui ver direito quem tá ao seu redor. É mais fácil dela te abordar”.

(Mulher, 19 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro elemento muito referenciado pelos entrevistados, especificamente, doze (57%) dos vinte e um sujeitos da amostra, sendo três homens, um vítima de crime e nove mulheres, cinco destas vítimas de algum ato criminoso, é a **falta de movimento de pessoas** à noite. A ausência de pessoas na rua é algo presente no discurso dos sujeitos da amostra, usado como justificativa ao aumento de sua insegurança, como bem retrata os trechos a seguir:

“em lugares que não tem ninguém, uma rua deserta, com pouca movimentação, eu não gosto, por medo mesmo”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Com efeito, para alguns sujeitos uma rua movimentada sinaliza segurança: *“a rua é bem movimentada, isso faz com que eu me sinta mais segura”.* Outro entrevistado compartilha dessa mesma ideia, na qual ele diz que *“se a rua estiver movimentada eu até me sinto um pouco segura, caso contrário não sinto nenhum pouco”.*

Ainda, a presença de pessoas, além de trazer segurança para alguns entrevistados, inibe os ofensores de atacarem: *“acho que quando tem muita gente a pessoa fica meio assim de fazer algo”*. Para melhorar a ilustração do compartilhamento desta ideia de que o movimento traz segurança, uma entrevistada explica que *“durante o dia te passa àquela sensação de ter mais movimento, ter um público maior transitando, então evita certas abordagens”*.

Reparem que o movimento de pessoas é caracterizado até como uma medida de segurança para os entrevistados, uma vez que o movimento de pessoas pode coibir o possível ofensor de atacar. Além do mais, a falta de movimento, consequentemente, faz com que os sujeitos liguem o sinal de alerta, principalmente à noite, como retratado abaixo:

“vou colocar em uma situação pra explicar melhor. Se tiver de dia e eu estiver em locais ermos, onde não tem muita gente passando eu também ligo o sinal de alerta, a noite agrava... sinto medo e até uso esse medo pra me colocar em alerta”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Grande parte dos entrevistados retrata um paradoxo em suas falas, uma vez que apontam sentir insegurança em lugares sem movimentos de pessoas, contudo, se houver movimento de pessoas, e estas fizerem parte de sua rotina, as faz se sentirem seguras, caso contrário não. Em outras palavras, se houver movimento de pessoas diferentes do seu cotidiano elas sentem medo da mesma forma. Isto porque, a noite está também sendo **associada a pessoas e a uma ideia do contexto**, ou seja, alguns sujeitos identificam que as pessoas que saí certa hora da noite não são fiáveis, pois *“a noite as pessoas aproveitam para beber, fumar droga, já ficam mais agitadas, aproveita a escuridão. Acho que a noite deixa tudo propício para alguém aprontar alguma coisa”*.

De acordo com este trecho, parece que a noite emerge tipos de pessoas consideradas ameaçadoras que aumentam o risco de vitimação. Outro sujeito associa à noite a figura de sujeitos estranhos, que não fazem parte da sua rotina, designando assim o lugar perigoso neste período temporal: *“Mas assim, aqui perto de casa mesmo, acho perigoso à noite porque aparecem umas pessoas estranhas, que não é morador aqui”*.

Observou-se, portanto, que após o anoitecer o sentimento de insegurança modifica ao comparamos com a luz do dia. Isto se justifica, visto que a noite aumenta a probabilidade de vitimação, uma vez que as pessoas que frequentam este período do dia, não são confiáveis, pois as associam ao alcoolismo, uso de drogas, além de algumas figuras sociais que consideram ameaçadoras, como a presença de um sujeito do sexo masculino. Em

contrapartida, estes entrevistados compreendem que o período do dia, ao contrário da noite, abriga pessoas fiáveis, tendo em vista que estas fazem parte da sua rotina, atenuando o risco de ser vítima de um delito: *“Tirando a noite, que esta muito escuro, de dia, acho bem tranquilo, é bem movimentada” / “Sinto mais medo a noite do que de dia”/ “Eu gosto muito de ir nessa praça para caminhar ...Mas vou só de dia, por que a noite tem muito homem lá, e fica muito escuro”*.

Logo, compreende-se um grande valor semântico à noite ao ser associado à suas experiências de insegurança. E ao identificar nas falas, o que tem a noite que os fazem sentir mais medo, revelam vários fatores que caminham sozinho, mas que também, se cruzam, como no caso da falta de movimento e a associação de pessoas e contextos.

Ainda, há que destacar que as entrevistas revelam que a mesma causa do medo sentido à noite, para alguns, também é o mesmo associado **ao início do dia**, descrito como “manhãzinha”. Em alguns discursos, o medo aparece do mesmo jeito que à noite, quando associado ao início do dia, uma vez que associam a ‘manhãzinha’ a falta de movimento de pessoas, aumentando o risco de vitimação, como retratado na fala abaixo:

“Mas na questão de manhã cedo, que é o horário que vou trabalhar...por ser muito cedo, não tem muita gente e isso pode fazer com que você seja vítima de um furto, assalto, por ter gente esperando você passar para te abordar...mas pela manhã, e pela noite e pode observar lá pela 8h:30min da noite e da manhã não tem ninguém na rua e quando tem é muito escasso o transito de pessoas. E isso são características propícias para que eles abordem a gente”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

Como se observa, grande parte dos entrevistados considera que a noite é um elemento que potencializa sua insegurança, por vários motivos apontados até o momento. As entrevistas revelam, portanto, que não há diferença de gênero entre os indivíduos da amostra e nem entre os que já sofreram algum tipo de vitimação e os que nunca foram vítimas. Ambos demonstram ter sua insegurança agravada no período da noite.

Vegetação e Lugares abandonados

O sentimento de insegurança traz uma série de consequências ao espaço urbano e às pessoas, sobretudo à noite. Dos vinte e um entrevistados, doze destes (57%), onde oito são do sexo feminino (sendo quatro destas vítimas de crime), associam os locais abandonados à sua experiência de insegurança. Segundo eles, estes espaços são potenciais esconderijos de pessoas não fiáveis (e.g. drogados, ofensores): *“Lugares que tenham terrenos baldios eu até*

tenho medo... porque o terreno baldio a pessoa pode se esconder lá e me atacar". E essa experiência de insegurança agrava se houver vegetação, principalmente no período da noite, que está escuro, os levando a tomarem comportamentos de segurança.

No decorrer das entrevistas verificou-se, um elemento do espaço físico muito retratado pelos indivíduos da amostra: **a vegetação**. Este elemento aponta um fator que tem condicionado o sentimento de insegurança, principalmente quando associado à noite, pela falta de iluminação. Segundo sete (33,3%) dos vinte e um entrevistados, sendo cinco mulheres (três vítimas de delito) e dois homens não vítima, os locais com vegetação (e.g. árvores, matagal), embora, em alguns lugares (e.g. parques, praças) seja caracterizado durante o dia como sendo prazeroso, podem tornar-se um forte local de esconderijo de possíveis ofensores, principalmente à noite. Esta ideia cruza com a percepção do aumento da possibilidade de vitimação.

“Na minha rua, tem um espaço bem pequeno, tipo um beco, então durante a noite fica muito escuro... Por estar escuro, alguém pode se esconder atrás da árvore, de dia não, a gente consegue ver a sombra da pessoa. Diferente da noite”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

“um matagal, terreno baldio... é muito fácil esconder nele pra abordar alguém, tanto de dia quanto a noite. Isso dá medo”.

(Homem, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Além deste fator, há que retratar que ao pedir para caracterizar o local onde reside somente um sujeito aponta que a vegetação bloqueia a iluminação da rua à noite.

“é uma rua de duas pistas, tem um canteiro com algumas árvores, é iluminado só de um lado e por causa das árvores não é bem clara a noite”.

(Mulher, 30 anos, vítima, Uberlândia)

Observa-se que a vegetação acaba por torna-se ameaçadora, erradicando a circulação de pessoas por estas áreas, pelo impacto que este elemento tem na experiência de insegurança dos indivíduos. Isso se confirma na amostra quando se questiona que característica do espaço a faz se sentir insegura, como bem retratado nos discursos abaixo:

“Do lado da minha casa tem um terreno baldio, é uma rua iluminada, mas no terreno não é tanto não... ele é sujo, cheio de mato, largado, abandonado. Para você ter uma noção, me incomoda a ponto de não passar na frente na hora que venho para casa. Por ser um lugar abandonado, ele me traz insegurança, pode ter gente lá, sei lá, usando drogas”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Castilho)

“se eu estiver passando por um local que não tem nada, apenas mato e na periferia da cidade eu fico com o meu sinal de alerta ligado... não me sinto seguro... sinto medo”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Observou-se, portanto, que esta associação da vegetação com o sentimento de insegurança demonstra um elemento motivador para a germinação deste sentimento, para ambos os gêneros, não havendo distinção na vitimação dos sujeitos, isto é, se já foram vítima de um ato criminoso ou não.

Além disso, os entrevistados revelaram uma forte ligação entre dois elementos físicos muito retratados nos discursos: a **vegetação e os espaços abandonados**. Ocorre que, os lugares abandonados caracterizados por muitos por “terrenos baldios, lugares ermos”, estão diretamente ligados à vegetação que há nesses lugares, desencadeando a sensação de insegurança nos entrevistados. Como bem retratado nas falas dos sujeitos ao ser questionado se havia um espaço específico que o fazia se sentir inseguro:

“tem um atalho, um beco para chegar a minha casa, só passo lá quando está claro. A noite não passo lá não... porque fica escuro, tem um grande terreno baldio com um monte de árvores e mato alto”.

(Homem, 24 anos, vítima, Ouro Preto)

“então o que me remete medo é andar sozinha, a noite, em uma região erma, casas abandonas, com lotes vagos. Você está totalmente vulnerável nessas situações. Porque, essas pessoas que tem a intenção de ter abordar muitas vezes preferem ficar nessas regiões pra te abordar, ‘Ah tem um local aqui que tem um mato grande, uma árvore, vou ficar aqui que quando aparecer alguém eu abordo’”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

“lugares escuros com mau aspecto fico bem mais atenta. Aqui pra baixo tem um terreno, é fechado e eles até plantam nele. Ai teve um dia em que o meu filho chegou da faculdade à noite e a polícia correndo atrás de um rapaz e ele entrou lá dentro deste terreno, mas a polícia não viu. Aí sempre fico com medo daquele terreno ali, de alguém se esconder nele pra fazer algo”.

(Mulher, 54 anos, vítima, Uberlândia)

Cabe, portanto, pontuar que as entrevistas indicam que a vegetação e os locais abandonados, sobretudo quando associados ao período da noite, acabam sendo caracterizada como ameaça a segurança dos sujeitos. Ademais, esse tipo de contexto e espaço os dá a ideia de que estão vulneráveis, potencializando seu sentimento de insegurança.

Contextos sociais

Neste momento, retrataremos a relação entre o aumento do sentimento de insegurança e alguns aspectos sociais identificados nas falas dos sujeitos. Vejamos a seguir alguns aspectos sociais, pontuado pelos sujeitos que agrava ou potencializa o sentimento de insegurança nos sujeitos.

Sozinho e Familiaridade com os locais

Até o momento, foi possível observar de diversas formas nos discursos dos entrevistados que os aspectos físicos como a vegetação, os locais abandonados, principalmente quando associado à ‘noite’, são fatores importantes para a forma como os sujeitos retratam as suas experiências de insegurança.

Contudo, verificamos ainda, que o fato de um indivíduo estiver sozinho ou acompanhado interfere no desencadeamento do sentimento de insegurança, uma vez que para muitos, a ideia de está sozinho em um lugar o deixa vulnerável, aumentando o risco de vitimação. Além deste aspecto social, o conhecimento com o local (familiaridade) também é outro fator abordado pelos entrevistados ao explicarem suas experiências de insegurança. Vejamos, de modo mais concreto o que os sujeitos da amostra falam sobre estes aspectos sociais.

Somente o sexo feminino associa o fato de estar sozinho com a potencialização de seu sentimento de insegurança. Nomeadamente, para seis (46%) mulheres (duas vítimas), das treze mulheres entrevistadas, a ideia de **‘estar sozinho’** as deixam vulneráveis, principalmente à noite, desencadeando o sentimento de insegurança: *“Então o que me remete medo é andar sozinho, a noite... você está totalmente vulnerável nessas situações”*.

Além disso, o contexto influencia muito nessa sensação de insegurança ao estar sozinho, uma vez que dá a ideia de que estão protegidos quando estão acompanhados, principalmente em lugares com alto índice de criminalidade à noite, isto é explícito na fala de um sujeito ao questionarmos que espaço o considera desagradável: *“Até na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) não gosto de ir desacompanhada a noite. Por que lá anda acontecendo muitas coisas. Então não gosto de ir lá a noite sozinha”*. Diante disto, constata-se que estar acompanhado é caracterizado com um comportamento de segurança para diminuir o risco de vitimação.

Ademais, o estar vulnerável não é o único significado que os entrevistados definem ao se sentirem inseguros ao estarem sozinhos. O possível fato de estar sozinho dá a ideia de que

“se vier acontecer alguma coisa, não tenho ninguém para olhar por mim ali naquele instante”.

Há que destacar que a ideia de não estar sozinha, não significa, somente, estar acompanhada com alguém conhecido, mas de não estar sozinha em um determinado espaço, mesmo que seja de pessoas que não fazem parte da sua rotina. De um modo mais concreto, observou-se que a movimentação de pessoas na rua traz a sensação de não estarmos sozinhos naquele lugar. Isto é bem ilustrado na fala de uma entrevistada, no qual ela revela que não se sente bem em andar sozinha na rua, todavia, se a rua estiver movimentada de pessoas, mesmo sendo à noite, ela não sente medo por não estar acompanhada com um conhecido.

“Teve um dia que fui consultar, a consulta era a noite e eu fiquei esperando minha mãe ir me buscar, esperei, mas ela estava demorando, ia dar quase 21hrs e eu queria ir embora e nada dela aparecer, aí fui embora. Mas como a rua estava movimentada, não fiquei apreensiva”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro aspecto social bastante salientado pelos entrevistados como um aspecto importante na sua sensação de insegurança é a **familiaridade** com os locais. Onze (52,3%) dos vinte e um entrevistados, sendo nove mulheres (cinco vítimas de crime), apontam aquele aspecto social relevante para sua experiência de insegurança. De acordo com as narrativas conhecer o lugar o faz se sentir mais seguro. Vejamos o discurso de um sujeito sobre o assunto:

“Se eu conhecer o local eu não tenho medo... eu conhecendo o lugar diminui o medo, porque você conhece as pessoas que normalmente frequentam e as pessoas que frequentam te conhece”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Castilho)

“Aqui em casa, as vezes passa gente estranha que não é a da vizinhança, mas parece que me sinto mais segura aqui pra cima. Agora umas duas ruas pra baixo já me sinto insegura. Não sei se é porque eu já conheço aqui a rua e ali pra cima e não conheço muito ali pra baixo, não sei... Acho que o fato deu conhecer, de ter familiaridade com o lugar, de conhecer quem vive ali me deixa mais segura”.

(Mulher, 39 anos, vítima, Uberlândia)

Um fato interessante é que alguns entrevistados revelam sentirem-se seguros por conhecerem o lugar e as pessoas, mesmo estes se tratando de lugares com alto índice de criminalidade e que abrigam pessoas ditas não fiáveis. Uma entrevistada adverte que perto de sua casa há um bar no qual muitos vizinhos apontam como perigoso, pelas pessoas que ali

frequentam (usuários de droga, bêbado, possíveis ofensores). Entretanto, por conhecer os donos do bar e as pessoas que ali frequentam, não lhe incomoda.

“Eu conheço todo mundo aqui, a maioria são gente de família, gente boa, de boa convivência. Isso faz com que eu fique mais tranquila... Aqui só tem um barzinho ali que muitos até reclamam, mas sabe que a mim não incomoda. Não sei se é porque moro aqui a tantos anos e conheço os dono, a maioria do povo ali, tanto que quando eu viajava, isso antigamente, eles que cuidava aqui de casa, ficava de olho. Não é algo que me incomoda como incomoda alguns moradores aqui”.

(Mulher, 48 anos, Vítima, Uberlândia)

Portanto o lugar onde mora torna-se seguro, conforme comprovado nas falas dos sujeitos da amostra, pela familiaridade que tem com o local, mesmo este obtendo um alto índice de ocorrências de crime.

“Mas tem um lugar que eu me preocupo que não gosto muito de ir é ali no bairro Pampulha e Lagoinha.... Acho que é uma questão de conhecimento, porque as pessoas que moram e que vive, tipo, muitas pessoas falam do meu bairro, mas eu não vejo isso que as pessoas falam do meu bairro. Então a partir do momento que você começa a viver no espaço, passa a viver as dificuldades, os problemas em torno, você tem um conceito diferenciado daquilo que você conhece”.

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

Para concretizar esta reflexão, esta mesma mulher complementa sua fala reportando que se estiver no lugar de um morador de um bairro com alto índice de criminalidade, talvez a percepção e a experiência de insegurança sejam diferentes. Vejamos o que ela relata:

“Então talvez, se eu tivesse a oportunidade de viver, conhecer esses lugares talvez meu conceito do lugar seria outro. Então eu acho que o fato de conhecer já nos leva aquela questão na normalidade, o que é normal pra você não precisa ser, necessariamente, normal pra mim, então isso acontece muito. Então pra mim, aquela violência, aqueles acontecimentos que acontecem ali é normal, e pra mim já não é. Eu acredito que o que influencia muito na forma como você se sente é a familiaridade, se você está ali se sentindo bem ali naquele espaço que você vive mesmo com tanta violência você não irá se sentir inseguro.”

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

Quatro entrevistados mencionam que sua zona de residência é segura ao pedirmos que caracterizasse a sua área de residência: *“Acho que aqui é um lugar seguro sim, comparado com outros lugares aqui... eu conheço mais o pessoal que mora aqui, que frequenta, pelo menos aqui na rua... então eu já fico mais tranquila”.*

Uma entrevistada ao ser questionada se ela acha que o fato dela conhecer o lugar e as pessoas a deixa mais segura, mesmo tratando-se de um lugar considerado perigoso, responde

que o fato de conhecer as pessoas e o lugar dá a sensação de proteção por parte dos possíveis ofensores ou toxicodependentes, como retratado no fragmento a seguir:

“Acho que sim, porque sabemos quem é o drogado, quem é que rouba. Muitas vezes já chegaram em mim falando ‘Ah sou amigo dele, ele não deixa roubar aqui em casa’. Acho que por conhecer o lugar ou a pessoa, mesmo que ela seja ladrão, dá aquela sensação de proteção, de segurança”.

(Mulher, 54 anos, vítima, Uberlândia)

Além disso, a partir dos discursos dos entrevistados verificou-se um elemento que também assume um papel fundamental no aumento do sentimento de insegurança, qual seja, o **‘desconhecido’**. Observamos nas falas que os sujeitos da amostra têm uma resistência em sair da sua ‘zona de conforto’, uma vez que se compreende que tal zona traz uma sensação de equilíbrio e controle, tudo o que o desconhecido não traz, pelo contrário, essa falta de controle provoca o aumento do medo nos indivíduos. Isso foi identificado na resposta de um dos entrevistados ao responder se havia outra característica de um espaço que a faz ficar em alerta.

“Aaahh, tem vários. Quando é um espaço desconhecido, sempre fico olhando para um lado e pro outro, mas quando é um espaço que é a rua da sua casa você sabe os pontos, que são os pontos que são menos seguros, então eu sei que se um bandido quiser se esconder, ele ficará perto de uma árvore, vai ficar naquele ponto ali. À noite é mais perigoso ainda”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

Desta forma, observou-se nas narrativas que o diferente amedronta os sujeitos ao ponto de aderirem a alguns comportamentos de segurança, especificamente, o comportamento de evitamento, isto é, evitar o ‘desconhecido’. Há que destacar que foi constatado que o desconhecido não é apenas aludido a locais, mas também a pessoas: *“sinto mais medo à noite do que de dia. Mas tem sua ressalva. Dependendo do lugar e tiver umas pessoas estranhas na rua, aí já fico mais atento”.*

Observa-se que o estranho, também, compreendido como o desconhecido, que está fora da sua zona de conforto é caracterizado como ameaçador. Acarretando a diversos comportamentos de segurança face a esta figura desconhecida, tais como o evitamento e a proteção contra esse desconhecido: *“aqui perto da casa mesmo, acho perigoso a noite porque aparece umas pessoas estranhas, que não é morador aqui”.*

Figuras do Medo

No decorrer das entrevistas observamos que os sujeitos da amostra identificam, além dos elementos físicos, algumas figuras sociais como ameaçadoras e perigosas potencializando seu sentimento de insegurança. Essas figuras intituladas por ‘figuras do medo’ são associadas como ameaçadoras por estarem de alguma forma relacionada com o crime. Entre várias expressões presentes nos discursos dos indivíduos, a ‘insegurança’, ‘receio’, ‘medo’, ‘alerta’ são constantes quando abordam essas figuras sociais.

Nota-se, portanto, que os grupos de jovens, os toxicodependentes, o motoqueiro são figuras constantemente consideradas ameaçadoras para uma boa parte dos entrevistados. Para compreendermos melhor essa relação vejamos como os entrevistados retratam estes ‘tipos de pessoas’ em seus discursos.

A figura do **grupo de jovens**, para quatro sujeitos (19%, dois homens não vítimas e duas mulheres vítimas de delito), de vinte e um entrevistados abordam ter receio ao serem questionados que tipo de pessoas o faz sentir inseguro: *“Geralmente quando tem um grupo de adolescentes mais aglomerados, com boné de aba reta, aí fico com um certo receio”*. Reparem que neste fragmento o sujeito identifica esse grupo de jovens, não apenas por ter um grupo de adolescentes, mas pela vestimenta desse grupo. Três destes sujeitos retratam a vestimenta como um elemento caracterizador desses grupos de jovens, ao responderem que tipo de pessoa específica o deixa inseguro: *“Geralmente quando tem um grupo de adolescentes mais aglomerado, com boné de aba reta, aí fico com um certo receio”*.

“as pessoas que usam boné aba reta, que utilizam roupas, tipo assim, mais largas, que às vezes utilizam algumas coisas, por exemplo, falha na sobancelha. São pessoas que me deixam um pouco mais alerta...o que me assusta são esses meninos mais novos e que usam esse tipo de roupa”.

(Mulher, 23 anos, vítima, Uberlândia)

Um sujeito ao ser questionado o que tem nos lugares em que não se sente bem, ele aponta o fato desses lugares terem ‘um pessoal meio estranho’, referindo-se a ‘grupo de pessoa’. Para compreendermos melhor que grupo de pessoas e pessoas estranhas ele estava se referindo, pedimos que explicassem melhor sobre esse ‘pessoal estranho’:

“O Morumbi, você encontra um pessoal meio estranho nas ruas, quando falo estranho refiro a grupo de pessoas que ficam na calçada fumando, te encarando.... me refiro a grupos de jovens, entre 14 a 20 anos, que estão vestidas com roupas mais largas, meio rapper e a forma como fala, pela linguagem, falando muitas gírias que você vê que é do gueto”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

Ainda, este mesmo entrevistado, conclui sua resposta abordando que não é apenas a vestimenta desses grupos de jovens que o assusta, mas sua atitude: *“o que me assusta mais assim é a entonação de voz que eles usam, até para falar com pessoas do mesmo grupo dela, se está falando muito alto”*.

Verificamos ainda que **a vestimenta** é um dos principais elementos provocadores das manifestações da insegurança sentida pelos sujeitos. De vinte e um entrevistados, catorze (66,6%, seis homens, sendo duas vítimas de crime e oito mulheres, sendo três vítimas de crime) reportam a vestimenta como um fator chave para se sentirem inseguros: *“dependendo do que está vestindo, tipo, se estiver de dia e a pessoa está de blusa de frio e nem está frio, está calor. Pessoas que usam boné aba reta... é o que me dá mais medo, um certo receio”*.

Um dos indivíduos da amostra ao ser questionado se havia um tipo ou perfil de pessoa que lhe deixava mais alerta, aponta que uma pessoa com uma vestimenta de ‘mala’(linguagem informal que se refere a bandido) não é fiável:

“Geralmente uma pessoa magra, com boné de aba reta, geralmente de tricô, com corrente grande, andado de shorts, de chinelo de time. Esse é o famoso mala. Pelo menos na minha cabeça você pode esperar qualquer coisa desse tipo de pessoa. É um perfil que me assusta”.

(Homem, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Há que destacar que alguns entrevistados ao serem questionados se havia um tipo ou perfil de pessoa que lhe deixava mais alerta, dizem que não tem um perfil específico do qual tem medo, entretanto, mais a frente acabava traçando um, como observados nos excertos a seguir: *“Não tenho nenhum tipo de pessoa específico. Claro, se eu ver uma pessoa mal arrumada fico mais atento”*.

“ahh, não tenho um perfil, se a pessoa está mal arrumada ou não. A muitas pessoas bem arrumadas que fazem muitas coisas, rouba, estupra sei lá. E tem caras que tem cara de bandido e não fazem nada. Então assim, não tenho um perfil...Mas é claro, se você vê uma pessoa que não se veste muito bem, com cara meio estanha eu já fico de olho, observando sabe”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

Outros entrevistados, por sua vez, dizem não ter preconceito quanto à vestimenta de certas pessoas. Entretanto, acabam descrevendo uma vestimenta que a deixa inseguro ao serem indagados se há algum perfil ou tipo de pessoa que ao ver elas se sente insegura:

“Sim, e isso é muito característico disso, não é preconceito, a gente está tão habituados com esses tipos de situações e vemos esse tipo de situações que você já tem um perfil traçado. Normalmente essas pessoas estão trajadas de chinelo, normalmente são chinelos coloridos, bermudas estampadas coloridas, camisetas e boné aba reta”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

“não é preconceito, mas você vendo uma pessoa que ela anda sem camisa, boné de aba reta, cheia de tatuagem. Infelizmente é um paradigma a ser quebrado? É, mas você vê uma pessoa assim, fica inseguro”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Castilho)

Reparem que neste último discurso, a entrevistada destaca que esse tipo de vestimenta ao qual retratou seria uma vestimenta que já está estereotipada na sociedade, como trajes de pessoas não fiáveis.

Um dos entrevistados explica que há um perfil traçado pela sociedade, pois *‘todo o bandido tem essas características’*, portanto, a vestimenta dessas pessoas já traçadas pela sociedade faz com que liguem o sinal de alerta.

“Mas aqui no Brasil existe uma questão que é preconceito e existe uma questão que é você já ter um conceito. Aqui no Brasil você consegue ver o inimigo chegando de longe. Não estou generalizando, não é toda pessoa de boné de aba reta, de bermuda, camisa larga e chinelo que vai ser bandido. Mas todo o bandido que chega em você tem essas características. Então até pra você se preservar você acaba ligando seu sinal de alerta quando você vê essa pessoa”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Outro fato observado nas narrativas é que alguns entrevistados usam a vestimenta para ligar o sinal de alerta como uma medida de segurança: *“as pessoas que usam boné aba reta, que utilizam roupas, tipo assim, mais largas, que as vezes utilizam algumas coisas, por exemplo, falha na sobancelha. São pessoas que me deixam um pouco mais alerta”*. Por outro lado, uma das entrevistadas, aponta a figura da pessoa bem vestida, em seu discurso ressalta se assustar ao ver uma pessoa bem vestida, do que de uma pessoa mal vestida, como retratado no trecho abaixo:

“Então assim, essas pessoas mais descoladas, mal vestidas, não me assustam. O que me assusta é homem ou mulher bem vestida, ou alguma pessoa que está ali andando com uma bermuda e tudo. Eu acho até engraçado, porque o mal vestido não me assusta, mas o bem arrumado, eu já fico desconfiada... Por que assim, o mal vestido eu sei que vai me pedir dinheiro, eu sei o que ele quer. Mas o bem vestido não, ele quer te assustar. Então é o bem vestido que eu tenho medo”.

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

Posto isto, observa-se que a vestimenta, especificamente o boné de aba reta, roupas largas, tatuagem, falha na sobrancelha, uso do chinelo, pessoa sem camisa, são vestimentas que faz com que os sujeitos ativem seu sentimento de insegurança.

Além dos grupos de pessoas, outra figura social foi apontada como ameaçadora na narrativa de seis entrevistados (28,5%, quatro mulheres, sendo três vítimas e dois homens, sendo um vítima de crime): **o toxicodependente**: *“Na esquina aqui de casa tem uns maconheiros, a gente fica com medo né”*. Além disso, a figura dos usuários de droga para um dos sujeitos é interpretado como um problema, pelo aumento do risco de vitimação, tendo em vista que *“a abstinência a drogas, a falta de dinheiro deles podem fazer com que ele me ataque em busca de dinheiro”*. Outro sujeito compartilha dessa mesma ideia, e complementa mais a frente ao ser questionado se ela acha que são as pessoas ou os lugares que a faz sentir medo, ela retrata que *“são as pessoas. Pode ser até o lugar mais limpo, se tiver pessoas usando droga, por exemplo, ela pode te abordar e te fazer algum mal”*.

Além da probabilidade de vitimação ao depararem com essas figuras, identificou-se que os sujeitos associam um lugar como perigoso por haver um contexto de droga: *“tem a praça... que muitas pessoas utilizam para usar drogas, vender e até mesmo para fazer alguma coisa”*.

Outra figura constante nas falas dos sujeitos é o **motoqueiro**. Oito sujeitos (38%) apontam ligar o sinal de alerta ao ver um motoqueiro: *“aqui a gente fica mais assim é com motoqueiros...aí quando passa um devagarzinho a gente fica mais em alerta, olhando de lado”*. Reparem que além da figura do motoqueiro em si, a velocidade é um ato importante para configurar o estado de alerta do entrevistado, que no caso é um motoqueiro que passa ‘devagarzinho’. Outro sujeito também compartilha dessa mesma importância para ficar com ‘receio’: *“quando alguém se aproxima de moto com velocidade menor, aí já fico com receio”*.

Em contrapartida, um sujeito aponta a velocidade rápida do motoqueiro como um quesito importante para sua sensação de medo: *“fico com medo quando eu estou na rua e vêm uns motoqueiros doido, muito rápido. A gente fica com medo, temos que ficar esperta quando vemos motoqueiro vindo em nossa direção, porque eles abordam mesmo”*.

Ademais, percebemos nos relatos que a figura do motoqueiro é ameaçadora pela percepção de que muitos crimes são cometidos por motoqueiros: *“Aqui a gente fica mais*

assim é com motoqueiros, porque os relatos são que os crimes estão acontecendo muito por motoqueiros” / “tem o motoqueiro, que como há muitos casos em que ocorre por motoqueiros, fico com medo quando vejo um”.

“determinados lugares ou regiões, motos também, porque ocorre que acontece muitos assaltos com moto, a pessoa está com capacete, então ali ela não mostra a identidade dela. Aqui algumas pessoas até brincam falando que quando está em uma rua sozinho a noite que eles preferem ver um fantasma do que duas pessoas em uma moto”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro sujeito qualifica o motoqueiro como ‘ladrão profissional’ e ‘arquiteto do crime’, ao ser questionado se havia algum perfil ou tipo de pessoa que o deixava mais em alerta. Vejamos qual seu ponto de vista em relação à figura do motoqueiro:

“Mas tem o terceiro que é a questão dos motoqueiros. Esses sim eu já vejo que pode ou não estar ligado com drogas, mas esses sim que eu posso dizer que são os ladrões profissionais, é o cara que se especializa, ele pode ou não ter vício de droga, mas é aquele cara que é realmente ladrão. Então é o cara que vai passar por você pra te perseguir se você estiver de carro ou até mesmo de moto pra roubar seu carro ou sua moto. É o cara que também vai entrar na sua casa. ‘Nóia’ que são essas pessoas que consomem drogas e cometem crimes para consumir drogas eles não fazem assaltos muito elaborados, eles geralmente se aproveita das oportunidades, é como dizem, a oportunidade faz o ladrão. Já o cara que você vê na moto a noite, ele não, ele cria a situação, é o arquiteto do crime, vamos dizer assim”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Outro elemento muito relevante atribuído às figuras do medo retratado nas falas dos entrevistados, principalmente para as mulheres, é quanto ao **Gênero**. Reparamos que o homem é o gênero mais temido pelos sujeitos da amostra: *“é mais homem mesmo do que mulher que me dá mais medo”*.

Dos vinte e um entrevistados, oito sujeitos (38%), sendo cinco mulheres, uma vítima de um crime e três homens, sendo um vítima de delito, apontam ter medo de uma pessoa do sexo masculino, sendo que quatro (três mulheres, uma vítima de crime e um homem não vítima de delito) destes justificam pelo fato dos crimes serem cometidos mais por homem: *“é homem, pois geralmente os crimes são cometidos por homens... Mulher não fico com medo, mas homem sim”*. Uma entrevistada também compartilha desta percepção, no qual ela retrata sentir receio frente à figura do sexo oposto: *“eu tenho mais receio quando é homem, porque quando você vê as coisas acontecendo é mais com homem”*.

Em contrapartida, seis sujeitos (cinco mulheres vítimas de crime e um homem não vítima) apontam que não vê diferença entre os sexos. Para eles, tanto o homem quanto a mulher não são fiáveis: *“Pode ser homem, mulher, bem vestida ou mal, procuro sempre ficar atenta”*.

Outro elemento identificado nos discursos é o fato de três entrevistados (dois homens e uma mulher, todos não vítimas de crime) verem a figura da mulher como alguém não ameaçador. Ao responder se havia um tipo ou perfil de pessoa que a deixa mais em alerta, indagamos se era tanto homem quanto mulher e um deles compreende que a mulher não lhe remete ameaça por ser vulnerável, não sendo capaz de lhe machucar fisicamente: *“não, homem, mulher, inconscientemente, acredito por ser homem, a mulher não me fornece esse tipo de ameaça. Fisicamente ela não tem capacidade de me machucar”*. Outro sujeito também compartilha desta ideia, ao responder esta mesma questão: *“é mais homem mesmo. Por que o homem é mais difícil de você se proteger”*.

Além desses fatores, dos vinte e um entrevistados, sete (33,3%) sujeitos, todas mulheres, sendo duas vítimas de crime, apontam que **a atitude** das pessoas é um fator preocupante para condicionarem seu sentimento de insegurança: *“Assim, eu fico mais apreensiva em relação à atitude. Porque tem alguns meninos que mesmo mal arrumado ou com aquelas roupas largadas tipo mala, passa reto nas tem uns que fica mexendo, encarando aí fico com medo”*.

Uma das entrevistas também aponta que a atitude é um elemento que faz com que ative seu sentimento de medo: *“Algumas pessoas que passam na rua te passam medo, pela atitude dela, ficam te olhando com um olhar esquisito”*.

“Eu acho que é a atitude da pessoa que faz eu sentir medo. Independente da roupa, do lugar. É a atitude, a forma como ela te aborda, que chega em você, porque as vezes nem sempre a roupa e nem o espaço influencia...então eu acho que é a atitude da pessoa que faz eu me sentir com medo”.

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro fator interessante observado nos discursos é o fato dos sujeitos usarem à atitude para ligar o sinal de alerta para adotarem um comportamento de segurança: *“tem também aquelas pessoas que fica encarando você, aí você tem que ficar mais alerta, aí você tem dar uma afastada desse tipo de pessoa”*.

Em contrapartida do que foi exposto até o momento, foram constatadas algumas figuras sociais que dão a ideia de ‘segurança’ aos sujeitos, no qual designaremos como

‘figuras de segurança’. Em alguns momentos das entrevistas, alguns sujeitos citam se sentir seguros em um determinado espaço por haver nele uma figura social no qual potencializa o sentimento de segurança. Vejamos os pormenores de cada figura reportada pelos indivíduos.

A primeira figura, bastante reportada é a figura da polícia. Para alguns entrevistados a presença da polícia sinaliza um sentimento de segurança. *“Com a presença da polícia acredito que não só eu, mas os demais moradores se sintam mais seguros”.*

“Acho mais seguro que os bairros afastados. Aqui tem mais policiamento, durante o dia e de noite... dá aquela sensação de segurança sim. A polícia fica passando toda hora.”

(Mulher, 54 anos, vítima, Uberlândia)

Compreende-se, com base nas narrativas de seis sujeitos (28,5%), sendo três homens não vítimas de crime e três mulheres, sendo uma delas vítima de delito, que existe uma confiança na polícia por haver uma maior presença destes no bairro. Todavia, observa-se que não são todos que partilham desta confiança, por exemplo, nos bairros mais afastados, bairros estes que alguns caracterizam como perigosos, são os que não possuem muito policiamento.

Além disso, alguns sujeitos caracterizam sua área de residência segura por haver a presença não somente da polícia militar, mas também da segurança privada.

“eu acho que é um dos lugares mais seguro, não só por estar no centro, mas pela delegacia está em cima de casa, na rua de cima aqui. É seguro”.

(Homem, 23 anos, vítima, Castilho)

“menos inseguro, pois onde moro não tem tantos pontos de droga e nem muita ocorrência de roubo. Acredito que deva ser por haver policiamento direto”.

(Homem, 22 anos, não vítima, Uberlândia)

Reparem que estas figuras de segurança reportadas cruzam-se entre si pelo significado que os sujeitos têm dos mesmos, ou seja, manter a ordem, e a segurança física e patrimonial na sociedade. Consequentemente, remetendo-nos a ideia de que a presença da polícia, principalmente, pela função social que lhe é ofertada, possibilitará a erradicação do que o senso comum considera desordem física e social, como bem retratado no último trecho citado acima.

Ainda, a figura da família também é apontada como uma figura de segurança. Uma entrevistada reporta se sentir segura em um espaço público perto à sua casa por ter família e seguranças privados: *“acho lá bem tranquilo, por ter muita família, tem muito movimento*

além de ter segurança né”. Compreende-se, portanto, que a forma como o indivíduo designa a ‘família’, traz uma sensação de equilíbrio e segurança, uma vez que família dá a ideia de uma instituição que promove educação e influencia o comportamento coeso no meio social.

Diante do exposto, percebe-se o quanto as figuras sociais podem sinalizar ameaça aos indivíduos, levando-os a reagirem de diversas formas, tais como mudança de comportamento face ao aumento do sentimento de insegurança. Além disso, observou-se o quanto o significado social apontado a estas figuras sociais é significativo ao sentimento de segurança e insegurança em vários contextos.

Vizinhança

Outro elemento considerado fundamental para treze sujeitos (61,9%), sendo oito mulheres, cinco vítimas de crime e cinco homens, sendo um vítima de crime, dos vinte e um entrevistados foi à **vizinhança**. Para estes uma boa comunidade/vizinhança é um elemento fundamental face as suas experiências de insegurança, tendo em vista que para muitos destes uma boa vizinhança potencializa a sensação de segurança.

Seis (28,5%) destes entrevistados relatam se sentirem seguros em sua área de residência pela boa vizinhança que há lá, uma vez que compreendem que a uma boa vizinhança: *“Acho que a vizinhança aqui é boa, temos um bom convívio com o outro... acho que ter um bom convívio com os vizinhos, conhece-los acho que ajuda muito na segurança na rua”*. Repare que neste excerto a entrevistada aponta a vizinhança unida um elemento chave para se sentir segura em sua área de residência.

Outro sentimento presente nos discursos de pelo menos sete destes sujeitos (33,3%, sendo cinco mulheres, três vítimas de crime e dois homens, uma vítima de crime) é a sensação de assistência por ter uma boa comunidade em sua área de residência. Segundo eles uma boa vizinhança os remete a sensação de saber que será ajudado ou socorrido caso algo aconteça, como retratado no fragmento abaixo:

“aqui na rua tenho bons vizinhos. Somos muito amigáveis. Se alguém precisar de alguma coisa, estão sempre prestativos a ajudar... fico mais tranquila em saber que tenho alguém em que posso contar. Se acontecer algo sei que vão me ajudar, me socorrer”.

(Mulher, 48 anos, não vítima, Uberlândia)

Por sua vez, uma entrevistada ao caracterizar sua área de residência por ser ‘perigosa’, aponta como sendo uma das justificativas o fato de seus vizinhos não serem sociáveis e isso a

faz pensar que se algo acontecer ninguém irá ajudar. Logo, nos remete novamente a ideia anterior, de que uma vizinhança sociável e unida dará assistência a seus vizinhos, caso aconteça algo.

“os meus vizinhos não são sociáveis. Não saem muito na rua... eles não são unidos. Tanto que eu moro lá a sete meses e não conheço meu vizinho do lado... Então, não acho que exista uma união, e eu acho que se acontecer alguma coisa ninguém vai ajudar”.

(Mulher, 23 anos, vítima, Uberlândia)

Além disso, a ideia de uma comunidade unida, para cinco sujeitos (23,8%) funciona como uma proteção contra a criminalidade e, assim, aumentando o sentimento de segurança: *“tem uma vizinhança boa, um ajuda o outro, um sempre está olhando, cuidado, isso faz com que eu me sinta segura por aqui”.*

Os discursos revelam que uma boa vizinhança provoca maior vigilância natural destas pessoas frente aos crimes, uma vez que *“se acontecer alguma coisa, eles podem ver e até impedir de alguma forma, tipo, chamando a polícia”.* Outra entrevistada parece compartilhar deste mesmo raciocínio, ao ser questionado qual a sua opinião sobre a sua vizinhança:

“acho unida. Inclusive acho importante essa união, porque como eu falei, com uma vizinhança unida a gente pode tentar impedir algo, tipo, alguém viaja, o vizinho pode ficar olhando a casa, aí se acontecer algo, ele sabe que a pessoa tá viajando, então ele pode ligar pra polícia, por exemplo...aí se acontecer alguma coisa, eles podem ver e até impedir de alguma forma”.

(Mulher, 19 anos, não vítima, Uberlândia)

Há que destacar que uma das entrevistadas, refere-se a seus vizinhos como ‘maníacos’, por ficarem vigiando as câmaras de segurança que há do lado de fora de suas casas. Ainda, no decorrer do discurso foi possível perceber essa ideia de que a união da vizinhança aumenta a vigilância natural na sua área de residência, no momento em que aborda que há um grupo no aplicativo *whatsapp* dos vizinhos da rua, no qual ficam mandando informações e notícias do que anda acontecendo pela redondeza, reparem no que esta entrevistada aborda da sua vizinhança:

“meus vizinhos são meios maníacos, ficam o tempo todo vigiando as câmaras. Temos até um grupo no whatsapp dos vizinhos que eles ficam relatando o que tá acontecendo na rua. Se tem um carro suspeito parado na rua, quando acontece algum assalto eles avisam”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Uberlândia).

A ideia de uma vizinhança unida, com boa interação, possibilita um maior controle do que acontece na sua área de residência, uma vez que sabem que estão sendo vigiados, ‘cuidado’ pelos seus vizinhos, potencializando a sensação de segurança tanto pessoal quanto patrimonial. Pessoal, pois, se forem abordados por um possível ofensor, alguém poderá ajudá-los e patrimonial, caso sua residência seja assaltada, podem impedir que o assalto fosse concluído, podendo chamar a polícia: *“quando um vizinho viaja, ficamos de olho na casa dele, cuidando... isso nos faz sentir mais seguro”*.

Para além disto, um bom convívio com os vizinhos, para alguns entrevistados ajuda a combater a criminalidade, pois as pessoas acionam a polícia, aumentando a segurança da rua: *“uma boa vizinhança, com uma boa comunicação, ajudaria até a evitar certos crimes, aumentando até a segurança na rua” / “acho que ter um bom convívio com os vizinhos, conhece-os acho que ajuda muito na segurança da rua”*.

Portanto, a partir dos discursos transcritos compreende-se que uma vizinhança unida e atenta é mais eficiente do que ter muros altos, cercas elétricas e câmaras em sua área de residência. A ideia que nos conduz é de que a interação entre os moradores ajuda a estabelecer e a concretizar mais confiança na sua comunidade. Isto faz com que gera mais vigilância comunitária, trazendo uma sensação de controle e proteção, diminuindo o sentimento de insegurança.

3. EXPERIÊNCIA DE VITIMAÇÃO

Outro fator observado nas entrevistas foi à experiência pessoal vivida pelos sujeitos ou por indivíduos próximos. Para perceber as expressões de vitimização experienciada pelos entrevistados, isto é, se o sujeito ou se alguém próximo já havia sido vítima de algum ato criminoso, realizou-se a pergunta: “Já teve alguma situações de vitimação que recorda? e “Conhece alguém próximo que tenha sido vítima de um crime?”. Dentre os vinte e um sujeitos, onze (52,3%) disseram que já foi vítima de um ato criminoso. Dez (47,6%) destes declaram nunca terem sofrido qualquer ato delinquente diretamente.

No geral, foram identificadas diversas expressões de emoções usadas ao descreverem o que sentiram durante e após a vitimização sofrida: *“trêmula”*; *“ficamos bem assustados”*; *“pânico”*; *“em choque”*; *“senti muito medo”*; *“impotência”*; *“susto”*; *“fiquei sem reação”*; *“apavorado”*; *“aflição”*.

Observou-se que a vitimização sofrida se manifesta pela continuidade das adoções de comportamento de proteção individual. Diante disto, com relação às consequências advindas

da vitimação, quatro (36,3 %, sendo três mulheres e um homem) sujeitos reportam que após a vitimação adotaram mais medidas de segurança, principalmente, comportamentos de proteção, como retratado no discurso de uma vítima de furto:

“Virei uma pessoa mais cautelosa, comecei a me prevenir de várias formas né. Eu ando mais atento, prestando atenção em tudo, sempre observando pessoas a minha volta, nunca fico de costa pra uma mesa em lugares públicos, não converso muito com pessoas que não tenho muita intimidade. Dá certo horário não fico em locais que considero perigoso. A gente aprende a ser mais cuidadoso”.

(Homem, 23 anos, vítima, Castilho)

Uma vítima de assalto no seu local de trabalho diz que perdeu a confiança nas pessoas após o episódio criminoso que sofreu.

“eu sempre fui muito cauteloso com tudo, mas depois disso eu fiquei com mais medo das pessoas, de qualquer pessoa. Qualquer movimento que a pessoa faz de diferente já me assusta e olha que já faz mais de 10 anos que aconteceu. Até hoje já me assusta qualquer atitude diferente”.

(Mulher, 39 anos, vítima, Uberlândia)

Além disso, a experiência de **vitimação direta** acarretou para um dos entrevistados uma mudança em sua rotina de vida, uma vez que relata ter mudado de casa por medo e sentimento de ameaça, após sua casa ser invadida por um desconhecido de madrugada: *“no momento não caiu a ficha, eu estava sonolento, não estava entendendo bem o que estava acontecendo, mas depois, ficamos bem assustados, tanto que procuramos outro lugar pra morar”.*

Além do que foi exposta, constatou-se que a experiência negativa de vitimação potencializa o sinal de alerta e do próprio medo.

“depois do que aconteceu, por exemplo, chegava cliente no caixa. Tem homem que tem a mania de colocar a carteira nas calças, aí na hora que eles levantava a camiseta pra pegar a carteira eu já fico assustada, já penso “ele vai tirar o revolver”... pra mim qualquer movimento que a pessoa faça pra mim pode ser um sinal de violência”.

(Mulher, 39 anos, vítima, Uberlândia)

Em contrapartida, há que destacar que dos vinte e um entrevistados, seis (28,5%, sendo três homens e três mulheres) apesar de nunca terem sido vítimas, já experienciaram uma situação em que previram a possibilidade de vitimação. Diante a este ocorrido, observou-se uma inércia dos sujeitos face à possibilidade de serem vítimas. A título de exemplificação,

retrataremos a seguir as falas de um entrevistado ao descrever uma experiência no qual pensou que estava na iminência de ser vitimado por um ato criminoso.

“Teve uma vez quando eu fui para o meu curso de mecânica perto da rua do cartório eleitoral. ai quando fui pegar o ônibus do terminal pra lá e lembro que o ônibus parou na esquina e na outra esquina tinha um cara parado com uma arma na mão e com capacete assaltando as pessoas que viam de moto, fazendo elas descer e tudo. Ai depois passou um caminhão na frente da esquina onde ele estava e depois o cara já não estava mais lá. Mas eu senti muito medo, medo dele parar o ônibus e entrar e assaltar a gente. Nunca tinha visto uma pessoa armada assaltando pessoalmente.... medo. Principalmente por ele estar armando. Fiquei com medo dele entrar no ônibus e além de roubar fazer mais alguma coisa. Acho que se ele não estivesse armado meu medo não seria tanto quanto foi por ele estar armando entende? ...eu fiquei muito assustado, com medo”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro sujeito, também descreve uma situação em que se sentiu na iminência de ser vítima de um delito.

“tem um ocorrido que mexeu comigo... Próximo aqui a minha casa, na verdade no fundo do prédio onde moro, era umas 19hrs, 20hrs da noite, tinha bastante movimento... e de nada a gente escuta um disparo, de inicio pensamos que era crianças jogando ‘traquinhos’, bombinhas de festa junina, só que depois eu vi uma movimentação de dois homens atirando ai vi claramente que eram pessoas atirando e não bombinhas...”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Após descrever o ocorrido, o sujeito reportou o que sentiu no momento que estava ocorrendo o tiroteio em frente à janela de sua sala:

“Medo de bala perdida. Se um daqueles policiais fossem almejado e caísse com o dedo no gatilho ele podia ter atirado pra cá.... Aqui na minha sala, eu não estava nem conseguindo falar com o policial no telefone, porque eu liguei avisando que estava tendo um tiroteio aqui. A voz não saia, não estava conseguindo falar de tão chocado e assustado que eu estava, sabe”.

(Homem, 28 anos, vítima, Uberlândia)

Reparem que neste último excerto a experiência de medo vivenciada pelo entrevistado é associada a uma dificuldade de reagir, isto é, o medo acarretou-lhe uma dificuldade de reagir em face de uma situação no qual se pensa em estar em risco de ser vitimado. Outros sujeitos também compartilham desta manifestação, conforme retratado nos excertos abaixo:

“Pânico, eu travei, não conseguia sair do lugar, não conseguia andar, não sabia o que fazer,

eu travei, eu só queria sair dali, mas não conseguia mexer” / “Estávamos em choque, inclusive quando eu fui pra correr de verdade, eu nem conseguia correr direito”.

Diante do exposto, observou-se que esta dificuldade de reação durante a vitimação é um estado corriqueiro na fala dos sujeitos, ao relatarem o que sentiu durante a vitimação: *“Assim, a gente levou um susto né. A gente fica sem reação, sem saber o que fazer” / “senti medo de morrer ou ficar ferido, sentimento de impotência por não poder fazer nada” / “é tudo tão rápido. Que primeiro você não acredita que está acontecendo com você... Então é horrível, é apavorante. Na hora a gente não pensa”.*

Além da vitimização direta é importante observar o que ocorre com os indivíduos de **vitimização indireta**. Foram constatadas diversas expressões usadas ao se referirem à experiência de vitimização indireta, que são: *“alerta”*; *“tenho medo”*; *“senti indignação”*; *“inseguro”*; *“assustador”*; *“choque”*; *“um sentimento terrível”*. Estas expressões agrupam-se em duas categorias: ouvir falar; envolvimento de conhecidos/amigos e parentes.

Uma das expressões ao qual a experiência de medo é associada face ao aumento do medo é o que chamaremos de **‘ouvir falar que ocorreu’**. No total onze (52%,), sete mulheres, quatro vítimas de crime e quatro homens, sendo um vítima de delito, dos vinte e um entrevistados, apontam ter tomado conhecimento de um ato criminoso por ‘boca a boca’: *“As pessoas falam. Ouço boatos: ‘Haa esse bairro aqui é ruim, não passa lá’”.*

Essa experiência de vitimação acarreta em evitamento de locais, mesmo nunca terem frequentado ao local: *“pelo povo. O povo fala. Eu não conheço esses bairros, nunca fui. Mas já ouvi muitos comentários que fulano fala assim ‘ tal bairro é perigoso porque aconteceu isso e isso, não vai nesses locais’”.*

Vejamos um fragmento de uma entrevistada, que já foi vítima, que é indagada sua fonte de informação sobre um determinado bairro que ela reporta ser evitar por ouvir falar que é perigoso.

“pelas pessoas. E às vezes nos noticiários. Não costumo ver jornal, evito no máximo, para me resguardar, é só no caso, se a TV estiver ligada e aparece uma notícia ai vejo. Mas eu ir ligar a TV para ver esse tipo de notícia não. Mas as pessoas falam”.

(Mulher, 55 anos, vítima, Uberlândia)

Outro elemento muito referenciado pelos entrevistados como vitimização indireta é **ter conhecidos, amigos e parentes vítimas de um ato criminoso**. Dezesete (80%) dos sujeitos, sendo dez mulheres, cindo já vitimadas e sete homens, três deles já vítima de crime, reportam

terem conhecidos, vizinhos, amigos e parentes que já sofreram algum tipo de vitimação de um ato delinquente: *“meu pai foi assaltado em um ônibus vindo aqui ara Uberlândia” / “A minha irmã foi assaltada com faca no pescoço e tudo, por causa do celular” / “tem meu namorado que... foi assaltado quatro vezes”*.

Em suma, observou-se que a experiência de vitimação, tanto direta quanto indireta leva os sujeitos a adotar mais comportamentos de segurança. Além disso, no que tange à vitimação direta, observou que a falta de reação no momento da vitimação é um estado frequente, sendo uma experiência que agrava o sentimento de insegurança dos sujeitos. Ademais, há que destacar que não houve uma vitimização repetida que se refere aos casos em que pessoa é vítima de um mesmo tipo de delito várias vezes. Já as experiências de vitimação indireta, verificamos que os sujeitos estão mais expostos as experiência desta vitimação, tendo em vista que são mais frequentes no seu cotidiano, havendo um impacto mais forte no comportamento dos sujeitos.

4. MÍDIA E SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

No decorrer das entrevistas, constatou-se outro elemento que estimula o sentimento de insegurança, **a mídia**. Dos vinte e um entrevistados, nove (42,8%, oito mulheres, sendo quatro já vitimadas e um homem vítima de crime) destes reportam a mídia, sobretudo as redes sociais, como sendo uma das principais fontes de informação sobre o crime: *“não vejo jornal, fico sabendo das coisas por alguém me contar ou nas redes sociais” / “rede social, nas redes sociais eu sempre procuro todo dia me manter informado o que acontece no Brasil”*.

Um entrevistado ao ser questionado quanto às notícias que vê na mídia e que impacto essas notícias tem nele, ele ressalta que a mídia acarreta em alterações de comportamento, fazendo com que ele adote mais comportamento de segurança: *“é mais a mudança de comportamento. Ao ver ou ouvir notícias de algum crime fico mais precavido”*.

No discurso de uma entrevistada, identificamos uma preocupação especial à sua residência, tanto que as notícias que envolvem furto dentro de residência à chama mais atenção, condicionando o medo que sente. Isto está expresso ao ser questionado que impacto tem as notícias de crime nela.

“fico com medo. Quando vejo notícias que entraram na casa de alguém. Nossa! fico pensando quando vou viajar. Fico com medo em deixar a minha casa sozinha e quando eu chegar não ter nada nela. Então assim, qualquer coisinha que a gente vê no noticiário a gente já se assusta, fica meio apavorada né”.

(Mulher, 48 anos, não vítima, Uberlândia)

Outro fator constatado nos discursos de alguns sujeitos é o fato das notícias fazerem com que perca a confiança nas pessoas. Uma entrevistada ao ser indagada o que sentiu de concreto ao ver a notícia de estupro seguido de morte que relatou expõe que perdeu confiança nas pessoas, como retratado no trecho a seguir:

“Eu senti justamente isso, que a gente não pode confiar muito nas pessoas, o quanto a gente puder prevenir, a gente tem que prevenir, senti muita raiva, porque se ele queria só roubar, não precisava ter estuprado e matado ela. Senti isso, a gente não sabe a capacidade de maldade do outro”.

(Mulher, 23 anos, vítima, Uberlândia)

Há ainda que destacar que cinco (23,8%), de todos os entrevistados (os 21), sendo três mulheres vítimas de delito e dois homens, um deles vítima de crime, reportam evitarem assistir jornais de notícias de crime para se resguardar, sobretudo os sensacionalistas, ‘por questão de saúde pública’, pois essas notícias agravam o sentimento de medo, pela forma ‘muito sensacionalista’ que estes jornais reportam as notícias: *“é muito sensacionalista. Eles exageram muito. Por isso que evito, porque esse exagero faz com que a gente fique mais assustada. Isso na TV, só notícias ruins, se eu ficar vendo isso, nem saí de casa, com medo”*. / *“Eu evito ao máximo assistir... acho que é porque se não a gente fica com mais medo até de sair de casa né. Então eu opto justamente por isso, pra não ficar mais receosa, com medo”*.

“então, eu evito assistir esses programas (se refere aos canais sensacionalistas). Evito até ligar a TV nesses horários que passam. Porque nós já temos medo, somos reféns desse medo e infelizmente com esse tipo de notícia, com esse tipo de abordagem você vai se fechando cada vez mais e você pode chegar ao ponto de ficar neurótico, de não conversar mais com as pessoas, de você não sair mais, nem durante dia e infelizmente isso pode gerar uma síndrome, meu maior medo é ter uma síndrome do pânico, por exemplo, ‘ah não vou sair de casa porque pode acontecer alguma coisa’ e tem muitas pessoas assim. E esses programas, eu acredito que favorece essas doenças. Eu me sinto mal assistindo esses programas, então aqui em casa nós não assistimos. A mídia contribui para aumentar ainda mais o nosso medo. Eles favorecem coisas que não deveriam favorecer”.

(Mulher, 29 anos, não vítima, Uberlândia)

Ainda, constatou-se que a mídia influencia na construção do significado de um determinado lugar. Uma entrevistada aponta que se sente pressionada a construir um significado daquele lugar sem conhecer pelo que a mídia fala dele.

“o Morumbi, também, eu não gosto de lá... e olha que eu tenho conhecidos que vivem lá e não reclamam, mas não sei se é por causa do que a mídia fala muito das

coisas que acontecem lá que eu me sinta pressionada a sentir uma certa versão daquele lugar sem conhecer”.

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

Outra entrevistada, reporta um caso no qual ela se identificou, tendo em vista que ocorreu em um contexto semelhante ao dela, que no caso é o ambiente de trabalho. Segundo ela, antes de ver a notícia, não ficava preocupada em ir trabalhar, todavia, hoje, depois de ver essa notícia, ela vai trabalhar com medo, como retrata no excerto abaixo:

“na semana das crianças, acho que é Janaúba o nome da cidade, não me lembro. O funcionário entrou e tacou fogo nas crianças, matando um monte de gente, professores, crianças. A gente vê isso e não se sente mais segura nem no local de trabalho, é um horror.... Então, aumenta a nossa insegurança e fica aquela sensação de que pode acontecer com a gente, que não é algo que foge da nossa realidade não.... Como falei da escola, antes eu não ficava preocupada no trabalho, hoje, depois de ver aquela notícia da creche eu vou trabalhar com medo. Então acaba que de uma certa forma influencia no meu medo sim”.

(Mulher, 39 anos, vítima, Uberlândia)

Interessante pontuar que uma das entrevistas aponta que a mídia “*acaba que de uma certa forma, influencia no meu medo*”/ “*sabe, eu acho que a mídia foi feita para propagar o medo*”.

Em contrapartida, identificamos que para cinco (23,8%, sendo todas mulheres, duas delas vítimas de crime) sujeitos, a mídia não é apenas um influenciador do seu medo, mas é uma forma de se precaver. É uma medida de segurança.

“notícias de crime, eu procuro evitar. Mas dependendo da reportagem eu vejo sim, ainda mais quando se refere a algo que aconteceu em Campo Grande, aí eu vejo sim. Porque os bandidos vão se atualizando então eu também tenho que me atualizar, preciso saber onde eu estou pisando, e as notícias relatam isso. Onde é mais perigoso ou não”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Campo Grande)

Outro entrevistado reporta que a mídia é uma forma de manter as pessoas em alerta, mas por outro lado aumenta seu medo.

“Acho que eles devem falar tudo o que acontece, falar a verdade mesmo, como uma forma de alerta a gente mesmo, o que tá acontecendo, como a gente pode se proteger... até pra nos prevenir mesmo, mas quanto mais a gente assiste mais paranoia a gente fica. Se eu ficar assistindo muito esses programas que só passa notícia ruim eu nem saí de casa, fico quietinha lá no meu quarto (risos)”.

(Mulher, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Um fator curioso observado nas falas dos sujeitos ao serem questionados que tipo de crime específico tinha medo de ser vítima, **o estupro** se pôs em destaque. Dos vinte e um entrevistados, nove (42,8%) temem em ser vítima de estupro. Percebe-se que os sujeitos, sem distinção de gênero temem o crime de estupro mais do que qualquer outro crime. Isto porque, trata-se de um crime que há *‘muito relato de ocorrência. Passa muito no jornal’*, influenciando mais o medo deste tipo de crime. Vejamos alguns relatos dos entrevistados ao responderem a questão.

“Eu tenho medo de estupro ...ahh, esses crimes são crimes que passam mais na mídia né, então por está acontecendo muito a gente fica com um certo receio. E eu já tive uma amiga que mora uns dois quarteirões pra baixo que aconteceu com ela, de ser vítima de estupro”.

(Mulher, 30 anos, vítima, Uberlândia)

“Estupro. Morro de medo. Apesar de que aqui na cidade nunca teve, mas na região sim, em Araçatuba, Andradina. Tipo, com homem não, com mulher, mas vai saber o que passa na cabeça desses caras”.

(Homem, 23 anos, vítima, Castilho)

“Mas teve um caso de estupro em Araguari se não me engano. Nunca tinha visto um cara pegar homem pra estupra... Você fica imaginando o que você faria numa situação dessa. Se tentaria reagir ou não. Eu não sei o que faria. Mas me assustou, afinal foi aqui perto”.

(Homem, 26 anos, não vítima, Uberlândia)

Ainda, através das entrevistas procuramos perceber o impacto que uma notícia local, nacional ou internacional tem no sentimento de insegurança dos sujeitos. Constatamos que quanto mais próximo o evento criminoso for do sujeito, maior o impacto, ou seja, as notícias locais mexem mais na sensação de insegurança do que uma notícia nacional ou internacional.

Dos vinte e um entrevistados, quinze (71,4%) sujeitos, sendo doze mulheres, seis já vitimadas e três homens, dois vítimas de crime, reportam se identificar mais com uma notícia local do que de outros lugares, por estar mais próximo dela, dando a entender que tal ato criminoso pode acontecer com ela: *“Acho que é por estar mais perto da gente, sinto mais medo quando vejo as notícias locais do que as nacionais”.*

“quando vejo notícias de outros lugares, me sinto mais segura aqui...fico mais assustada quando vejo notícias daqui do que essas que acontece em outros lugares, tipo Rio, por que está longe de mim. Então algo que acontece aqui tenho a impressão que pode acontecer comigo, por estar mais perto”.

(Mulher, 19 anos, não vítima, Uberlândia)

Alguns sujeitos justificam o porquê as notícias locais mexem mais com seu sentimento de insegurança, pois quando está próximo, dá a ideia de que se poder fazer algo, como tomar medidas de segurança, diferente de outros lugares mais distantes que em tese não se pode fazer nada para ajudar.

“Me abala ouvir notícias fora do país ou em outra cidade. Fico sensibilidade. Mas não é algo que faz você travar ou bloquear. Por exemplo, eu vejo que acontece em outro lugar, de outra forma como eu vejo aqui, isso é fato. Por que aqui ou em outro país ou outra cidade é longe, não posso fazer nada. Aqui não, da à impressão que fico mais sensibilizada aqui por que posso ajudar, posso fazer alguma coisa. A intensidade aqui é maior do que ouvir notícias de outros lugares”.

(Mulher, 50 anos, não vítima, Uberlândia)

“ah! os atentados terroristas a gente sempre tá vendo, mas não é algo que faz parte da nossa realidade. Não que eu saiba. É algo que abala, sempre coisas que fazem as pessoas sofrerem, mortes me abala muito, mas não é algo que mexe tanto quanto algo que aconteceu na esquina de casa, não é algo que eu possa ignorar, a gente brinca com essas coisas, mas não podemos ignorar, tomando cuidado, tomando certas medidas para sua segurança. Como no caso de outros lugares ou países, não é algo que eu possa fazer algo, eu rezo, é o que eu posso fazer, está fora do meu alcance”.

(Mulher, 25 anos, vítima, Uberlândia)

Outro sujeito não se sente abalado pela proximidade do contexto físico, mas a proximidade do contexto social, isto é, quando a vítima de um ato delinquente é alguém que conhece, como familiares ou amigos. Em seu discurso ele demonstra sentir-se ‘mexido’ quando recebe uma notícia de crime no qual envolve algum conhecido, do que um desconhecido, mesmo o ocorrido sendo do lado de sua residência.

“Só se acontecer bem próximo de mim. Tipo, se acontecer com alguém da minha família ou amigo. Mas tipo, ah aconteceu alguma coisa na rua de casa, mas é com alguém que não conheço, não vai ficar na minha cabeça. Mas tipo, haa aconteceu com a minha prima, aí paro pra pensar, poxa isso aconteceu com ela, poderia acontecer comigo. Acho que quanto mais próximo for da gente, tipo família a gente pensa mais sobre o assunto”.

(Homem, 24 anos, não vítima, Uberlândia)

Diante disto, observamos que quanto maior a proximidade do conhecimento, da semelhança e da identificação com o contexto das notícias reportadas, maior será o impacto, uma vez que essa sensação de proximidade com o caso criminoso reportado faz pensar, principalmente no alto risco de acontecer com ela.

Ainda, percebe-se que a representação da criminalidade na mídia se manifesta de diversas formas na experiência de insegurança, tais como a perda de confiança nas pessoas e a alteração de comportamento. Um ponto curioso é o paradoxo observado nos discursos dos sujeitos, em que para alguns, a mídia é designada como uma fonte de informação para se prevenirem e antecipar uma possível vitimização, contudo, esta mesma mídia é evitada pelos mesmos como forma de se resguardarem do impacto negativo das notícias de criminalidade reportada.

Capítulo IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente investigação teve como objetivo geral explorar os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de (in)segurança, de modo a contribuir com a investigação sobre o tema no Brasil para possível contributo em projetos de políticas públicas no país. A partir deste objetivo foram especificados outros objetivos, designadamente as manifestações de insegurança, a relação entre os contextos, figuras sociais, as experiências de vitimação e a relação da mídia e o sentimento de insegurança, os quais tomaremos como ponto de partida para a presente discussão. Esta secção discorrerá, portanto, em: primeiramente, iremos analisar os resultados obtidos do presente estudo e, em seguida, elaborar uma discussão integrada deste estudo e no final, comparar os resultados obtidos no cenário brasileiro com os resultados obtidos no cenário português, tendo por base o estudo realizado por Guedes (2016).

Significado das Experiências de Insegurança

Seguindo a organização dos tópicos referenciados nos objetivos específicos, primeiramente o presente estudo procurou explorar os significados atribuídos às experiências de (in)segurança, de modo a compreender o que é sentir medo para os indivíduos. Entretanto, especificamente neste primeiro momento, iremos compreender o que Guedes (2016) evidenciou em seu estudo sobre o que é sentir medo para os participantes. Guedes (2016) reporta que foram diversas as expressões utilizadas pelos indivíduos para descreverem suas experiências de insegurança. Dentre estas expressões, a autora constatou um processo nas experiências de insegurança dos sujeitos, no qual se inicia por um estado de alerta, vigilância ou atenção e que termina no estado de medo. Este estado de alerta é compreendido como um

estado de atenção que se torna intenso em contextos ameaçadores, como a noite, ‘estar sozinho’ ou locais desconhecidos. Por sua vez, o estado de medo surge quando algo acontece ou está na eminência de acontecer. Além desta expressão, o estado de impotência também foi uma expressão usada para referirem as experiências de insegurança no estudo de Guedes (2016) que compreende, segundo os discursos, a falta de controle temporária, em que os indivíduos deixam de saber como reagir, muitos se sentem bloqueados frente a uma situação que julgam ameaça e perigo. Diferente do que foi constatado no estudo de Guedes, verificou-se que este processo não é observado de uma forma tão clara em nosso estudo. Com efeito, nos discursos dos indivíduos no contexto brasileiro, parece não existir uma diferença entre o estado de alerta e o medo. Ou seja, não há uma preocupação entre os entrevistados em diferenciar o estado de alerta do medo, logo, ambas as expressões são designadas como medo pelos sujeitos.

Além deste aspecto, como também encontrado por Guedes (2016) e Day *et al.* (2003), nosso estudo constatou a expressão ‘impotente’ e ‘falta de controle’ nos discursos dos sujeitos para reportarem as suas experiências de insegurança. Esse significado dado ao medo é fruto da ideia de que a solução para um problema ou conflito está fora do alcance do sujeito em resolvê-lo. Um ponto curioso em nosso estudo, que não foi abordado no estudo de Guedes (2016) foi à associação do medo ao julgamento do que é ‘certo e errado’. Os resultados nos mostraram que esta associação é resultado do sentimento de que algo está fora do que o sujeito considera errado. Esta interpretação nos revela o que Machado e Agra (2002) já haviam pontuado, de que o medo reflete um posicionamento interpretativo do mundo, em que os indivíduos criam um universo simples, em que o Bem e o Mal, o Certo e o Errado são claramente identificados. Este posicionamento acompanha a ideia de que os sujeitos podem pensar que, caso evitem os indivíduos considerados do ‘Mal’ e situações que entendam ser errado, estão, portanto, a salvos, pois evitam o perigo. Outro ponto compartilhado pelos indivíduos é a sensação de falta de liberdade, compreendida por meio do sentimento de prisão, em que o indivíduo se sente preso em seus próprios medos frente àquilo que julgam uma ameaça à sua segurança. Verificou-se, também, expressões que se referiam a alterações fisiológicas. Estas alterações eram associadas às experiências de insegurança, quando os indivíduos estavam frente a uma situação de vitimação ou de ameaça, sobretudo por sujeitos que experienciaram uma vitimação direta, como também constado no estudo de Guedes (2016). Neste, observou-se que os sujeitos reportavam uma dificuldade de reação (bloqueio de ação) durante a vitimação ou perante a possibilidade de serem vitimados. Em suma, os

resultados deste estudo retratam que o medo é moldado por respostas interpretativas aos ambientes físicos e sociais. Tais interpretações influenciam as concepções sobre a incidência do crime e de tudo o que entendem a ser associadas a ele.

Comportamentos de Segurança

Além destes pontos, observou-se nos discursos que o sentimento de insegurança é manifestado visivelmente nos comportamentos de segurança, tanto de proteção quanto de evitamento, confirmando a sua insegurança, como por exemplo, evitar lugares e pessoas desconhecidas. Este resultado condiz com o que a literatura tem encontrado. Furstenberg (1971) e Caldeira (2000), por exemplo, observaram em seus estudos que a adoção de comportamentos tanto de proteção quanto de evitamento são meios usados para reduzir as chances de vitimação. Isto também está de acordo com o estudo de Guedes (2016), pois a autora constatou que quando não há confronto com potenciais ofensores, as experiências de insegurança são manifestadas por adoção de comportamentos, que subdivide em evitamento e proteção. Todavia, um fator observado em seu estudo, porém não encontrado no presente estudo em questão, foi o confronto com o possível ofensor. Este é um fator que não foi abordado em nenhum momento pelos brasileiros entrevistados. Os discursos revelaram, ainda, que o processo das experiências de insegurança é um ciclo, em que os indivíduos se põem em estado de alerta face a uma percepção de risco ou perigo eminente para sentirem medo e/ou sentido inverso, sentem medo para se pôr em alerta. Esta forma de manifestação do sentimento de insegurança é desenvolvida como uma estratégica de se protegerem e evitarem alguma vitimação.

Contextos da Insegurança: espaço e tempo

Seguindo a organização dos tópicos dos objetivos específicos, procuramos identificar os contextos físicos, sociais e temporais que estariam relacionados com experiências de (in)seguranças. Os resultados obtidos revelam que o sentimento de insegurança é despertado por um conjunto de características específicas do espaço, conjuntamente com o contexto temporal, sobretudo no período da noite. Com efeito, é possível sustentar que o sentimento de medo no período da noite demonstra ser um elemento significativo quando o assunto é insegurança. Warr (1990) em seu estudo, ao avaliar a influência de diversas variáveis ambientais (e.g., escuridão, solidão) confirma que a escuridão é, de fato, a maior geradora do medo. Estes significados atribuídos à noite podem ser agrupados em diversos aspetos como a

falta de iluminação, o escasso movimento de pessoas, entre outros que irão ser discutidos de seguida. No que diz respeito ao primeiro tópico - falta de iluminação, é de notar que esta se demonstrou um elemento primordial no agravamento do medo do crime, pois a escuridão na perspectiva dos entrevistados limita a vigilância natural dos indivíduos, podendo ainda facilitar o esconderijo de possíveis ofensores, tornando, assim, o espaço ameaçador. Este resultado vai de encontro com o que alguns estudiosos (e.g. Painter, 1996; Lupton, 1999) em que constataram em seus estudos empíricos que a falta de iluminação desencadeia potenciais esconderijos de ofensores, além de induzir a ausência de pessoas na rua, pela diminuição da visibilidade nestes locais. Além disso, outro elemento retratado foi o pouco movimento de pessoas na rua, no qual se observou um interessante paradoxo uma vez que os sujeitos relataram sentir medo em lugares com pouco movimento, contudo, a existência de movimento de pessoas estranhas, que não fazem parte da sua rotina, faz com que o sentimento de segurança seja posto em causa. Estes resultados confirmam o estudo de Guedes (2016), no qual a autora identifica este mesmo paradoxo nos discursos dos sujeitos, uma vez que reportaram *“sentirem-se seguros em locais onde há movimentos de pessoas, no entanto, o tipo de pessoa que frequentam estes locais é relevante para os sujeitos, visto que se estas não fizerem parte da sua rotina, logo o local torna-se também inseguro”* (p. 288). Nosso estudo revela também que o período da noite é associado a determinados indivíduos que frequentam locais especificamente neste período, e que são compreendidos como pessoas não fiáveis (e.g. pessoas que saem para beber, consumir droga), pois não são os mesmos indivíduos que frequentam o período do dia. Além deste aspecto, o presente estudo revela que diferente da noite, o período diurno é visto como um período temporal seguro, uma vez que se entende que o dia abriga pessoas de confiança, como também, constatado por Lupton (1999), pois podem ajudar em caso de necessidade, como bem constatados no estudo de Guedes (2016). Um fator curioso encontrado nas análises sobre este contexto específico foi a associação da insegurança com o início do dia. Observou-se que, para além do período da noite, o início do período do dia, relatado pelos sujeitos como ‘manhãzinha’, também é temido. A razão descrita pelos sujeitos está associada à falta de movimento de pessoas na rua, o que faz aumentar o risco percebido de vitimação. Este resultado demonstra a relevância do pouco movimento de pessoas na rua no sentimento de insegurança, uma vez que este aspecto é temido tanto no período noturno quanto no início do dia. Este aspecto, pela sua relevância, merece ser estudado no futuro.

Outro aspecto físico identificado nos discursos é a associação do aumento do sentimento de insegurança com a presença de vegetação e locais com sinais de abandono. Efetivamente, estes se revelam ameaçadores por grande parte dos entrevistados, principalmente quando associado à noite, uma vez que entendem que estes elementos aumentam a possibilidade de vitimação, pois além de bloquearem a iluminação da rua, também os tornam lugares propícios para esconderijo de possíveis ofensores. Este resultado também é encontrado por Maruthaveeran e Bosh (2015). Estes observaram em seu estudo que a vegetação densa e não cuidada está associado ao aumento do medo do crime, pois além de reduzir a visibilidade dos indivíduos, as áreas com vegetação espessa e alta cria um ambiente fechado e permite que os ofensores se escondam. Estes dados confirmam a conclusão do estudo de Guedes (2016), no qual constata que os locais abandonados, por exemplo, não são propícios para estar, por estar abandonados, aumentando o risco de vitimação. Em suma, a interação entre os aspectos físicos e os temporais demonstrou ser significativa quando o assunto é insegurança e medo, pois o ambiente proporciona características que alimentam e despertam o sentimento de insegurança dos entrevistados. Além disto, a contexto físico e temporal cruza com elementos sociais, indo de encontro ao que Guedes (2016) concluiu em seu estudo de que “*os elementos físicos e temporais são socialmente mediados*” (p.351).

Figuras do Medo

A presente dissertação, para além de tentar perceber quais os espaços associados ao medo, tinha também como intuito compreender quais figuras do medo associadas às experiências de insegurança. Os resultados sugerem quatro figuras sociais específicas que simbolizam ameaça, por estarem de alguma forma relacionada com o crime, que são os toxicodependentes, sujeitos do sexo masculino, o motoqueiro e os grupos de jovens, que são identificados por características de aspeto físico (e.g. tatuagem, falha na sobrancelha) e pela vestimenta (e.g. uso de boné aba reta, bermudas estampadas, uso de chinelos, roupas largas) constituem-se como elementos cruciais na sua identificação. Além disso, a atitude também é um elemento caracterizador destas figuras do medo. Em parte, estes resultados apresentam semelhanças com outros estudos, como por exemplo, o estudo de Machado (2004) em que retrata a figura dos grupos de jovens e dos toxicodependentes como sujeitos geradores de insegurança e em conformidade com Guedes (2016) que também encontra em seu estudo estas figuras como atores da insegurança. Todavia, o presente estudo revela uma figura social que não foi encontrado na pesquisa realizada por Guedes (2016), que é a figura do

motoqueiro, que é bastante abordada pelos entrevistados. Esta figura representa uma ameaça, pois os participantes tem a percepção de que muitos crimes são cometidos por indivíduos que se deslocam em motocicletas (motociclos). Esta figura é diferente do motoqueiro abordado no estudo de Katz (2011), em que realiza uma análise crítica da construção de um pânico moral a um grupo de motociclista foragido no Canadá. Em sua análise ele retrata que os *Outlaw Motorcycle Gangs* são a atual classe perigosa que tem sido objeto de pânico moral no Canadá. Todavia, o motoqueiro referenciado pelos entrevistados deste estudo é aquele indivíduo civil que usa a moto como um meio para cometer atos criminosos, sem estar ligado a uma gangue ou grupos de motoqueiros, de um modo mais concreto, compreende-se que esse nome ‘motoqueiro’ acabou sendo ligado aos assaltos feitos de motocicleta. Este resultado poderia ser aprofundado em estudos futuros. Identificamos ainda o medo por sujeitos do sexo masculino que é experienciado tanto por homens quanto por mulheres, no qual alegam que na maioria das vezes a produção da criminalidade é realizada por homens. Ademais, a percepção que os sujeitos têm do sexo oposto é relacionado à sua vulnerabilidade, pois segundo os entrevistados, o sexo feminino não apresenta ameaça, especialmente ameaça física. Isto corrobora com outros estudos científicos. Lupton (1999), por exemplo, constata que o estranho imprevisível temido pelos sujeitos consiste na figura em um sujeito do sexo masculino.

Do que se tem medo?

Outro ponto bastante reportado pelos sujeitos foi quanto ao medo específico do crime de estupro. Os entrevistados reportaram, em sua grande maioria, que o crime de estupro é o mais temido, principalmente para as mulheres. Observamos que o medo das mulheres entrevistadas é justificado pela forte extensão que o crime de violação sexual acarreta na vida de um indivíduo. O curioso deste dado é que nenhuma entrevistada relatou ter sido vítima deste crime, porém o conhecimento corriqueiro, através da mídia sobre o tema, parece alarmar a percepção das mulheres quanto à sua própria vulnerabilidade e na consequência desta possível vitimação. Estes dados parecem ir de encontro, portanto, ao entendimento que a literatura, especificamente Ferraro (1996), tem observado. De um modo mais concreto, o medo das mulheres neste tipo específico de crime é explicado por Ferraro (1996) e outros estudiosos (e.g. Fisher e Sloan, 2003) pela tese “*The shadow of sexual assault*” que se fundamenta no fato de que as mulheres reportam mais medo, especificamente dos crimes de estupro, por compreenderem que qualquer tipo de vitimação pode transformar em uma

agressão sexual (Hilinski, 2009). Interessantemente, além deste aspecto, na nossa pesquisa, observamos que os entrevistados do sexo masculino também manifestaram ter medo de ser vítima de violência sexual. A maioria relata ter este medo devido ao conhecimento de um caso recente de violação de um homem na região onde residem. No entanto, a literatura retrata que o gênero feminino é o que mais reporta temer este crime tanto pela sua vulnerabilidade como por estarem mais expostas às ameaças de agressão sexual (e.g. Ferraro, 1996; Warr, 1984; Hilinski, 2009). Diante deste dado, observa-se que esta notícia de violação contra um homem pode despertar o medo dos entrevistados. Talvez se este estudo fosse realizado em outro momento o resultado poderia ser diferente. Assim, torna-se fundamental aprofundar este tema ainda pouco explorado na literatura científica.

Contextos Sociais

Outro importante fator revelado nos resultados e que merece discussão foi que o ‘estar acompanhada/o’ é uma medida de segurança adotada pelos indivíduos, pois o estar sós, é percebido como maior vulnerabilidade, sobretudo à noite (e.g. Campos, 2008; Evans, Fyfe e Herbert, 1992; Machado, 2004). Em um estudo conduzido por Warr (1990), o autor demonstra que ‘estar só’ é um condutor do medo, tanto pela maior atratividade como alvo do ponto de vista do criminoso quanto pela ausência de assistência em uma situação de perigo. Este resultado é um aspecto também constatado por Guedes (2016), que observa nos discursos dos seus entrevistados que estarem sós os deixa impotentes. Além deste, o “desconhecido”, em termos gerais, demonstra ser também um elemento significativo no sentimento de insegurança dos indivíduos. Este também é um fato observado por Guedes (2016), que constatou que o desconhecimento dos locais é um elemento que potencializa as experiências de insegurança dos seus entrevistados, sobretudo para os sujeitos do sexo masculino, confirmando novamente as evidências que a literatura tem encontrado de que o desconhecimento com o lugar e com as pessoas que ali vivem traz a sensação de falta de controle da situação, como também evidenciado no estudo de Day *et al.* (2003).

Por fim, outro importante resultado do estudo foi o efeito da vizinhança no sentimento de insegurança. Os resultados sugeriram que este é um elemento fundamental na experiência de insegurança dos entrevistados. Foi constatado que uma boa comunidade auxilia na solidificação do sentimento de segurança dos seus residentes, pois transmite a sensação de controle informal social pelo aumento da vigilância natural dos residentes na comunidade. Este aspecto é igualmente evidenciado pela literatura (e.g. Dammert e Melone, 2006; Villareal

e Silva, 2006), e mais especificamente por Sampson (2012) que postula que uma relação social sólida entre os residentes de uma comunidade é um fator fundamental no sentimento de segurança dos indivíduos.

Experiências de vitimação

Logo depois, pretendíamos identificar como os sujeitos se posicionam frente a uma possibilidade de vitimação, que sentimentos, pensamentos e emoções são expressados diante desta possibilidade e qual o impacto das experiências de vitimação no sentimento de insegurança dos indivíduos. O presente estudo identificou que não há muita diferença na concepção do sentimento de insegurança entre quem já sofreu algum tipo de vitimação direta e quem nunca foi vítima. Observou-se que ambos os grupos (vítimas diretas e indiretas) revelam sentirem-se impotentes face ao crime. Ademais, a forma como manifestam este sentimento de impotência e de insegurança é através de adoção de comportamentos de segurança e mudança de rotina. Relativamente aos entrevistados que experienciaram algum tipo de vitimação direta, constatou-se uma falta de reação no momento do ato ilícito por parte das vítimas, como também constatado por Guedes (2016), que observou nos discursos dos sujeitos vítimas de roubo um bloqueamento do pensamento e ação no momento da conduta criminal. Além disso, no presente estudo, esta experiência revela um fator agravante no estímulo do sentimento de insegurança, uma vez que provoca a perda de confiança nas pessoas, mudança em sua rotina de vida e continuidade da adoção de comportamentos de segurança. Estes resultados reforçam a evidência constatada por Guedes (2016), que observou nos discursos de uma parte dos entrevistados a mudanças de rotina, hábitos e até da imagem que tinham da cidade. Já as experiências de vitimação indireta, o presente estudo retrata que esta vitimação tem um forte impacto no comportamento dos indivíduos, tendo em vista que os sujeitos estão mais expostos a esta experiência, tendo em vista que são corriqueiros no seu cotidiano, como também, constatado por Covington e Taylor (1991) que observaram que a vitimação indireta tem um impacto maior no medo dos sujeitos, principalmente em nível de bairro, pois os indivíduos estão expostos diariamente com a informação da criminalidade. Em suma, o presente estudo constatou que as experiências de vitimação, sendo elas diretas ou indiretas, são elementos significativos no agravamento do sentimento de insegurança. No entanto, a experiência de vitimação indireta demonstra ter um impacto mais forte no medo do crime dos sujeitos, pela exposição diária com esta vitimação.

Relação Mídia e sentimento de insegurança

Posteriormente, a presente investigação procurou, ainda, identificar que relação há entre as notícias de crime e o sentimento de (in)segurança. Os resultados deste estudo demonstram que a mídia é um elemento significativo na construção do significado do sentimento de insegurança. As notícias de crime são fatores que estão relacionados com este sentimento, de forma positiva e negativa. Por um lado, positiva porque é compreendida como um recurso de informação para a adoção de comportamentos cautelares. Por outro lado, de forma negativa, por ser uma influencia na percepção dos contextos físicos e sociais, como por exemplo, a percepção que se tem um bairro. Como identificado no estudo de Guedes (2016), no qual ela postula que os diversos significados atribuídos aos contextos são formulados socialmente, sob influência das experiências de vitimação (direta e indireta) e pelo que é noticiado pela mídia. Além deste aspecto, buscamos também explorar que impacto a mídia (local, nacional e internacional) tem no sentimento de (in)segurança. O estudo revela que a mídia local tem um impacto relevante na insegurança dos indivíduos pela proximidade, semelhança e identificação dos telespectadores com o contexto da reportagem. Ainda, as entrevistas mostraram que pela grande exposição dos meios de comunicação de alguns crimes, sobretudo o crime de estupro, este se torna o crime mais temido pelos indivíduos, tanto para sexo feminino quanto para o sexo masculino. Em suma, a representação da criminalidade na mídia é um elemento fundamental para o estímulo do sentimento de insegurança, como também corroborado por Tyler (1984) e Rogers (2005).

Análise comparativa: Brasil e Portugal

A partir dos discursos analisados nesta investigação e uma análise comparativa com o estudo realizado por Guedes (2016) em Portugal, é possível sustentar que o sentimento de insegurança não está ligado totalmente à ocorrência de atos criminosos, como defendem alguns estudiosos (e.g. Hale, 1996), mas também por outras componentes que sobressaem o simples ato ilícito, pois mesmo Portugal tendo menos índice de criminalidade comparado com o Brasil, há muita semelhança nos discursos, quanto aos contextos que potenciam o medo do crime, como: “noite”, “escuro”, “grupo de jovens”, ‘estarem sozinhos’, ‘lugares desconhecido’, ‘presença de vegetação e lugares abandonados’, dentre outros demonstrados acima. Confirmando uma afirmação de Skogan e Maxfield (1981) que dizem que o crime e o medo são problemas relacionados, porém nem sempre andam juntos. Assim, concluiu-se,

através desta análise comparativa com o cenário português (Guedes, 2016) que o fato de um local haver um índice menor de criminalidade, não significa dizer que os indivíduos que ali residem obtêm uma menor taxa de insegurança comparada a um local com maior taxa de atos criminosos. Portanto, conhecer e compreender a forma como o sentimento de insegurança se constitui, se manifesta e as modificações oriundas por ele na percepção do espaço e no modo de vida dos brasileiros torna-se uma questão fundamental, principalmente para se estabelecer, a partir disso, possíveis projetos de intervenções sobre os contextos encontrados que a predisponham para minimizar este sentimento no contexto brasileiro.

Limitações

Não obstante, o presente estudo não está isento de críticas e limitações. Estudar o sentimento de insegurança e o medo do crime, sobretudo no Brasil não foi uma tarefa simples. A exploração deste objeto subjetivo exigiu muito trabalho. Foram enfrentados muitos desafios no processo de construção desta dissertação, a começar pelo caráter dinâmico do fenômeno insegurança e medo do crime. A cada avanço da pesquisa era uma conquista que impulsionava o desejo por mais descobertas. Cada entrevista realizada era uma batalha vencida. Infelizmente não se conseguiu aceder uma amostra mais diversificada de participantes, por motivo de tempo, mas o que conseguimos não impediu o avanço da pesquisa ou mesmo da sua conclusão. Todavia, embora não tenha sido uma tarefa fácil, é importante pontuar que este estudo retrata novos sinais para pesquisas futuras, nomeadamente o significado atribuído a alguns grupos e lugares específicos. O uso de entrevistas semiestruturada foi, em grande parte, bem sucedido, uma vez que houve participantes que articularam e expressaram pouco suas experiências de insegurança. Felizmente, este aspecto não impossibilitou o avanço da pesquisa. No entanto, podemos melhorar em pesquisas futuras com o acréscimo de alguns pontos que não foram abordados nas primeiras entrevistas e que surgiram nas últimas como, por exemplo, a importância da vizinhança na diminuição do sentimento de insegurança e a figura do motoqueiro.

Importa, ainda, pontuar que nosso estudo é baseado em experiências de sujeitos de algumas cidades do Brasil, nos permitindo explorar a percepção daquelas comunidades específicas. No entanto, para uma exploração mais completa a nível nacional, sugerimos em pesquisa futura a repetição desta metodologia em diferentes localidades do Brasil, com a extensão da amostra heterogênea, para assim, termos uma imagem mais precisa e com nuances deste sentimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akers, Ronald L., Anthony J. LaGreca, Christine Sellers, and John Cochrane. (1987). Fear of Crime and Victimization among the Elderly in Different Types of Communities. *Criminology* 25:487-506.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. 3ª. Lisboa: Edições, 70.
- Bauman, Z. (2008). *Medo líquido*. Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Zahar.
- Baker, M., Nienstedt, B., Everett, R., & McCleary, R. (1983). The impact of a crime wave: Perceptions, fear, and confidence in the police. *Law and Society Review* 17(2), 319-336.
- Bardin, L. (1991). *Análisis de contenido*. Vol. 89. Ediciones Akal.
- Braun, V. & Clarke, V. (2013) *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: Sage. ISBN 9781847875815
- Brites, J. (2010). Percepção de risco e medo do crime na caracterização do espaço físico e social. *Psychologica*, 52(1), 315-325.
- Caiado, R. (2013). *O sentimento de insegurança e a sua interação com a criminalidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa.
- Caldeira, T. (2000). *City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo*. University of California Press.
- Caldeira, T. (1996). Fortified enclaves: the new urban segregation. In *Public Culture*, vol.8, n.2. pp. 303-28.
- Campos, J. (2008). O Sentimento de Insegurança na Cidade do Rio de Janeiro: as Percepções e a Mudança na Rotina de Vida. In: *Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia: Desigualdade na Diversidade*. Porto Seguro.
- Carrera, R. (2014). La investigación cualitativa a través de entrevistas: su análisis mediante la teoría fundamentada. *Cuestiones Pedagógicas*, 23, 187-210.
- Castro, H., Matrak Filho, R. & Monteiro, V. (2011). O sistema de segurança pública e o medo do crime. *Revista Ordem Pública*, 4(1/2), 91-100.

- Cinar, E., & Cubukcu, E. (2012). The influence of micro scale environmental characteristics on crime and fear. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 35, 83-88.
- Clemente, F., & Kleiman, M. B. (1977). Fear of crime in the United States: A multivariate analysis. *Social forces*, 56(2), 519-531.
- Cohen, S. (2002) *Folk Devils and Moral Panics*. 3rd edn, London: Routledge.
- Cohen, L. & Felson, M. (1979). Social Change and Crime Rate Trends: A Routine Activity Approach. *American Sociological Review*. 44, pp. 588-608.
- Covington, J., & Taylor, R. B. (1991). Fear of crime in urban residential neighborhoods: Implications of between - and within - neighborhood sources for current models. *The Sociological Quarterly*, 32(2), 231-249.
- Crawford, A., & Hutchinson, S. (2015). Mapping the contours of 'everyday security': Time, space and emotion. *British Journal of Criminology*, 56(6), 1184-1202.
- Day, K., Stump, C., & Carreon, D. (2003). Confrontation and loss of control: Masculinity and men's fear in public space. *Journal of Environmental Psychology*, 23(3), 311-322.
- Dammert, L., & Malone, M. (2006). Does it take a village? Policing strategies and fear of crime in Latin America. *Latin American Politics and Society*, 48(4), 27-51.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (2012). La investigación cualitativa como disciplina y como práctica. In *Manual de investigación cualitativa* (pp. 43-102). Gedisa.
- Dowler, K., Fleming, T. & Muzzatti, S. L. (2006). Constructing crime: Media, crime, and popular culture. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 48(6), 837-850.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, 20(24), 213-225.
- Dunstan, F., Weaver, N., Araya, R., Bell, T., Lannon, S., Lewis, G., & Palmer, S. (2005). An observation tool to assist with the assessment of urban residential environments. *Journal of Environmental Psychology*, 25(3), 293-305.
- Douglas, M. (1996). *La aceptabilidad del riesgo según las ciencias sociales* (Vol. 111). Grupo Planeta (GBS).
- Evans, D., Fyfe, N. & Herbert, D. (1992). *Crime, policing and place: Essays in environmental criminology*. New York, Routledge Chapman and Hall.

- Fattah, E. (2000). Victimology: Past, Present and Future. *Criminologie*, 33(1), 17–46.
- Farrall, S., Jackson, J., & Gray, E. (2009). *Social order and the fear of crime in contemporary times*. Oxford: Oxford University Press.
- Fernandes & Oliveira. (2012). Medo De Crime E Avaliação Da Polícia: Determinantes de Insegurança em Belo Horizonte. *36º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Social (ANPOCS)*. (Encontro).
- Ferraro, K. (1995). *Fear of crime: Interpreting victimization risk*. New York: State University of New York Press.
- Ferraro, K. (1996). Women's fear of victimization: shadow of sexual assault? *Social Forces*, 75(2), 667-690.
- Ferraro, K. & LaGrange, R. (1987). The measurement of fear of crime. *Sociological inquiry*, 57(1), 70-97.
- Filho & Caminhas. (2009). Medo do crime em minas gerais: um olhar aproximativo de suas causas. In. *XIV Congresso brasileiro de sociologia*, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.
- Fisher, B., & Nasar, J. (1992). Fear of crime in relation to three exterior site features: Prospect, refuge, and escape. *Environment and Behavior*, 24(1), 35-65.
- Fisher, B., & Nasar, J. (1995). Fear spots in relation to microlevel physical cues - exploring the overlooked. *Journal Of Research in Crime and Delinquency*, 32(2), 214-239.
- Fisher, B., e Sloan, J. (2003). Unraveling the fear of victimization among college women: is the “shadow” of sexual assault hypothesis supported? *Justice Quarterly*, 20(3), 633-659.
- Furstenberg, F. (1971). Public reaction to crime in the streets. *The American Scholar*, 40(4), 601-610.
- Gabriel, U., & Greve, W. (2003). The psychology of fear of crime. Conceptual and methodological perspectives. *British Journal of Criminology*, 43(3), 600-614.
- Garland, D. (2008). On the concept of moral panic. *Crime, Media, Culture*, 4(1), 9-30.
- Garofalo, J. (1981). The fear of crime: Causes and Consequences. *The Journal of Criminal Law & Criminology*, 72(2), 839-857.

- Garofalo, J. (1979). Victimization and the fear of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 16(1), 80-97.
- Godoy, A. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, 35(3), 20-29.
- Gomes, S. (2011). Crime na imprensa: representações sobre imigrantes e ciganos em Portugal. *CICS Working Paper*.
- Gregório, J. (2014). A Relação entre a mídia e o crime: Um estudo bibliográfico sobre a mídia, demonstrando como os noticiários retratam o crime violento e as consequências disso para a Segurança Pública. *Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da Fainor*, 7(1), 63-72.
- Guedes, I., Cardoso, C., & Agra, C. (2012). Medo do crime. Revisão conceptual e metodológica. In: Agra, C. (Ed.). *A criminologia: Um Arquipélago Interdisciplinar*, pp. 213-248. Porto: Universidade do Porto.
- Guedes, I. (2012). *Sentimento de insegurança, personalidade e emoções disposicionais: que relações?* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto.
- Guedes, I. (2016). *Medo do Crime: Emergência, Reações Emocionais e Discursos. Contributos para a Utilização de Multi-Metodologias*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.
- Haguet, T. (1992). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Hale, C. (1996). Fear of crime: A review of the literature, *International Review of Victimology*, 4, 79-150.
- Heath, L., & Gilbert, K. (1996). Mass media and fear of crime. *American Behavioral Scientist*, 39(4), 379-386.
- Hilinski, C. M. (2009). Fear of crime among college students: A test of the shadow of sexual assault hypothesis. *American Journal of Criminal Justice*, 34(1-2), 84-102.

- Hunter, A. (1978). Symbols of incivility: Social disorder and fear of crime in urban neighborhoods. In *Annual Meeting of the American Criminological Society*, Dallas.
- Innes, M. (2004). Signal crimes and signal disorders: notes on deviance as communicative action. *The British journal of sociology*, 55(3), 335-355.
- Innes, M., & Fielding, N. (2002). From community to communicative policing: 'Signal crimes' and the problem of public reassurance. *Sociological Research Online*, 7(2).
- Jackson, J. (2006). Introducing fear of crime to risk research. *Risk Analysis: An International Journal*, 26(1), 253-264.
- Jorge, S. (2014). *A construção do sentimento de insegurança de crianças em idade escolar*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário da Maia.
- Katz, K. (2011). The enemy within: The outlaw motorcycle gang moral panic. *American Journal of Criminal Justice*, 36(3), 231.
- Kohm, S. A., Waid-Lindberg, C., Weinrath, M., Shelley, T., & Dobbs, R. (2012). The impact of media on fear of crime among university students: A cross-national comparison. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 54(1), 67-100.
- Koskela, H., & Pain, R. (2000). Revisiting fear and place: women's fear of attack and the built environment. *Geoforum*, 31(2), 269-280.
- Kuhn, A., & Agra, C. (2010). *Somos todos criminosos? Pequena introdução à criminologia e ao direito das sanções*. Porto: Casa das Letras.
- Kvale, S. (1996). Interviews: Na introduction to qualitative research interviewing. London: SAGE, *Chapter 7: The interview situation*, pp. 124-135.
- Kvale, S. (2006). Dominance through interviews and dialogues. *Qualitative inquiry*, 12(3), 480-500.
- Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). *Interviews: Learning the craft of qualitative research*. California, US: SAGE, 230-243.
- LaGrange, R., Ferraro, K., & Supancic, M. (1992). Perceived risk and fear of crime: Role of social and physical incivilities. *Journal of research in crime and delinquency*, 29(3), 311-334.

- Leal, J. (2010). O sentimento de insegurança na discursividade sobre o crime. *Sociologias*, 12(23), 394-427.
- Leite, H. (2015). *As incivilidades e o sentimento de insegurança dos turistas internacionais: Um estudo exploratório na cidade de Lisboa* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa.
- Lewis, D., & Maxfield, M. (1980). Fear in the neighborhoods: An investigation of the impact of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 17(2), 160-189.
- Lourenço, N. (2010). Cidades e sentimento de insegurança: violência urbana ou insegurança urbana. E. A. Pereira Júnior, J. Francisco da Silva e Juliana Maron (org.). *Um Toque de Qualidade. Eficiência e Qualidade na Gestão da Defesa Social*.
- Lupton, D. (1999). Dangerous places and the unpredictable stranger: Constructions of fear of crime. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 32(1), 1-15.
- Manzini, E. (2004). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, 2, 10. Bauru. Anais. Bauru: USC.
- Machado, C., & Agra, C. (2002). Insegurança e medo do crime: da ruptura da sociabilidade à reprodução da ordem social. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, 12(1), 79-101.
- Machado, C., & Manita, C. (2000). Percepções e figuras do medo na cidade do Porto: 2.º inquérito sobre insegurança urbana. *Insegurança Urbana na Cidade do Porto: Estudos Interdisciplinares*. Porto: Centro de Ciências do Comportamento Desviante, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, vol. 3.
- Machado, C., & Manita, C. (2001). "Eles" e "Nós": o discurso directo sobre as figuras do crime.
- Machado, C. (2004). *Crime e insegurança: discursos do medo, imagens do outro*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Maruthaveeran, S., & Van den Bosh, C. (2015). Fear of crime in urban parks—What the residents of Kuala Lumpur have to say?. *Urban Forestry & Urban Greening*, 14(3), 702-713.
- Mason, J. (2002). *Qualitative researching*. Sage.
- McQuail, D. (2013). *Journalism and society*. Sage.

- Mesch, G. S. (2000). Perceptions of risk, lifestyle activities, and fear of crime. *Deviant Behavior*, 21(1), 47-62.
- Minayo, M. C. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Molero, M. (2002). Seguridad urbana y miedo al crimen. *Polis. Revista Latinoamericana*, (2).
- Nasar, J., & Jones, K. (1997). Landscapes of fear and stress. *Environment and behavior*, 29(3), 291-323.
- Navarro, A. (2009). La entrevista: el antes, el durante y el después. In. *La voz de los Otros: El uso de la entrevista en la investigación social*. Buenos Aires: Oicom System.
- Neves, J. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração, São Paulo*, 1(3), 1-5.
- Pain, R. (1995). Elderly women and fear of violent crime: The least likely victims? A reconsideration of the extent and nature of risk. *The British Journal of Criminology*, 35(4), 584-598.
- Pain, R. (2000). Place, social relations and the fear of crime: a review. *Progress in human geography*, 24(3), 365-387.
- Pain, R. (2001). Gender, race, age and fear in the city. *Urban Studies*, 38(5-6), 899-913.
- Pain, R., Williams, S., & Hudson, B. (2000). Auditing fear of crime on North Tyneside: a qualitative approach. In *British criminology conference: Selected proceedings*. Vol. 3.
- Painter, K. (1996). The influence of street lighting improvements on crime, fear and pedestrian street use, after dark. *Landscape and Urban Planning* 35, pp, 193-201.
- Peixoto, A. (2012). *Propensão, experiências e consequências da vitimização: representações sociais*. (Tese de Doutorado). Universidade Nova de Lisboa.
- Perkins, D., & Taylor, R. (1996). Ecological assessments of community disorder: their relationship to fear of crime and theoretical implications. *American journal of community psychology*, 24(1), 63-107.
- Plassa, W & Cunha, M. S. (2016). Sensação de insegurança pública no Brasil: uma análise estrutural das vulnerabilidades e do efeito da vitimização direta. *Economic Analysis of Law Review*, 7(1), 266-290.

- Rader, N. (2004). The threat of victimization: a theoretical reconceptualization of fear of crime. *Sociological Spectrum: Mid-South Sociological Association*, 24(6), 689-704.
- Rêgo, X., & Fernandes, L. (2012). As falas do medo: convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 78, 51-65.
- Reid, L. W., & Konrad, M. (2004). The gender gap in fear of crime: assessing the interactive effects of gender and perceived risk on fear of crime. *Sociological Spectrum*, 24(4), 399-425.
- Roché, S. (1993). *La société incivile. Qu'est-ce que l'insécurité?*. Paris: Seuil.
- Rodrigues, A. (2017). *O impacto das notícias de crime na população Portuguesa*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rodrigues, C. (2006). Civil democracy, perceived risk, and insecurity in Brazil: an extension of the systemic social control model. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 605(1), 242-263.
- Rodríguez, G., Gil, J., & García, E. (1996). Tradición y enfoques en la investigación cualitativa. In *Metodología de la investigación cualitativa* (pp. 23- 38). *Barcelona, ediciones Aljibe*.
- Rogers, T. (2005). Towards an analytical framework on fear of crime and its relationship to print media reportage. *Sheffield Online Papers in Social Research*, 8.
- Romer, D., Jamieson, K., & Aday, S. (2003). Television news and the cultivation of fear of crime. *Journal of communication*, 53(1), 88-104.
- Rountree, W., & Land, K. (1996). Perceived risk versus fear of crime: Empirical evidence of conceptually distinct reactions in survey data. *Social forces*, 74(4), 1353-1376.
- Simões, R. (2011). *Crime, castigo e género nas sociedades mediatizadas: Políticas de injustiça no discurso dos media*. (Tese de Doutoramento em Letras em Ciências da Comunicação). Universidade de Coimbra.
- Sampson, R., Raudenbush, S., & Earls, F. (1997). Neighborhoods and violent crime: A multilevel study of collective efficacy. *Science*, 277(5328), 918-924.
- Sampson, R. J. (2012). *Great American city: Chicago and the enduring neighborhood effect*. University of Chicago Press.

- Sampson, R., & Groves, W. (1989). Community Structure and Crime: Testing social-disorganization theory. *American journal of sociology*, 94(4), 774-802.
- Santos Júnior, A., Dutra, L., & Silva Filho, D. (2007). Levantamento da percepção do medo e do crime em Santa Catarina. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 1(2), 94-119.
- Santos, M. (2012). Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de Uberlândia-MG. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
- Santos, M., & Ramires, J. (2009). Space perception of violence and fear of the residents of neighborhoods Morumbi and Luizote de Freitas in Uberlândia/MG. *Revista Sociedade & Natureza*, 21(1).
- Skogan, W. (1987). The impact of victimization on fear. *Crime e Delinquency*, 33(1), 135-154.
- Skogan, W. G. (1999). Measuring what matters: Crime, disorder, and fear. In Lanworthy, R. (Ed.), *Measuring what matters: Proceedings from the Policing Research Institute meetings*. Research Report. Washington, DC: U.S. Department of Justice, National Institute of Justice and Office of Community Oriented Policing Services. (pp. 37-53).
- Skogan, W. (1986). Fear of crime and neighborhood change. In A.J. Reiss, e M. Tonry, (Eds.), *Communities and crime* (pp. 203-230). Chicago: University of Chicago Press.
- Skogan, W. (1990). Disorder and Decline: Crime and the spiral of decay in American cities. New York: Free Press.
- Skogan, W. (2012). Disorder and crime. *The Oxford handbook of crime prevention*, 173-188.
- Skogan, W., & Maxfield, M. (1980). *Coping with crime: Victimization, fear, and reactions to crime in three American cities*. Reactions to Crime Project, Center for Urban Affairs, Northwestern University.
- Skogan, W., & Maxfield, M. (1981). *Coping with crime: Individual and neighborhood reactions* (p. 272). Sage Publications: Beverly Hills, CA.
- Slovic, P. (1987). The perception of risk. *Science*, 236(4799), 280-285.

- Stanko, E., & Hobdell, K. (1993), Assault on Men: Masculinity and Male Victimization. *British Journal of Criminology*, 33/3: 400-15.
- Taylor, R. (1999). The Incivilities Thesis: Theory, Measurement, and Policy. In. Langworthy, R (Ed.), *Measuring what matters: Proceedings from the policing research institute meeting* (pp. 65-88). Washington, DC: National Institute of Justice.
- Taylor, R. (1996). Neighborhood responses to disorder and local attachments: The systemic model of attachment, social disorganization, and neighborhood use value. In *Sociological Forum*. 11(1), pp. 41-74.
- Taylor, R., Gottfredson, S., & Brower, S. (1984). Block crime and fear: Defensible space, local social ties, and territorial functioning. *Journal of research in crime and delinquency*, 21(4), 303-331.
- Vanderveen, G. (2011). Fear of crime: Its social construction in the Netherlands? *Criminology (Special Issue)*, pp. 40-49.
- Valentine, G. (1992). Images of Danger: Women's sources of information about the spatial distribution of male violence. *Area*, 24(1), 22-29.
- Villarreal, A., & Silva, B. F. (2006). Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods. *Social Forces*, 84(3), 1725-1753.
- Walklate, S. (1998). Crime and Community: Fear or trust?. *British Journal of Sociology*, 550-569.
- Warr, M. (1984). Fear of victimization: why are woman and the elderly more afraid? *Social Science Quarterly*, 65(3), 681-702.
- Warr, M. (1993). Fear of victimization. *Public Perspective*, 5, 25-28.
- Warr, M. (1990). Dangerous situations: social contexto and fear of victimization. *Social Forces*, 68, pp. 891-907.
- Warr, M. (2000). Fear of crime in the United States: Avenues for research and policy. *Measurement and analysis of crime and justice*, 4(4), 451-489.
- Zaluar, A., & Ribeiro, A. (2009). Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca. *Novos Estudos-CEBRAP*, (84), 175-196.

ANEXOS

ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA

Categoria geral	Dimensões específicas	Exemplos de questões
Contextos Físicos, social e temporal e o sentimento de insegurança.	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos físicos: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desordens urbanas; ✓ Vegetação; ✓ Ruas com pouca luminosidade; • Aspectos sociais: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tipos de pessoas: ✓ Mendigos; ✓ Grupo de jovens; ✓ Gangues; ✓ Características específicas destas pessoas ou grupos; ✓ Locais desconhecidos; • Aspectos temporais: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Andar sozinho à noite; ✓ Andar sozinho de dia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Há algum lugar específico que você se sinta mais inseguro? Poderia falar mais desses locais? • Costuma evitar algum tipo de pessoa? Poderia falar mais sobre isso? • O que os leva a evitá-los?
Experiência de vitimação Direta	<ul style="list-style-type: none"> • Impacto que a experiência de vitimação teve no sentimento de insegurança; • A forma como é descrita o processo de vitimação e os sentimentos experienciado durante e após o evento criminal; 	<ul style="list-style-type: none"> • Há algum evento em que foi vítima ou houve a possibilidade de ser vítima de uma conduta criminosa? Poderia falar-me mais sobre isso?

Experiência de vitimação Indireta.	<ul style="list-style-type: none"> Os sentimentos experienciado ao tomar conhecimento que um familiar, amigo ou vizinho tenha sido vítima de uma conduta criminal/delinquente. 	<ul style="list-style-type: none"> Algum familiar, amigo ou vizinho já foi vítima de uma conduta criminosa? Como é que isso a fez sentir? Poderia falar-me um pouco sobre isso?
Medidas preventivas face à insegurança.	<ul style="list-style-type: none"> Que comportamento de segurança os indivíduos realizam no seu dia-a-dia. 	<ul style="list-style-type: none"> Por vezes as pessoas adotam alguns comportamentos para se sentirem mais seguras. Costuma realizar algum comportamento no seu dia a dia para se sentir mais seguir? Poderia falar-me um pouco sobre isso?
Relação dos media e a experiência de insegurança.	<ul style="list-style-type: none"> Frequência de visualização de televisão Tipos de programas; Tipos de notícias que tem mais impacto no indivíduo; Impacto das notícias de crime face aos níveis (global, nacional e local) tem no sentimento de insegurança. 	<ul style="list-style-type: none"> Costuma assistir Televisão? Quais os programas que mais gosta? Costuma ver notícias em telejornais ou jornais impressos? Como se sente ao ver uma notícia de um crime ocorrido fora do Brasil? Tipos de programas costuma ver frequentemente. Como se sente ao ver uma notícia de crime ocorrido em outra cidade? Como se sente ao ver uma notícia de crime ou de um crime específico (como homicídio) no local onde reside? Poderia falar-me mais sobre isso?

ANEXO II

CONSENTIMENTO INFORMADO

O Estudo tem como finalidade explorar os elementos que conduzem o sentimento de insegurança no Brasil a partir de uma abordagem qualitativa.

✂-----

Eu, _____, aceito participar no presente estudo «*Exploração do sentimento de insegurança no Brasil a partir de uma abordagem qualitativa*», conduzido pela investigadora Thaís dos Santos Souza e supervisionado pela Profa. Doutora Inês Maria Ermida de Souza Guedes sua orientadora, da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Mais declaro que fui informado, por escrito e oralmente, da corrente investigação, do seu propósito e do seu teor não invasivo. Foi-me esclarecido tudo o que era necessário sobre os objetivos e as metodologias aplicadas neste estudo e, por nada ter que a recusar, é de minha livre vontade a participação nesta investigação. Informaram-me que a minha participação é anônima e confidencial, e que toda a informação recolhida será utilizada unicamente para fins de investigação científica para os quais foi recolhida.

Foi-me dada a oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas no momento da decisão, sem nada ter a opor aceito que a investigadora explore as minhas informações no âmbito deste projeto. Reconheço que da minha recusa de participação não advém qualquer benefício ou prejuízo, e que posso desistir a qualquer momento.

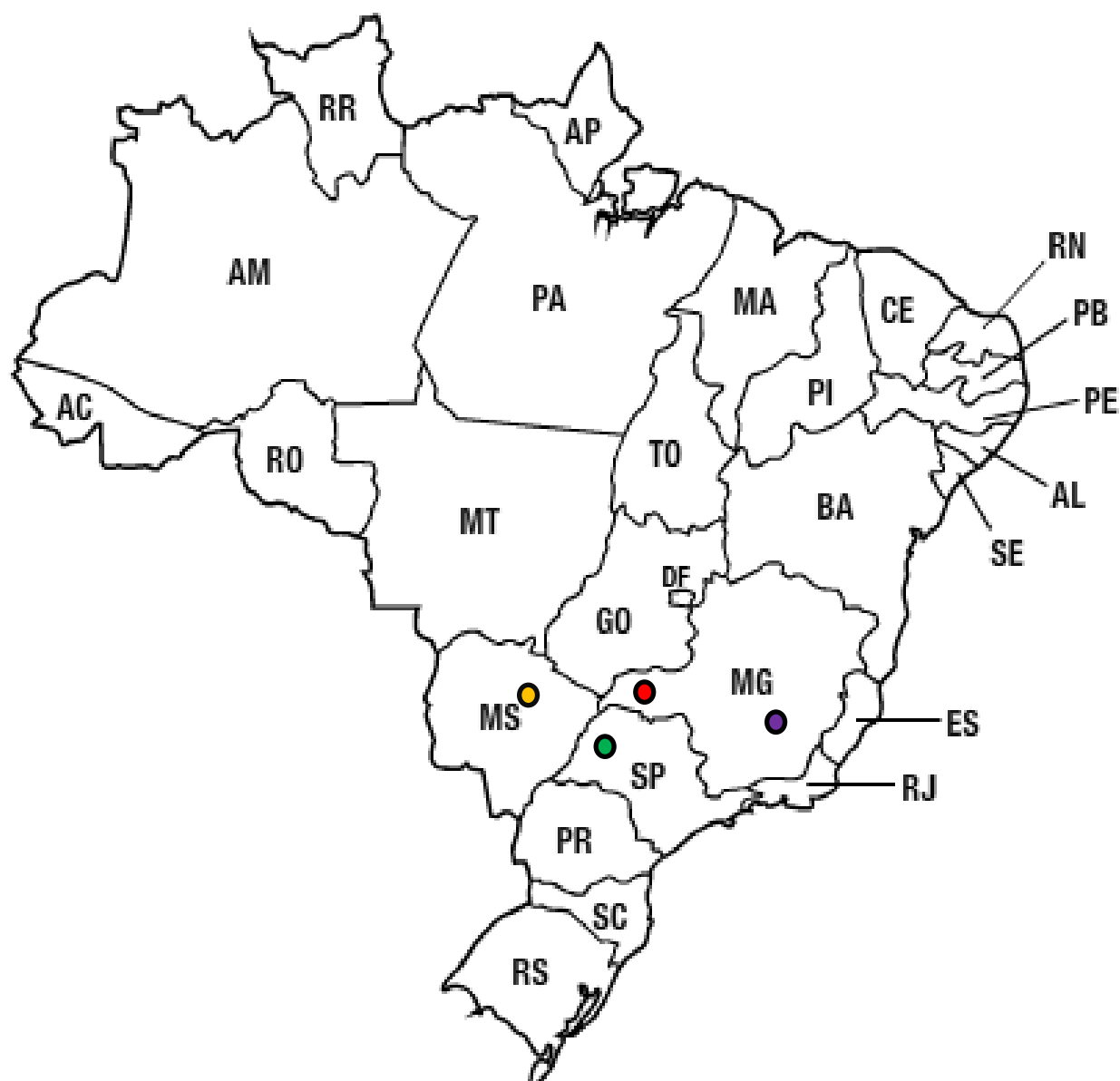
Por ter compreendido o acima descrito e o que me foi explicado verbalmente pela investigadora, aceito participar nesta investigação.

Assinatura

_____, ____ de _____ de _____

ANEXO III

Mapa 1 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA COLETA DA AMOSTRA



LEGENDA:

- Castilho - SP
- Ouro Preto - MG
- Campo Grande - MS
- Uberlândia - MG